CÂMARA DOS DEPUTADOS

HOMENAGEM AO MINISTRO ERNANI SATYRO

Realizada na sessão solene de 1º de junho de 1987 a requerimento do Deputado Evaldo Gonçalves

Oradores: Deputado Evaldo Gonçalves (PFL), Ulysses Guimarães (Presidente da Câmara), Edivaldo Motta (PMDB), Adauto Pereira (PDS), Adolfo Oliveira (PL), Adhemar de Barros Filho (PDT), Heráclito Fortes (na Presidência da Mesa).

Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Publicações

BRASÍLIA — 1987

CÂMARA DOS DEPUTADOS
DIRETORIA LEGISLATIVA
Diretor: *Hélio Dutra*
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
Diretor: *Aristeu Gonçalves de Melo*
COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES
Diretora: *Maria Liz da Silva Braga*

CÂMARA DOS DEPUTADOS
48ª Legislatura — 1º Sessão Legislativa
SÉRIE COMEMORATIVA
Nº 12

Homenagem ao Ministro Ernani Satyro; realizada na sessão de 1º de junho de 1987 / Edivaldo Motta et al. — Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1987.

120 p. — (Série Comemorativa; 12)

1. Discurso parlamentar. 2. Satyro, Ernani — biografia. I. Motta, Edivaldo. II. Gonçalves, Evaldo. III. Pereira, Adauto. IV. Série. V. Título.

CDU 328 (81) (042)

SUMÁRIO 26-08-03

Pág.

ABERTURA

DISCURSOS

ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE *(Ulysses Guimarães)* — Passa-se Srs. deputados, à homenagem que esta Casa vai prestar ao saudoso e modelar homem público, Ernani Satyro.

Antes de conceder a palavra aos oradores que se manifestarão pelos diferentes partidos, registro, para conhecimento dos Srs. Deputados, que se encontra na Casa a Srª Antonieta Satyro, a viúva, minha amiga, a quem apresento, neste instante, renovados sentimentos de tristeza e de condolências, assim como ao Dr. Bertoldo Satyro, filho, a Srª Simone, nora, Celeida, filha, e aos netos Mônica, Guilherme e Marisa Salles, Ernani Satyro Neto, além de amigos e admiradores de Ernani Satyro.

Concedo a palavra ao Sr. Evaldo Gonçalves, como autor da proposição e pelo PFL.



Deputado EVALDO GONÇALVES (PFL — PB)

O SR. EVALDO GONÇALVES (PFL — PB) — Exm.º Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, nobre Deputado Ulysses Guimarães, Sr.ªs e Srs. Congressistas, D. Antonieta Satyro e demais familiares do nosso homenageado, ex-Parlamentar Ernani Satyro, nobre representação do Estado da Paraíba, Deputados Múcio Satyro, Manuel Gaudêncio, Ramalho Leite, Sócrates Pedro, nobre Senador Marcondes Gadelha:

1 — PRESENÇA NESTA CASA

1.1 — Honra à Paraíba e à Nação

Não há quem não dê notícias, nesta Casa, do ex-Deputado Ernani Satyro. Todos que aqui com ele conviveram, nos mais diversos setores, guardam a sua imagem de um homem culto, respeitado, que sempre levava a sério suas responsabilidades de parlamentar. Sua voz e sua ação ainda ressoam nas vastidões deste Congresso e continuam a repercutir junto ao seu povo e junto à Nação. Ninguém mais representativo da sua gente paraibana e dos verdadeiros valores nacionais. Da Paraíba, trouxe a tradição de bravura dos ancestrais e o compromisso impostergável com a sua cultura, suas conquistas sociais e seus padrões de austeridade e espírito público. Nunca desmereceu do seu povo. Viveu uma vida de coerência com que sempre de melhor caracterizou sua terra, em termos de desenvolvimento político e administrativo. Ao lado dos melhores paraibanos, seu lugar de destaque está naturalmente assegurado. É fato histórico.

Quanto ao Brasil, foi sempre dele um grande servidor. Honrou, como poucos suas tradições de civismo. Por onde andou, não envergonhou a Nação. Engrandeceu-a com o seu trabalho e a sua fidelidade aos princípios democráticos e cristãos.

1.2 — Parlamentar por inteiro

Durante sete legislaturas, o que significa dizer, quase três décadas, ocupou aqui cargos relevantes. Líder de Partido, Presidente de Comissões, Relator de importantes matérias; no desempenho desses encargos se houve com reconhecida competência e inigualável espírito de trabalho. Foram a ele cometidas, no decorrer desse seu último mandato de deputado federal, missões as mais difíceis: relator do nosso Código Civil e da Lei de Anistia, além de questões outras de igual importância. Seus pareceres sobre tais matérias, naturalmente polêmicas, foram acolhidos sem maiores divergências. Talento pessoal, força

moral, erudição humanística e jurídica, grande orador, tudo nele somava para que fosse o grande parlamentar que foi nesta Casa de tantas tradições. Está fazendo muita falta aqui, sobretudo quando estamos numa Assembléia Nacional Constituinte, elaborando uma nova Constituição para este País. Seu lugar estava reservado, naturalmente, ao lado de inteligências maiores que engrandecem este Parlamento neste momento histórico da vida nacional.

1.3 — Coerência acima de tudo

Preparou-se Ernani Satyro para conviver com os grandes desafios. Por essas razões, deu-se bem no Congresso Nacional. Soube respeitar sempre as opiniões de seus pares como pressuposto para ser respeitado. E o foi, como ninguém. Mesmo quando assumiu a defesa de idéias e princípios que não contavam com a simpatia de setores ponderáveis deste Congresso. Jamais se inibiu na manifestação clara e inequívoca do que pensava ser certo e justo. Conseqüentemente, o melhor para seu País e seu povo. Era conhecido aqui, e em toda parte, por dentro e por fora. Por ele, as palavras eram empregadas para traduzir realmente os pensamentos. Nada de subterfúgios e meios-termos. Até sua voz grandiloqüente era sinal de que não admitia sussurros, nem cochichos, como forma ideal de comunicação humana. Foi político a vida inteira, sempre no exercício de mandatos populares, sem recorrer a conciliábulos menos dignos, nem a fórmulas incompatíveis com sua formação moral e política. Foram mais de cinqüenta anos de vida pública em perfeita união consigo mesmo. Nunca se violentou no exercício da atividade política, infenso às naturais concessões que, via de regra, marcam o convívio do político com o eleitor. Dizia-se autêntico. Foi mais que isso. Foi permanentemente coerente consigo mesmo. Ninguém gostava mais do que ele de ser político. Preparava-se para novos embates, quando a morte atravessou-se na sua vida e nos seus planos. Há quarenta e oito horas de seu desenlace — maio de 1986 — estivemos juntos aqui em Brasília. Dizia-me entre sério e ameaçador:

> "Olhe, amigo velho, não vou sair agora da vida pública, como muitos desejam. Estou indo à Paraíba na quinta-feira e lá vou decidir sobre o cargo que disputarei em novembro. Avise aos amigos."

2 — CINQÜENTENÁRIO DE VIDA PÚBLICA

2.1 — Biografia em vida

Em 1984, deputado à Assembléia Legislativa da Paraíba, propus que o nosso Estado comemorasse, com o destaque merecido, os cinqüenta anos de vida pública de Ernani Satyro. Tivemos significativas comemorações, por parte da Academia Paraibana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico e do Poder Legislativo Estadual, que fez realizar uma sessão extraordinária,

na qual falei em nome daquela Casa. Produzi um trabalho, cujo inteiro teor solicito à *Presidência* da Câmara dos Deputados que considere como parte integrante deste pronunciamento, para efeito de publicação. Intitulei-o "Auroras que jamais entardecerão" e fiz um apanhado sintético de sua ação administrativa, à frente do Governo do Estado, de sua ação parlamentar neste Congresso Nacional e na Assembléia Legislativa Estadual. Esbocei, igualmente, nesse trabalho, alguns aspectos de sua personalidade, sobretudo sublinhando características de seu estilo de trabalho, como governador. Na condição de seu ex-secretário-chefe da Casa Civil e da Administração, pude, nessa oportunidade, dar meu testemunho sobre o seu governo na Paraíba, que considero, ainda agora, da maior atualidade.

Mereci de Ernani Satyro, quando da publicação de um dos seus últimos escritos "Como se Fossem Memórias", o seguinte depoimento:

> "Até onde possa existir a biografia de uma pessoa viva, a minha já está feita na saudação de Evaldo Gonçalves. De certo modo, foi um bem maior do que o previsto na idéia inspiradora da homenagem: agora não há pressa em morrer, porque minha vida, nos seus aspectos essenciais, já está narrada e interpretada no luminoso ensaio."

Claro que houve certo exagero e indisfarçável generosidade nessa apreciação do ilustre homenageado. Muito há ainda a dizer sobre sua vida e sua obra. Nem seria agora, no curto espaço desta homenagem, que se iria resgatar toda essa dívida. Tempo haverá em que toda a grandeza de sua vida será fielmente retratada e, dessa história, não discreparão, com certeza, este e muitos outros depoimentos, esparsos por aí.

2.2 — Amor à vida...

Uma coisa muito significativa, porém, ele expressou naquele agradecimento: "agora não há pressa em morrer". Quem como nós convivemos, durante muitos anos, com Ernani Satyro, todos sabemos de seu amor à vida, sem que esse apego significasse alienação de sua condição humana, sujeita à inelutável sentença fatal de que somos mortais e a ninguém é lícito imaginar que seja exceção à regra geral.

Claro que sempre foi um realista. Sem deixar de utilizar-se de todas as suas potencialidades para realizar seus sonhos. É uma das suas melhores imagens: "olho para as estrelas com os pés no chão". De outra feita, acrescentou:

> "Nada de pessimismo. Nada de puro sonho. O melhor é sonhar acordado, com os pés no chão, olhando as estrelas."

2.3 — Sem esquecer a morte

Essa sua visão realista da vida não o fazia deslembrado da morte. Tanto é que ultimamente vinha falando muito em escrever suas memórias, e sua obra, "Como se Fossem Memórias", reflete essa sua preocupação em coordenar fatos e episódios relevantes de sua trajetória entre nós. Por outro lado, numa breve nota introdutória à sua última obra "Voltando aos Velhos Caminhos", disse:

> "... para não perder de todo o interesse de minha história, vou soltando estes dados, em que se encontram traços de minha vida, através de outras vidas e de acontecimentos de que participei. O resto virá depois, se vier..."

Conclui dizendo:

> "É bem possível que, no próximo ano mudando de idéia, comece a escrever memórias de verdade, doa em quem doer, até mesmo em mim mesmo..."

Isto foi dito no Natal dc 1985. Antes, em maio de 1984, há precisamente dois anos de sua morte, escreveu seu "testamento" em que disse, entre outras coisas:

> "Meus filhos: espero que guardem de mim uma boa lembrança. Todo cuidado e carinho com sua mãe. Ela foi o maior dom de minha vida. Não fiquem tristes. A morte é um desfecho inevitável."

Ouço o nobre Deputado Edme Tavares, da representação do Estado da Paraíba que, naturalmente, honra o meu pronunciamento.

O Sr. Edme Tavares — Nobre Deputado Evaldo Gonçalves, aparteio V. Exª para evocar o nome de Ernani Satyro como gloriosa expressão de um dos maiores valores da Paraíba e do Brasil. Acredito estabelecer a verdade na expressão de um consagrado autor: a história dos povos é a biografia dos seus grandes homens. Há neste plenário uma luz morta: falta Ernani Satyro. A sua ausência retirou dos quadros humanos da Nação brasileira um dos seus vultos mais notáveis e respeitáveis. Num mundo tumultuado de valores, Ernani Satyro soube altear a sua vida pública sob as inspirações dos sentimentos de civismo. Era a imagem do respeito, do valor humano, da vocação pública, do exemplo, sobretudo quando defendia corajosamente suas idéias e as causas superiores do seu país. Ernani Satyro era um predestinado às grandes alturas. Confesso que dele muito aprendi, e no meu *curriculum vitae* há uma honraria: ter sido líder do seu governo na Assembléia Legislativa da Paraíba. Como numa coincidência do destino, aqui nos encontrávamos na Legislatura passada, para servir à Paraíba e ao Brasil. E de Ernani Satyro novamente recebi lições, como se fora o discípulo continuando a receber lições do mestre.

E nesta homenagem que lhe prestamos, nesta hora de saudade, mais fica patente ao Brasil a falta da eloqüência sábia nesta Casa de Ernani Satyro, o Ministro do Tribunal Superior Militar que soube, com a sua pena e com a sua palavra, proferir sempre a sentença da verdadeira justiça. Do líder que empolgava, do líder que defendia idéias notáveis, como numa previsão do futuro deste País, do mestre, que pode agora o discípulo dizer? Apenas uma síntese da verdade: a História do Brasil recebeu o estadista Ernani Satyro, não somente pelo espetáculo da sua vida, mas também e sobretudo pelo exemplo que ele deixou aos pósteros.

O SR. EVALDO GONÇALVES — Agradeço ao nobre Deputado Edme Tavares o seu depoimento, que incorporo ao meu pronunciamento.

Continuo, Sr. Presidente, nobres deputados do Estado da Paraíba e nobre Senador Marcondes Gadelha:

Outros trechos do seu "testamento" são de uma ternura inefável, quando se refere aos filhos e à sua estimadíssima esposa, D. Antonieta Satyro, a quem sempre considerou o equilíbrio de sua vida.

Todos estamos convencidos de que quando dizia "grande é a vida" é que sempre teve excelentes motivos para viver: talentos pessoais e morais, além de amigos e familiares que lhe deram sempre muitas alegrias. Esforçava-se por ter amizades e sabia conviver com os amigos.

E às vezes quando, por um motivo ou outro, se conduzia com certa aspereza, como me confessou há poucos instantes o Presidente Ulysses Guimarães, na defesa de suas idéias e de seus princípios, S. Exª era o primeiro a restabelecer a amizade, pedindo as necessárias desculpas, como fez algumas vezes com o ilustre Presidente.

Nestes cinqüenta anos de vida pública — deputado estadual, deputado federal e governador do seu Estado — não há quem lhe possa imputar uma falha de caráter. Mais que patrimônio material porventura deixado para os seus, o que ficou mesmo para eles e seus amigos foi um extraordinário exemplo de decisão, espírito público e fidelidade às suas idéias e princípios. Não há quem possa contestar essa transparente realidade.

Mal pressentia que, na véspera da viagem ao seu Estado, a morte ceifaria mais esse seu merecido sonho de continuar servindo à Paraíba. Teria sido eleito, mais uma vez, e estaria aqui conosco com todo vigor de sua invejável inteligência. Os fatos, todavia, conspiraram contra todos nós. Haveremos de encontrar meios para contornar as dificuldades oriundas de sua ausência. Nós, seus amigos, seus familiares, enfim, os que permanecemos fiéis ao seu exemplo.

3 — CONSTRUTOR DE AURORAS

Entendimento unanime, Sr. Presidente e Srs. deputados, esta homenagem que prestamos hoje à memória do insigne homem público Ernani Satyro

ainda está muito aquém do seu merecimento. E por mais que se diga sobre a sua ação parlamentar e administrativa, pouco, muito pouco mesmo, se dirá sobre o que foi e o que fez, em favor do seu Estado e do seu País. O dever, porém, de cultuarmos a memória dos que, como Ernani Satyro, engrandeceram a Pátria, é lição da História que deverá ser preservada, acima de tudo.

Daí a tradição desta Casa: todos quantos têm engrandecido a história parlamentar deste País, além dos registros próprios decorrentes de sessões extraordinárias, como esta, há uma preocupação no levantamento de dados biográficos destinados à feitura de "Perfis Parlamentares", a exemplo dos que já estão honrando a nossa bibliografia.

Ernani Satyro, necessariamente, terá sua vida e sua obra destacadas em estudos bem aprofundados, ao lado de paraibanos ilustres, como Epitácio Pessoa e Castro Pinto, para citar apenas dois, que são objeto dessa importante coletânea de "Perfis Parlamentares", do Congresso Nacional.

Ouço, com muita honra, o nobre Deputado Siqueira Campos, Líder do Partido Democrata Cristão nesta Casa.

O Sr. Siqueira Campos — Obrigado a V. Exª pela referência à minha pessoa, Deputado Evaldo Gonçalves. Muito emocionado, trago a solidariedade do Partido Democrata Cristão ao belíssimo pronunciamento que V. Exª faz, homenageando uma das mais queridas do Parlamento brasileiro. Brilhante, ameno, democrata, dinâmico, Ernani Satyro faz muita falta à vida brasileira, particularmente a esta Casa, neste período de transição. A influência de S. Exª sempre fez presente nos momentos mais dramáticos da vida pública brasileira. S. Exª conseguiu carregar consigo expressivo número de políticos e de líderes, a ponto de mudar as decisões, muitas vezes, quando já nos preocupávamos com os rumos dos acontecimentos. Fico muito feliz que, pela voz autorizada de V. Exª, Ernani Satyro esteja sendo homenageado. porque V. Exª sempre foi um grande admirador do ex-governador, do ex-ministro, do ex-deputado federal e o grande companheiro que deixou tantas saudades a esta Casa. Parabenizo V. Exª pela excelência do pronunciamento e pelos seus termos e, como já disse, associo-me, emocionado, a esta homenagem, porque jamais pude pensar que pudesse estar ausente desta Casa a grande figura de Ernani Satyro.

O SR. EVALDO GONÇALVES — Agradeço a V. Exª, nobre Deputado Siqueira Campos. Sinto-me honrado com suas palavras, que, naturalmente, engrandecem e honram meu pronunciamento nesta tarde na tribuna da Câmara dos Deputados.

Concluo, Sr. Presidente, sei do interesse do atual Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Ulysses Guimarães, e do Presidente do Congresso Nacional, Senador Humberto Lucena, em manter uma tradição desta Casa que, além de fazer justiça aos que a engrandecem com o seu trabalho, denota

uma responsabilidade a mais na preservação dos nossos valores culturais e morais.

Uma circunstância especialíssima merece, afinal, destaque: Ernani Satyro, nosso homenageado de hoje foi duas vezes constituinte. Em 1934, como deputado estadual, na Paraíba, com apenas 23 anos de idade e, em 1946, como deputado federal eleito pela primeira vez. Teria repetido, agora, sua condição de constituinte, com certeza. Todavia, ao mesmo tempo que lamentamos sua ausência, à unanimidade, estamos todos juntos e coesos na exaltação aos seus gestos de grandeza, de que sua vida e sua obra estão refertos. Repito aqui a mesma imagem: quem se dedicou a vida inteira a semear o bem não conhecerá ocasos. Mesmo com o cumprimento da sentença bíblica de que volveremos à terra, as auroras jamais entardecerão. Quem planta o sol colhe alvoradas! Ernani Satyro, repito, é e será um construtor de auroras!!!

TEXTO A QUE SE REFERE O ORADOR:

AURORAS QUE JAMAIS ENTARDECERÃO

Discurso pronunciado pelo Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz, no Plenário da Assembléia Legislativa da Paraíba, quando da homenagem ao Deputado Federal Ernani Satyro pelo cinqüentenário de suas atividades políticas.

SUMÁRIO

1 — O GATO MOURISCO

Sim. Quem não tem o seu Gato Mourisco? Atirem a primeira pedra os que se considerarem imunes, quanto aos efeitos de sua própria fragilidade e limitação. Tudo isso é muito sabido e conhecido. A ninguém é lícito fugir à inelutável condição humana, prenhe de vacilações e receios os mais diversos. Só que muitas vezes tentamos fingir que somos fortes e impassíveis, mascarando situações vexatórias, com gestos de ousadia e rasgos de intrepidez. Nesses momentos, não raro, surgem as naturais objurgatórias, resultantes da nítida consciência de que não obstante nossas faculdades superiores, temos horizontes finitos e condicionamentos irreversíveis. Somos, por isso, autocensuráveis. A fórmula de manifestar essas restrições é que pode variar, assumindo caracterizações as mais diferentes. Em "O Quadro Negro", primeiro romance de Ernani Satyro, ele recorreu à figura do Gato Mourisco para, vez por outra, lembrar ao Dr. Paulo Márcio certas verdades que, nas suas muitas reflexões, lhe passavam despercebidas. Certa vez, a reprimenda do animal foi de tal modo veemente que o advogado de Lagoa arremessou-lhe um chinelo, num ato de violência inconcebível. Foi uma reação natural de quem entendia que "só tem importância o que acontece dentro de mim", como se fosse posssível ao ser humano fugir, igualmente, às pressões de fundo exterior e às chamadas verdades estabelecidas pela sociedade em que se vive.

Deixemos, porém, o Dr. Paulo Márcio. Tomemo-lhe, por enquanto, de empréstimo, o seu animal de estimação para tentarmos explicar as dificuldades em que nos metemos, visando à elaboração deste pronunciamento sobre

a vida e realizações do Ministro Ernani Satyro, quando completa o seu cinqüentenário de vida pública. É que nunca tivemos dúvidas quanto aos merecimentos do homenageado, nem quanto à oportunidade da homenagem. Estivemos pressurosos no requerimento desta sessão extraordinária e especial da Assembléia Legislativa, certos de que se tratava, como se trata, de uma alternativa significativa para realçar-lhe os irrecusáveis méritos de homem público. Nessa iniciativa fomos acompanhados pela unanimidade da Casa de Epitácio Pessoa. Nenhuma discrepância. Nenhuma exceção. Tudo correu dentro das melhores expectativas. A missão não terminaria aí. Haveria de se dar substância ao ato da homenagem, com o perfil do homenageado, à guisa de justificativa para os nossos anais e para a opinião pública paraibana e nacional. Para tanto, nada haveria de ser inventado, nem imaginado. Cumpria a tarefa de levantamento de dados sobre toda uma vida, ainda estuante de grande vitalidade, mas que tinha se exercitado na tarefa de servir durante cinqüenta anos, exatamente de 1934 a 1984. Nada poderia ser omitido.

Apresentavam-se para a análise: um mandato de deputado estadual; investiduras como prefeito da Capital e chefe de polícia; oito mandatos de deputado federal, com ligeira interrupção para o exercício da Magistratura no Superior Tribunal Militar, e um mandato de governador do Estado. Tudo isso, sem se falar de suas participações em lides forenses, perante os mais diversos tribunais, e sua trajetória brilhante no mundo da literatura e do jornalismo.

Reunido o farto material, aí é que entra, de rijo, o nosso conhecido Gato Mourisco, melhor dizendo, do Dr. Paulo Márcio. Afinal, para quê? Ora, pregando-nos uma grande peça. Vejam o que aconteceu. Ficamos, alguns dias, embasbacados, diante de uma tarefa que se nos apresentava acima de nossas próprias forças. É quando o animal aparece e nos diz mais ou menos o seguinte:

> "Muito bem feito. Não tinha porque se meter numa empreitada dessas. Falar do amigo velho é tarefa para outras inteligências e outros talentos muito além dos seus. Conheça seu lugar. Atrevimento e ousadia têm limites. Tudo o que você fez até agora não justifica tanta temeridade. Afinal, a intenção que presidiu a homenagem foi das melhores. Todavia, você não estará à altura da difícil missão de delinear, ao menos, um perfil do homenageado."

Em vão, tentamos explicar ao nosso censor que não alimentávamos, nem de longe, a pretensão de realçar todas as nuanças da vida e obra do Ministro Ernani Satyro, neste pronunciamento, pela sua própria natureza, limitado e aligeirado. Tinha a noção exata de minhas inibições. A esses nossos argumentos, respondeu mais furioso ainda:

> "Não. Aí é onde você mais se engana. Tudo que o amigo velho fez na vida foi obra definitiva e acabada. Não há espaço para interpre-

tações improvisadas, nem parciais. Ou se fala sobre ele com esse espírito, ou se fica calado. A vida e obra de Ernani Satyro não comportam análises apressadas. Veja bem a sua responsabilidade."

Disse isso e se retirou, deixando-nos num embaraço ainda maior. Certo que tudo quanto foi expresso pelo inteligente Mourisco era verdade. Ninguém podia contestar a procedência de sua oportuna argumentação.

No entanto, aprendemos, igualmente, que obrigação existe para ser cumprida. O pior desempenho é ainda melhor do que a mais justificável omissão. Natural e lógico que tudo ocorresse dentro dos melhores parâmetros. Nós daríamos tudo para estar à altura da missão. Não serão, porém, nossas limitações que irão nos inibir, a ponto de nos silenciar em face do receio de não dizermos satisfatoriamente tudo quanto desejamos sublinhar, mesmo convencidos de que o retrato merece um melhor pintor e a obra um analista mais bem preparado. Feitas as ressalvas, que as melhores inspirações desçam sobre nós!

Impõe-se, porém, a ressalva maior: a todos conferimos o direito de concordarem com o Gato Mourisco, antes, durante e depois desta temerária fala. Porque, afinal convenhamos, ele está coberto de razões!!!

2 — CONFISSÕES

Bem. Reconhecidas as nossas dificuldades, melhor saída não há senão recorrer a definições dadas pelo nosso próprio homenageado a respeito de si mesmo. Seria o que nós poderíamos chamar de auto-retrato. Nessa hipótese, todo e qualquer retoque não tem o poder de alterar o essencial. Tudo passa a secundário, enquanto ganha contornos definitivos o perfil traçado pelo próprio homenageado. Pouco interessa o que se possa acrescentar ou diminuir. O chamado depoimento pessoal é de uma importância fundamental e incontrastável. Quem quiser que conteste. É o caminho mais perto para a temeridade do julgamento. Em tal exagero não queremos incidir. A todos nós basta a confissão como instrumento mais que poderoso para a completa definição da personalidade do homem público Ernani Satyro.

E se se tratasse de um introspectivo, com toda certeza que teríamos um depoimento pela metade. Ou pior ainda: alguns murmúrios entrecortados de frases soltas, incapazes de expressar qualquer pensamento.

No caso em análise, ocorre exatamente o contrário. Estamos diante de um temperamento expansivo, em que a nota dominante é a comunicação. Então, não há lugar para intérpretes. Tudo está muito esclarecido e explicado. Bastam os seus depoimentos sobre si mesmo para que tenhamos um conhecimento mais que suficiente de toda a sua estrutura pessoal.

Vejamos como sumariar tais confissões.

2.1 — Grandiloqüência dos gestos

Primeiro que tudo avulta em Ernani Satyro, a deduzir de suas próprias assertivas, uma personalidade fortemente marcada por sólida formação humanística, voltada para o cultivo do Direito, da Literatura e dos interesses públicos. Não se pode deduzir outra coisa dessa proclamação que, por si só, vale como um incontestável autojuízo de valor, feita ao tempo de governador:

> "Não posso fantasiar de economista, nem de financista, nem de engenheiro. Minha formação foi toda ela, quaisquer que sejam suas muitas falhas e limitações, humanística, literária, jurídica. Apenas acontece que ao bacharel, ao escritor, ao político, nunca foi estranha a palpitação das necessidades coletivas. Nunca fui indiferente ao frêmito dos problemas humanos que inquietam e agitam a nossa sensibilidade. E tenho procurado conciliar o meu compromisso público de bem governar com os deveres partidários, de bem comandar, apaziguando, transigindo, menos quando a transigência contraria os interesses do povo, ou quando possa confundir-se com fraqueza."

E termina essa confissão com um desabafo que é muito de seu estilo:

> "Assim me quiseram, assim me terão até o fim."

Não se é possível ser mais claro. Temos aí o que se poderia chamar de retrato fundamental. O nosso homenageado, Ernani Satyro, por onde passou, foi sempre com as mesmas características: autêntico e aberto, incapaz de amortecer as tendências ou de violentar as preferências. Diante dele, nada se deduz. Tudo se sabe. Não obstante ser um grande hermeneuta do Direito e da psicologia humana, nunca precisou de ninguém para decifrá-lo. Sempre usou as palavras para traduzir e não esconder os seus pensamentos. Também, se o quisesse, não conseguiria. Pensa e fala também com o físico, sobretudo com as mãos, os olhos e a grandiloqüência dos gestos.

Essa autenticidade não lhe diminuiu a resistência, nem a coragem para enfrentar os desafios por maiores que fossem. A todas as provocações respondeu sem titubeios, nem vacilações. As tempestades, que se antepuseram a sua caminhada, serviram tão-somente de estímulo para alcançar mais depressa os objetivos colimados. Essa a dedução natural dessa sua outra confissão:

> "De uma coisa estejam certos os exasperados de qualquer dos partidos políticos: ninguém me arredará do meu caminho. Governarei o meu Estado, se Deus quiser, até o último dia, com a mesma fé, o mesmo devotamento e o mesmo espírito de sacrifício. Minha vingança é esta: não poderão os exasperados nem os inconformados de toda a natureza, destruir a obra que está sendo construída, catalogada, fotografada, documentada."

2.2 — Predisposições benfazejas

Nenhum testemunho maior de obstinação na defesa das causas que abraçava. Desde cedo, demonstrara essa invejável disposição de luta, aliada a uma fidelidade extrema aos seus princípios e ideais. Empolga vê-lo falar de seus primeiros contatos nesta Capital, no ano de 1924, quando foi trazido para estudar pelo pai, major Miguel Satyro, ex-deputado e chefe político, durante muitos anos, em Patos. Seu deslumbramento foi sobretudo com a paisagem que iria depois povoar: Hotel Globo, onde se hospedavam os políticos da época, Palácio do Governo, Assembléia Legislativa e jornal *A União*. Trazia dentro de si predisposições bem cultivadas e suficientemente amadurecidas para se afirmarem nos naturais embates que iria prematuramente enfrentar.

Dessa viagem que empreendera à Capital do Estado, fizera muitas referências. Uma delas:

> "Não vou descrever essa viagem. Não há tempo, nem espaço agora. Mas todos podem avaliar, e muitos terão sentido o deslumbramento de um menino sertanejo, que vê um trem pela primeira vez. Trem, navio, mar, tudo isso era para mim palavras mágicas..."

Mais adiante, comenta:

> "...Outras descobertas viriam. Hotel Globo, Palácio do Governo, gelo, sorvete, Parque Arruda Câmara, o próprio Colégio Diocesano, onde ficaria interno durante três anos, redação de *A União*, estátua de Álvaro Machado. De tudo isso tinha informações, leitor constante que era dos jornais da Capital."

Seu depoimento, porém, mais expressivo, se destina à Assembléia Legislativa, onde chegaria aos 24 anos de idade, exatamente há cinqüenta anos, com invejável experiência forense e uma sólida formação jurídica e literária, sucedendo a seu pai, como parlamentar e político.

Sintetizemos, tanto quanto possível, suas reminiscências reiteradamente registradas em oportunidades várias, a respeito da nossa Assembléia Legislativa:

A primeira delas:

> "Desde muito moço, quando estudante do Liceu, fui um assíduo freqüentador da Assembléia. Nesse tempo ela funcionava no primeiro andar do teatro. Seu presidente era Inácio Evaristo, também presidente da Câmara Municipal. Primeiro-secretário e líder do governo, Antônio Galdino Guedes. Segundo-secretário, Celso Mariz e líder da oposição, Isidro Gomes."

Em outra oportunidade, confirmando suas qualidades de memorialista, falou assim sobre importantes vultos do nosso Poder Legislativo:

> "Na minha conversava com o velho Celso (Mariz), relembramos várias figuras da Assembléia, daqueles tempos. Irineu Joffily, barba-

do, mais gritando do que falando, sempre a defender a causa dos *humildes*. Antônio Galdino Guedes, o equilíbrio da Casa. Bom jurista, bom expositor, tinha ficado famoso como promotor público da Capital. Isidro, Neiva de Figueiredo, Botto de Menezes, Generino Maciel, Gambarra (velei o cadáver branco de Sadi), Silva Mariz, esses eram as estrelas, nos tempos em que eu gazeava as aulas para peruar os trabalhos da Assembléia. Entrava na sala dos deputados, conversava com eles, perguntava por tudo. A tanto me animavam as prerrogativas de filho de ex-deputado, chefe político e sobrinho do deputado Pedro Firmino, pai do primo Gayoso. Tinha entrada livre."

Sobre sua afinidade com a política, mesmo antes de chegar à Capital do seu Estado, o Governador Ernani Satyro dá um depoimento definitivo, quando escreveu:

> "...filho de chefe político, neto de políticos, descendente de deputados estaduais, sempre tive os olhos abertos para os acontecimentos, os jornais, as coleções de almanaques. Desde muito pequeno freqüentei as secções eleitorais. Em nossa casa se hospedavam quase todos os políticos do sertão que vinham para a Capital, a cavalo: José Pereira, José Queiroga, Felizardo Leito, José Gomes de Sá, padre Aristides, padre Sá, Silva Mariz, José Vicente, Sabino Rolim — toda essa gente eu vi, e ouvi desde a infância. Eram os coronéis e os doutores importantes do sertão, entre os quais figurava meu pai."

Ora, não será preciso ir muito longe, diante de tantos fatos, para se concluir que o nosso homenageado de hoje dispôs de toda uma infra-estrutura psíquica, econômica, intelectual e familiar indispensável para que pudesse, como pôde, alçar os vôos a que estava destinada sua privilegiada inteligência. Nunca lhe faltaram, igualmente, vontade e espírito de luta. Reconheçamos!

2.3 — Auroras que não anoitecem

Curioso é que, pelas condições herdadas, o Ministro Ernani Satyro tinha tudo para se quedar numa atitude conformista, muito própria dos que, seguros de si, não investem em favor dos outros. Repeliu, tanto quanto lhe foi possível, a acomodação ditada pelo egoísmo. As oportunidades que a vida lhe deu, somadas com as que conquistou pelo seu trabalho, tudo manipulou proficientemente para que o seu universo tivesse a dimensão do interesse comunitário. Isto, todavia, não foi construído sem sacrifício, nem luta. Sempre fez a sua parte. Foi bem-sucedido em tudo, porque Deus e os amigos fizeram também a sua. Não há quem possa resistir a essa conjugação de forças. Pode-se não chegar a santo. Para tanto, muitas vezes, só há participação de nós próprios. Daí a raridade do fenômeno. Para se responder, por outro lado, satisfato-

riamente, aos desafios da vida, impõe-se uma divisão de responsabilidade e de trabalho. Quando essa correlação de forças ocorre, em termos de doação em favor do interesse público, o sucesso é inelutável.

Vejamos o que diz o nosso homenageado, em termos de luta e trabalho:

> "...se grande é a vida, dentro da vida o mais importante é lutar. De minha parte, enquanto me restar uma gota de energia, estarei lutando."

Não é diversa a conclusão dessa outra afirmativa enfática sobre o seu temperamento inconfundível. Escreveu-a quando estava prestes a findar seu mandado de governador:

> "...voltarei, se quiser, quando quiser e como quiser, ao palco de nossas lutas partidárias, com mandato, sem mandato, por mandato ou mesmo sem qualquer reivindicação pessoal. Apenas para participar. A participação é o meu destino. Não vim ao mundo apenas para testemunhar. Vim para pugnar, acusando ou defendendo, julgando, executando, construindo e humanizando."

Bela definição de seu estado de espírito: "participar é o meu destino". Isto significa dizer que nunca foi um contemplativo, nem um místico. A sua inquietação sempre esteve voltada para o mundo e suas angústias. Mesmo consciente de suas limitações humanas às soluções que se apresentavam válidas para atenção dos desajustes coletivos, emprestou todas as forças disponíveis de sua ação e de sua inteligência.

Esta a conclusão que se tira dessa sua confissão:

> "Pequeno, muito pequeno, é o meu poder de decisão, nos grandes problemas do meu País. Ninguém, no entanto, mais do que eu, empenha todo o ser em tudo aquilo de quanto participa. Nervos, sangue, espírito, coração, eu todo estou em tudo quanto faço."

Vale a pena repetir: "estou em tudo quanto faço". Melhor caracterização não poderia existir de sua total e integral adesão às causas e realizações a que se entrega. Mesmo admitindo, como admitiu, a existência de vocações múltiplas em uma única pessoa, com essa profissão irrestrita de entrega às suas tarefas, não houve qualquer contradição. O que quis significar, antes de tudo, é que, quando praticou Direito, o fez com todo devotamento. Quando fez Literatura, deu tudo de si para o êxito do mister. Quando se entregou à política, a adesão foi incondicional. Parece-nos, então, ser essa a interpretação do que foi dito: "estou todo em tudo quanto faço".

Claro que com essa disposição de luta e essa capacidade de trabalho nunca subestimou os percalços, nem escondia a consciência dos riscos. Jamais foi um ingênuo para desconhecer os perigos a que se expunham todos quantos

enfrentassem os desafios da vida. Há uma sua assertiva sobre tais contingências que vem muito a propósito repetir:

> "Nos dias que correm (ou sempre foi assim?) ou se vive perigosamente, ou se deixa de viver. O perigo é companheiro inseparável do homem. De todos os seres vivos. Dentro da escala zoológica, tudo é perigo, é desafio, é combate."

A prova está robusta e, talvez, nada devesse ser mais acrescentado. Há, contudo, um outro seu desabafo que não pode deixar de figurar nessas suas confissões. É quando pede um pouco de paciência aos mais moços, a fim de que possa ultimar sua missão. É uma das muitas apreciações que sempre gostou de fazer sobre a importância dos momentos de que se dispõe, dentro do entendimento de que nada nesta vida se repete. Há de se emprestar a todos eles a importância dos fatos únicos e insubstituíveis. Ficou assim descrita essa sua humana e lúcida preocupação:

> "...apenas pediria a alguns exasperados e insofridos que tenham um pouco de paciência. Eles são moços e eu já sou velho. Sua hora chegará, plena de luz e fulgor. Só não queiram tomar os minutos que restam da minha, porque esses eu não os dou. Defendo-os com as forças do meu espírito, do meu sentimento e da minha obstinação. E a Paraíba não havia de querer-me, se eu não fosse assim. Eu já entardeci. Não queiram que anoiteça antes do tempo, porque não anoitecerei. O tempo que Deus me conferiu, com a sua misericórdia, procurarei consolidar com meu trabalho e esse tempo eu o cumprirei."

Quem sabe viver de auroras jamais anoitecerá. Não serão capazes os ciclos dos dias e das noites de alterar a disposição de luta e de trabalho dos que só pensam no amanhecer. No amanhã festivo e feliz, fruto das mãos dadas na sagrada missão de transformar o tempo em ato de construção para todos! Salve as auroras que jamais anoitecerão!

E os construtores de auroras jamais sequer entardecerão, pois terão sempre a seu favor o clarão das alvoradas a iluminar os seus dias e, com o seu exemplo, as gerações futuras.

Ernani Satyro é um dos nossos construtores de auroras!

2.4 — Segredo da longevidade

Injusto se pensar que, dada essa sua reconhecida disposição de luta, Ernani Satyro seja um desvairado afeito à violência e à imoderação de gestos. Foi caminho que nunca palmilhou, embora nunca tenha recusado enfrentar vicissitudes as mais temerárias. Nunca cultivou ódios, nem foi adepto da vingança ou das retaliações pessoais. Manteve-se, habitualmente, quaisquer

que tenham sido as provocações, em posições de rígido equilíbrio e elogiada moderação. Não bastassem os exemplos que deu de todos conhecidos, essa sua declaração confirmaria o alegado:

> "Pelo menos uma verdade posso proclamar: sou um coração sem ódios. Não sou bonzinho. Os bonzinhos são iguais aos mauzinhos. Não sou nada. Provocado, reajo. Mas nunca as minhas razões foram além dos limites éticos e legais".

Ninguém, talvez, mais injustamente combinado, como governador do Estado, do que Ernani Satyro, nosso homenageado de hoje. Nesta Assembléia, quando do exercício do seu mandato de chefe do Executivo estadual, foi feita uma composição aguerrida à sua ação política-administrativa. A imprensa a tudo divulgou, sem restrições ou censuras de qualquer natureza. Sempre foi o ministro Ernani Satyro um liberal com relação às liberdades fundamentais da pessoa humana, notadamente no que tange ao direito de informação, através de uma imprensa livre.

Não deixou uma acusação sem resposta. Fazia questão de, além dos meios usuais de divulgação, escrever, semanalmente, sobre assuntos que exigiam esclarecimentos relacionados com a sua administração.

Em momento de maior tensão, escreveu:

> "Também como governador não tive nem terei outra orientação. Recorri sempre à lei. A ela continuarei recorrendo, até o último dia de meu mandato, para combater todos os atos ou palavras que atentem contra as instituições, contra a probidade administrativa ou contra a honra e a dignidade de qualquer detentor da autoridade pública. Quanto a isso, ninguém se engane."

Inegável o seu senso de autoridade. Se nunca extrapolou de sua competência e equilíbrio, também, por outro lado, nunca transigiu com a ofensa ao princípio da autoridade e o desrespeito às instituições. Seu compromisso sempre foi com a ordem constituída, contra a qual não admitia violentações. Daí o desafio lançado na advertência de que ninguém se enganasse quanto a sua invencível disposição de submeter todos ao império da lei.

É dentro dessa mesma ordem de idéias que, igualmente, deixou expresso o seguinte, destacando sua cordialidade:

> "...sempre tratei bem a todos, embora libertando, de vez em quando, um gesto de impaciência. Algumas divergências que surgiram estão relacionadas mais com atitudes dos divergentes ou com atos de governo do que com o tratamento pessoal. Sempre fui cordial com todos. Não quero renovar discussões. Limito-me a ressalvar a lhaneza de minha conduta. Gestos de reação, em determinados momentos, sempre os tive e terei até morrer, mas nunca pratiquei deliberadamente, contra ninguém, uma ofensa injusta."

Nunca foi de guardar rancor. Nem tampouco de elogio fácil. Também, como disse certa feita, nunca foi neutro. Sempre soube tomar partido. Se pudesse ter todos ao seu lado, mesmo sem discriminar, os teria. Por outro lado, aceitava ter todos contra ele, contanto que admitisse estar certo. Pouco importavam os aplausos ou os apupos. Afastou sempre de si a angústia da indecisão e o pavor da indefinição. É difícil conceber que tenha conseguido tanta longevidade política sem fazer concessões demagógicas. Nunca cortejou a popularidade. Interessou-lhe, isto sim, o apoio e a confiança do povo. Todo tempo pareceu o que é. Sem ódios, cordial, mas sem transigir com os princípios da ordem e de autoridade. Nesse equilíbrio, sim, quem sabe, encontramos o segredo dessa sua singular e longa presença na vida pública do nosso País.

2.5 — Chão de estrelas

Tal equilíbrio também foi resultado de seu estilo pragmático de ver e fazer as coisas. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Os extremos se tocam para se anularem. A perpetuidade está no meio. Este o sentido da "aurea mediocritas" de que nos fala Aristóteles. Ernani Satyro exercitou e o vem fazendo até hoje, tanto quanto lhe tem sido possível, o difícil mister de contrabalançar o ideal com o real, o desejado com o factível. O que é da terra e o que é do céu, realizando o seu "chão de estrelas", como imaginou ou sugeriu o poeta popular, Orestes Barbosa, numa das mais apreciadas canções do nosso cancioneiro nacional.

É um dos atributos de que mais se ufana: a objetividade. Definiu-se assim, sobre essa questão:

> "Sou um homem objetivo. Já disse muitas vezes que costumo olhar para as estrelas, com os pés no chão. Puxo mais para o otimismo, sem enterrar a cabeça no chão, quando ameaça a tempestade. Realista. Realista, sem deixar de ser idealista. Esta tem sido a minha posição diante da vida."

Todos quantos com ele conviveram e convivem têm consciência da procedência desse seu autojulgamento. Para que não restassem dúvidas, em outra oportunidade, disse a mesma coisa, com outras palavras:

> "Costumo dizer que sou um otimista realista. Nada de pessimismo. Nada de puro sonho. O melhor é sonhar acordado, com os pés no chão, olhando para as estrelas."

É fórmula mais do que eficiente para que se possa realizar quase tudo na vida. Não diria tudo, para não exagerar. A primeira premissa é rica em sugestões construtivas: não somente sonhos porque destes só são feitos os devaneios. Não que não sejam necessários e úteis. Todavia, haverão de ser sonhos conscientes e lúcidos que se diferenciem dos desvarios e das fantasma-

gorias. Ademais, terão de ser impregnados do necessário realismo que os discipline e os adeque às possibilidades disponíveis.

O toque mágico final é dado pela sensibilidade que se deve ter para o transcendental, que está presente a toda ação humana, na medida em que represente um acréscimo à obra da Criação. Há de se olhar para as estrelas, não só porque têm luz e vida próprias, mas sobretudo pelo testemunho que dão de que há algo de superior e nobre neste Reino, que não é só da Dinamarca...

Não escapa à observação de ninguém, o entendimento, por outro lado, de que as estrelas estão sempre presentes na História dos povos, das gentes e do próprio homem. O nascimento de Cristo está associado à estrela dos Reis Magos; a Astrologia não pretende ir além das definições de influências na vida humana, numa caracterização mais científica do que o pretendido poder dos horóscopos. Daí, para a admissão de que todos nós temos a nossa estrela particular, a nos proteger ou nos molestar, segundo os fados, tudo aconteceu muito rápido.

Dentro dessa concepção, Ernani Satyro tem depoimentos bem esclarecedores a respeito de sua própria estrela, a que sempre se referia como não sendo brilhante. Mas era constante, embora explicasse:

> "...isso não significa dizer que eu deixe a estrela trabalhar sozinha. Ah, isso não. Procuro fazer a minha parte, como mandam as Sagradas Escrituras."

Complementando, em outra oportunidade, escreveu:

> "Assim faço eu com a minha humilde estrela. Ajudo-a, converso com ela, pergunto pelas novidades, dou e recebo informações."

Não nos surpreende esse diálogo com as estrelas, pois o poeta Olavo Bilac ficou famoso, dentre outras inspirações geniais, com o seu "ora direis, ouvir estrelas", citação obrigatória de toda a sua modelar obra poética.

Contudo, nenhum gesto mais tocante de reconhecimento dado pelo então Governador Ernani Satyro quando a se referir a todos quantos, de forma direta ou indireta, contribuíram para o êxito da sua ação administrativa e política, falou assim:

> "É longa e penosa a tessitura de uma obra de governo. Ainda bem que muitas mãos a ajudam — mãos visíveis ou invisíveis, ruidosas ou silentes, humildes ou arrogantes. Sei que os dois milhões e meio dessas mãos estão do nosso lado, do lado da Paraíba, qualquer que seja a cor de suas bandeiras. As que não estiverem conosco, serão cobertas pelo mar de nossas mãos."

E concluiu:

> "Dá uma vontade doida de terminar cantando uma balada de Fernando Pessoa, o poeta máximo da Língua: as fadas são belas e as estrelas são delas..."

Presente maior não poderia desejar para seus coestaduanos do que uma boa estrela para cada um. Boa e auspiciosa. Não seria somente um mar de mãos. Seria um chão paraibano de estrelas. Não teríamos só operosas fadas. Estariam conosco, para todo o sempre, os bons fados. Acontece que isso não ficou somente nos domínios dos seus desejos e de suas promessas. O sumário de obras e realizações que se segue nos dá a medida exata de todo um esforço consciente e obstinado em favor das melhores causas deste Estado e do País. Vejamos então:

3 — ESTILO DE GOVERNO

Poder-se-ia dizer que, com a sua formação humanística, jurídica e literária, Ernani Satyro estaria preparado unicamente para a vida parlamentar, como sobejamente demonstrou, e como veremos oportunamente. Nunca para ser um bom administrador. Antes de ser governador tinha realizado grande e longa experiência, como deputado federal e estadual, assim como notabilizou-se como advogado e tribuno no Júri, isto sem se falar na sua passagem pela Magistratura federal e pela administração estadual, como secretário de governo. Claro que desejou ser governador do seu Estado muito mais cedo. As dificuldades foram grandes. Houve um episódio que culminou com a sua renúncia à vida pública, através da desistência de sua candidatura a deputado federal. Circunstâncias históricas obrigaram o seu retorno, em face do entendimento de que sua presença no Congresso Nacional era indispensável.

Não chegou ao governo do nosso Estado, todavia, jejuno em administração. Tinha sido secretário e presidente de partido nacional e havia exercido a liderança de bloco e bancada parlamentares, o que lhe obrigou a conviver com o poder e com a administração, como um todo. Seu conhecimento da política e dos problemas do Estado lhe deu a segurança e a tranqüilidade necessárias ao desempenho de tamanhas responsabilidades. Alie-se a tudo isso o prestígio de que desfrutava na área da administração federal pela longa convivência imposta por sucessivos mandatos de deputado. Temos aí um quadro quase perfeito de ótimas condições, capaz, por si só, de assegurar o êxito de qualquer gestão administrativa, quanto mais que a ele não faltavam, por parte de seu beneficiário, acendrado espírito público e sistemática capacidade de trabalho e de organização.

Este o governador que a Paraíba recebeu para as tarefas de administrá-la no quadriênio 1971/1975. Estas as circunstâncias que o acompanhavam auspiciosamente para a grande missão. Tarefa difícil será sumariá-la, em virtude dos muitos caminhos que palmilhou, buscando respostas às aspirações populares. Tentaremos fazê-lo.

3.1 — Rotina de trabalho

Ao assumir o governo do Estado, fez questão de imprimir a sua marca pessoal a tudo que fazia. Personalidade existia para ser usada. Transigência

e tolerância não significam abrir mão de caracteres inerentes a cada pessoa, como criatura humana. Dentro dessa concepção, o Governador Ernani Satyro cuidou logo de ocupar os espaços com o seu jeito todo pessoal de quem sabia o que queria e o que o povo esperava de sua ação. Nada de arrumar a casa. Não havia tempo a perder. Mãos à obra era a palavra de ordem. Por que não dizer?: era a ordem.

As manhãs eram sagradas, todas dedicadas aos trabalhadores com despachos rotineiros com todos os secretários. Tempo limitado; objetividade nas exposições, rapidez nas decisões e cobranças de tarefas. Estas as características fundamentais dos encontros matinais com a administração.

As tardes eram dedicadas aos expedientes públicos. Era a vez dos deputados, prefeitos, lideranças classistas, autoridades, amigos e também gente do povo. Aqui recebia as queixas, as sugestões, as reivindicações da classe política e as inspirações do mundo exterior. Recolhia-as, e delas tirava as melhores lições em termos de benefício coletivo. Tudo se desenrolava mais ou menos obedecendo a uma cronologia imperturbável, em função do maior e melhor rendimento dos trabalhos. Ainda tinha tempo para se inteirar da correspondência oficial e para as leituras que lhe ocupavam as madrugadas e os começos das noites. Tempo é que não lhe faltou, nem, mesmo para as conversas informais com os amigos, donde extraía informações e inspirações para a sua obra de governo. E os artigos publicados aos domingos? Foram de uma regularidade impressionante. Assim se passaram os quatro anos. A quebra dessa rotina de trabalho ocorria por conta das viagens ao Centro-Sul à cata de recursos, ou para inspeção de obras no interior.

Passados nove meses de governo já podia dizer prazenteiro o nosso homenageado:

> "Como declarei várias vezes, aqui na Paraíba não houve essa história de arrumar a casa para depois começar o trabalho. Com uma das maõs se arrumavam as coisas, com a outra já se ia trabalhando. Assim é que, em nove meses de governo, já concluímos mais de cem obras, a grande maioria totalmente da atual administração. No aniversário do governo, a 15 de março, teremos chegado às 150. Tudo bem contado, relacionado, medido e pesado. Ao lado disso temos resolvido os compromissos do Estado, externos e internos. Pagamos já, integralmente, os dez milhões de cruzeiros que tomamos ao Banco do Nordeste, para enfrentar o primeiro grande desafio: prestação do Anel do Brejo e pagamento do funcionalismo, sabido que não encontramos dinheiro para isso."

Uma outra coisa com que se acostumou logo, ao assumir o governo, foi conviver com os técnicos. Havia quem afirmasse, antes de sua posse, que Ernani Satyro, um político a vida inteira, jamais teria paciência para tolerar a tecnoburocracia que dominava então todos os setores da adminis-

tração pública. Sobretudo na área federal. Tal incompatibilidade iria trazer sérios prejuízos ao nosso Estado, em termos de captação de recursos para obras importantes ao nosso desenvolvimento.

Ledo engano. Não é que tenha se transmudado em técnico, de uma hora para outra. Não. Sempre fez questão de afirmar que era um político. Um político, porém, para a hora das decisões. Antes delas, se sentia obrigado a se assessorar bem, a fim de que pudesse decidir ainda melhor, na hora oportuna. Não era de fugir às responsabilidades das decisões, que não transferia a ninguém. Todavia, gostava de ouvir seus auxiliares, assim como se acostumou com as exigências técnicas dos órgãos federais, relativas a projetos de viabilidade econômica, prioridades, etc.

É seu esse comentário:

> "Meus dias têm sido de trabalho intenso. Audiências e mais audiências, sejam as que concedo, sejam as que me concedem. Atualmente, nada se consegue sem projetos específicos, objetivos, com todos os elementos e dados à mão. Mesmo para as obras construídas às expensas do Estado, é necessário apresentar o projeto de viabilidade econômica, obter a aprovação dos órgãos federais de planejamento. Sem isso, não se conseguem os empréstimos. Antigamente a escola era risonha e franca. Bastava se ter prestígio e pronto."

Essa sua compatibilização com as exigências da época denota uma sensibilidade política a toda prova, aliado ao que se poderia chamar de bom senso. Percebeu muito bem que para servir ao seu Estado, como governador, a oportunidade era única, e todo esforço construtivo era pouco para provar na prática o que tinha defendido, com tanta ênfase, nas tribunas dos parlamentos.

No final, o método de trabalho aprovou. Um sem número de realizações surgiram, como por encanto, povoando as nossas paisagens e diminuindo o nosso déficit social na condição de filhos de um Estado pobre do Nordeste.

Mais tempo houvesse, mais realizações feitas em favor da Paraíba. A consciência, com certeza, lhe diz que fez tudo o que pôde fazer. E foi muito em termos de desenvolvimento social e econômico, não obstante a escassez dos recursos.

3.2 — Autoridade

Uma outra característica de que não abriu mão nas suas ações de governo: a autoridade de governador. Conhecedor das tradições de civismo e bravura do povo paraibano, só entendia governar com o exercício total e irrestrito das funções em que estava investido. Autoridade ou se tem, ou não se tem. Não há autoridade pela metade. Era assim que entendia o Governador Ernani Satyro suas responsabilidades de mais alto dignitário do Estado.

Dentro dessa ótica, não admitia interferências indébitas na sua administração, partissem de onde partissem. Nada que viesse alcançar a sua autoridade era por ele acolhido. São conhecidos episódios de substituição de secretários de Estado que se negaram a cumprir suas determinações, convencido que estava de que se encontrava certo nas suas decisões.

Igualmente, repeliu com o mesmo desassombro insinuações e tentativas de ingerências estranhas no desempenho de suas funções de governador, partidas de órgãos federais, na época, de indiscutível prestígio. Nesse aspecto foi, de todo, intransigente.

Dessa mesma autoridade revestiu todos os seus atos, sem exceção: administrativos e políticos. Não era que determinasse tudo ao sabor das emoções do momento. Quando acontecia não ter segurança, quanto à melhor solução para um problema, pedia sugestões e alternativas aos seus auxiliares, a fim de que pudesse instruir sua decisão. Uma vez adotada a solução, esta era irreversível. Não admitia contestações, nem reparos, por mais procedentes que parecessem. Tinha a convicção de que haveria de ser julgado, ele, somente ele, pelos prováveis erros e acertos da sua administração.

Por outro lado, não transigiu com o alcance de sua autoridade de chefe natural do partido no Estado. Sabia que lhe competia a responsabilidade de, enquanto governador, comandar, também concomitantemente com a ação administrativa, as diretrizes partidárias. Demonstrou, inclusive, competência nessa árdua tarefa ao comandar as eleições municipais de 1972, com extraordinário sucesso, bem como as que se efetivaram em 1974.

Contou, para o desempenho correto, dessa missão de chefe político, com o apoio incondicional da Direção Nacional e do próprio Presidente da República de então, General Emílio Garrastazu Médici.

Depois de uma viagem a Brasília, ao tempo de governador, afirmou em artigo:

> "No campo político, levo a palavra de confiança do chefe, o apoio do partido, para exercer a liderança que não deixei cair de minhas mãos. Hei de sustentá-la, com moderação, com espírito de harmonia, mas também com decisão, com firmeza de que só podem duvidar aqueles que não me conhecem."

Doutra feita, referendou o mesmo ponto de vista:

> "O tom da conversa com Filinto (Müller) foi o mesmo do presidente Médici: o governador é o responsável pela política do Estado e para isso precisa ser forte e prestigiado. Sei que cabe ao bom senso, ao equilíbrio, à aptidão política de cada governador dosar a aplicação dessa força. Estou pronto a empregar toda a minha capacidade de conciliação em benefício da harmonia e integridade de partido. Disso tenho dado sobejas provas. Mas também tenho os meus

limites. Já afirmei que distingo o ponto em que a transigência se confunde com a fraqueza."

Nada melhor para expressar o seu conceito de autoridade. Esta só está preservada na medida em que o espírito de conciliação e concórdia não for confundido com o medo ou a covardia. Quando for estabelecida essa confusão, restará tudo, menos autoridade, com a sua condição de prerrogativa intocável.

A Paraíba, também sob esse aspecto, não tem por que ter vergonha do Governador Ernani Satyro. Esteve à altura dos seus melhores antecessores. Convenhamos todos.

3.3 — Prestígio à classe política

Governou visceralmente identificado com aspirações da classe política paraibana, notadamente ao lado dos que estavam lhe dando sustentação partidária. Atendido o interesse público e respeitada a área de atuação política, todos eram tratados com igualdade e espírito de justiça. Nenhuma obra, em qualquer município, era definida sem a audiência prévia das lideranças locais. As bancadas, estadual e federal, tinham conhecimento e participavam das decisões político-administrativas. Tal postura de governo decorria da natural circunstância do seu titular ter sido, a vida inteira, um político militante, com experiência da base e livre trânsito nos superiores escalões dos órgãos partidários. Isso significa dizer que, quando o nosso homenageado assumiu o governo do Estado já tinha feito todos os cursos de política, aliando aos seus respeitáveis conhecimentos teóricos, uma invejável vivência dos problemas municipais, estaduais e federais. Foi-lhe fácil ainda lidar com as justas reivindicações dos que, nos mais diversos níveis, têm a responsabilidade de interpretar o que mais interessa, em termos de atendimento dos anseios comunitários. Em suma, os políticos, a quem se transfere todo o ônus e responsabilidade pela busca do bem-estar social e econômico do povo.

Ernani Satyro, como governador, não foi de promessas fáceis, nem mesmo à classe política, a quem invariavelmente prestigiou. É que a ele cabia a tarefa de manter o equilíbrio, em ambas as frentes: a política e a administrativa. Não podia, nem devia perder a visão do conjunto. Tudo fez, todavia, com inegável proficiência e sem perder sua fidelidade às raízes, eminentemente políticas.

Há uma obra da sua administração, que simboliza, mais que qualquer outra, o seu prestígio à classe política paraibana. Desnecessário que se pretenda esclarecer que toda realização coletiva redunda em benefícios para o povo e, por via de conseqüência, em reconhecimento para os seus responsáveis. No entanto, o Governador Ernani Satyro quis se quitar com possíveis débitos seus, escolhendo uma obra-símbolo representativa mais do que qualquer outra, repito, do seu apreço e respeito aos políticos: o prédio próprio deste Poder, antes, sem abrigo e teto certos, como se aos políticos da Paraíba, através

de seus deputados estaduais, tivesse sido imposta a pena de uma nova "diáspora", em termos provincianos. Hoje, aqui, amanhã acolá, ao sabor das conveniências de outros Poderes e de circunstâncias as mais aleatórias e alienadoras. Esse o destino, a que estava submetido o Poder Legislativo da Paraíba, antes do Governo Ernani Satyro.

Funcionou no velho convento, onde foi a Faculdade de Direito, vizinho ao Palácio da Redenção. Depois, no Teatro Santa Rosa, na Escola Normal, hoje Palácio da Justiça, na antiga Secretaria da Fazenda e, por último, antes da sede própria, onde hoje funciona o comando da polícia. Foi uma romaria, ou se quiserem, uma peregrinação cívica, onde os interesses do povo ocuparam todos os espaços das melhores vocações parlamentares do Estado, através dos tempos.

Ao deputado de 1934, que, ainda estudante em João Pessoa, tinha livre acesso à Assembléia por ser filho do ex-deputado Miguel Satyro, coube, afinal, dar pouso definitivo ao Poder Legislativo da Paraíba, realizando, inclusive, o milagre de colocá-lo, lado a lado, com os demais poderes para significar sua igual importância e destaque não só quanto às suas atribuições, mas também com relação ao aspecto e situação físicos.

O fato é que a obra está feita e é o seu maior testemunho de prestígio à classe política da Paraíba. A ela sempre se referiu com especial enlevo. É o que se depreende dessa sua afirmativa:

> "A nossa realização é tanto mais expressiva, quando se verifica numa época em que tanto se apregoa o desprestígio do Poder Legislativo. Pois é precisamente um antigo parlamentar quem, à frente do Governo, vai ao encontro daquele Poder e lhe oferece condições condignas para trabalhar. Anote-se o fato de que esse governador é um homem da Revolução."

Está dito tudo. Ao Governador Ernani Satyro não importaram as circunstâncias, nem muito menos à conjuntura política, que sugeriam uma natural marginalização do Poder Legislativo, em todos os seus níveis, descaracterizado e esvaziado ante a hipertrofia do Poder Executivo. Não lhe interessou unicamente dar-lhe uma sede condigna. Foi mais além, construindo-a ao lado dos outros dois Poderes, o Executivo e o Judiciário, mesmo sendo obrigado, como foi, a deslocar a vetusta sede do jornal *União*, a que tinha igual distinção e apreço.

É bom que se diga que foi exigente com relação ao projeto deste prédio. Fez questão de acompanhá-lo, desde o início, nos seus mínimos detalhes. O arquiteto Tertuliano Dionísio, a quem todos nós reverenciamos, nesta oportunidade, desaparecido prematuramente, há pouco mais de um ano, dava-lhe conta semanalmente da evolução do projeto, e ouvia-lhe as sugestões.

Após sua construção, o Governador Ernani Satyro referiu-se assim ao prédio sede deste Poder:

> "O Palácio da Assembléia também é um poema. O arquiteto que o projetou é um poeta do traço e do desenho. Vejam as linhas do edifício. São estrofes sóbrias, severas, porém, estrofes obedientes todas ao ritmo geral da concepção. Outro poema é a alegria do frontispício."

Realce-se que a pomba símbolo da paz estilizada pelo pintor Raul Córdula Filho, e que domina a entrada principal deste edifício, além de estar em sintonia com o estilo em arcos que prevalece na sua fachada, lembra o papel harmonizador que compete ao Poder Legislativo, quer elaborando ou aprovando leis que deverão ser cumpridas, para que a vida em sociedade se processe em consonância com os interesses gerais, respeitados, igualmente, os direitos individuais.

Do mesmo modo, é esse um entendimento generalizado, que a predominância dos vitrais transparentes, por todos os lados do edifício, induz que o Poder Legislativo, mais que qualquer outro, é por excelência de raízes populares e suas ações devem ficar à vista de todos, sem muralhas que as separam, nem as distanciem daqueles de quem emanam todo o prestígio e autoridades que são, em última análise, o próprio povo.

Uma outra circunstância, quer-nos parecer, contribuiu, também, para que o Governador Ernani Satyro não terminasse sua administração sem que construísse o prédio próprio desta Assembléia: sua incontida admiração pelo eminente paraibano, Presidente Epitácio Pessoa, patrono do Poder Legislativo da Paraíba. Em nenhuma oportunidade, deixou o nosso homenageado de prestar ao ilustre filho de Umbuzeiro as homenagens que mereceu pelo muito que produziu, em favor da sua terra no exercício das maiores e mais elevadas funções deste País. Como deputado estadual e deputado federal, em mais de uma ocasião, ressaltou-lhe as qualidades de inteligência, cultura e espírito público que marcaram a trajetória do Presidente Epitácio Pessoa, símbolo maior da classe política paraibana.

A oportunidade, pois, de, na condição de governador, homenagear o seu ídolo maior, como homem público, não lhe pareceu melhor. A Casa de Epitácio Pessoa deixaria de ser nômade. Teria o seu teto próprio. Não funcionaria mais de favor, como se fora o pária dos poderes. Porventura não bastariam as limitações de suas prerrogativas e o esvaziamento crescente de suas atribuições? Uma casa com a honraria de se chamar de Epitácio Pessoa poderia continuar a não ter endereço certo, como inquilino inadimplente?

Não. Três vezes não. A dívida acumulada seria resgatada. E o foi.

Ninguém melhor do que o próprio Ernani Satyro para confirmar essa sua invencível predileção pelo Presidente Epitácio Pessoa, ao se referir, mais uma vez, à construção do edifício sede desta Assembléia. Disse:

> "O testemunho do meu apreço pelas gerações políticas do meu Estado — passadas, presentes e futuras, eu o simbolizo no edifício que vou entregar ao Poder Legislativo, para ser definitivamente a casa que tem o nome do maior de todos nós, pelo talento, pela cultura jurídica, pela coragem, pela sorte. Alguns o terão igualado, ou até superado, nesta ou naquela manifestação de capacidade humana. Nunca, porém, no conjunto das qualidades com que exerceu os três poderes, invadiu a História e lá ficará plantado, enquanto houver História: Epitácio Pessoa."

A tal manifestação de elogio, qualquer outro comentário soará desafinado e inócuo. Justificado está o conjunto de fatores que permitiram ao Governador Ernani Satyro contar com tantas disponibilidades de forças para que a classe política da Paraíba, de todos os tempos, fosse prestigiada com a construção deste palácio. Pelo simbolismo que encerra e pela importância de suas atribuições, este Poder Legislativo, esta Casa de Epitácio Pessoa, foi, é, e será o instrumento de defesa das liberdades democráticas e o ponto de equilíbrio de nossas melhores instituições políticas.

Estaria, somente em função desse gesto do nosso homenageado dando-nos a nossa sede própria, plenamente explicado porque partiu desta Casa a iniciativa das comemorações do seu cinqüentenário de atividades políticas, a que, com justiça, se associaram outras ilustres instituições paraibanas.

Para concluir, porém, nada melhor do que transcrever aqui as palavras do Governador Ernani Satyro, gravadas no mármore que proteje a entrada principal deste edifício e que constituem, sem dúvida, uma lição de rara sensibilidade humana e um julgamento definitivo sobre suas afinidades intrínsecas com o Poder Legislativo. Vejamos o que está ali inscrito para todas as gerações:

> "Esta obra é fruto da integração do meu governo com o Poder Legislativo. Saúdo a Casa de Epitácio Pessoa no dia em que se instala, com dignidade, no seu palácio definitivo, com a mesma emoção que dominou ainda moço ao assumir o mandato de deputado estadual constituinte. Depois de passar pelos três poderes republicanos meu espírito permanece aqui como legislador que nunca deixei de ser."

3.4 — Tradição com renovação

Constituiu-se, por outro lado, numa das preocupações permanentes do Governador Ernani Satyro, desde o seu discurso de posse, nesta Assembléia Legislativa, em 15 de março de 1971, o respeito à tradição, sem que tal

postura significasse uma aversão ou incompatibilidade com os desafios da conjuntura do momento. Em outras palavras, segundo ele, a ninguém seria lícito romper com as conquistas do passado na presunção de que o presente nada lhe deve, e pode facilmente voltar-lhe as costas.

Essa ruptura no tempo sobre ser uma violência à ordem natural das coisas, seria um gesto de profunda estupidez e irracionalidade. Significaria a própria negação do futuro, desde que tudo que se fizesse estaria condenado ao esquecimento de que nada melhor para uma obra de governo do que a tradição com renovação. É essa sua explicação para o fenômeno que não se apresenta tão complicado, como poderia parecer à primeira vista. Fê-lo, ao iniciar o seu discurso de posse, dizendo:

> "Quando declarei, pela primeira vez que o lema do meu governo seria — Tradição e Renovação para o Desenvolvimento da Paraíba — houve quem estranhasse o pensamento, como se entre essas palavras houvesse uma contradição. Esquecem os censores que tradição significa entrega e a própria vida é uma graça que recebemos de Deus, através de nossos pais. Cada ser humano constitui o elo de uma corrente, em que é, ao mesmo tempo, continuado e continuador, efeito e causa, recepção e transmissão."

Ora, inadmissível se imaginar que uma obra administrativa possa fugir a essa regra, imposta pela própria convivência humana. Entendeu, desde a primeira hora, que os esforços administrativos feitos anteriormente ao seu governo eram todos importantes, em termos de continuidade da ação pública. Esta estaria irremediavelmente condenada ao fracasso se pretendesse ser fruto de geração espontânea, sem compromissos e vínculos com as realizações que a precederam. Não significa dizer que para se continuar uma ação de governo se tenha simplesmente que copiar o que se vinha fazendo anteriormente. Não. A imaginação criadora haverá de ser acionada, visando ao desenvolvimento das conquistas legadas e seu contínuo aperfeiçoamento e modernização. A isso se poderá traduzir como renovação e atualização de processos e métodos, todos, destinados à conquista de estágios cada vez mais desenvolvidos do bem-estar social. A renovação e modernização implicam na existência de precondições satisfatórias, para que possam se realizar. Sem elas, qualquer esforço renovador é frustrante. Daí a pergunta do Governador Ernani Satyro, ao abordar o problema:

> "Querem desenvolvimento? Só se pode desenvolver renovando Querem renovação? Só se pode renovar o que existe."

E conclui, sentencioso e filosófico:

> "Nunca ninguém a não ser Deus conseguiu tirar tudo do nada. Mesmo assim, preexistindo, Ele era a negação do nada. Era a afirmação do tudo."

Dentro dessa mesma concepção de respeito à tradição, sem desprezo aos compromissos com a renovação e o desenvolvimento, o Governador Ernani Satyro afirmou várias vezes que ninguém é papel carbono de outrem, sobretudo em termos de administração pública. Isto em razão de vários fatores. Cansativo seria enumerá-los. Dois tipos de causas poderiam ser ressaltados. O primeiro de ordem eminentemente pessoal. Ninguém é feito à imagem e semelhança do outro. Há diferenciações intrínsecas e extrínsecas, sobejamente conhecidas. É que todos têm o seu próprio estilo de trabalho e de resposta aos desafios que se lhes apresentam. Só isto bastaria para justificar uma divergência de comportamento. Todavia, há ainda uma outra fonte de transformação ditada pela própria natureza dos problemas emergentes, todos eles diversos e carregados de características novas e de um ineditismo à toda prova. As soluções haverão de, por isso, perseguir outros parâmetros ainda não postos em prática, propiciando, dessa forma, um sem número de alternativas para a capacidade gerencial e administrativa dos que se encontram com a responsabilidade de governar. No desempenho dessa singular tarefa reside a alegria de criar, só igual à realização pessoal de construir.

Consciente dessas mutações e naturais divergências quanto à ação desenvolvida, de governo a governo, é que o nosso homenageado, também no seu discurso de posse fez o seguinte alerta:

> "Quero deixar bem claro que, toda vez que anunciar mudanças de método administrativo, ou praticar um ato em desacordo com a orientação do meu antecessor, não lhe estou fazendo censura. Como já disse em vários outros pronunciamentos o que não posso fazer é copiá-lo, imitá-lo, cobrir o que ele riscou para si próprio, e não para os outros."

Ainda foi insistente nessas suas linhas mestras de encarar suas responsabilidades à frente do governo da Paraíba, conciliando as nossas tradições, com o ideal de renovação e desenvolvimento, ao afirmar, ao término do citado discurso:

> "Aqui fica a segurança do meu compromisso. Agora me vou para o meu posto. Não levo uma coroa de louros, nem uma coroa de espinhos. Nem coroa é. É tarefa e juramento, missão e destino, trabalho e devoção, pela Paraíba, na riqueza de suas tradições, no sonho de sua renovação, no ideal do seu desenvolvimento."

3.5 — Construir e humanizar

Uma outra característica básica da administração Ernani Satyro foi seu compromisso permanente com a humanização dos seus atos de governo. Humanização essa no seu sentido mais amplo de prestígio ao homem e aos problemas que lhe diziam respeito, dentro da concepção de que a criatura

humana deve ser a medida de todas as coisas e o objetivo de todo o processo de desenvolvimento e do progresso econômico e social. Daí seu outro lema de trabalho: construir e humanizar. Entendia o Governador Ernani Satyro que fazer obras é ação muito importante. Todavia, toda ação pública de governo haverá de ter uma destinação superior de tal ordem que não se confunde com simples iniciativas que visem, apenas, à satisfação de caprichos ou vaidades pessoais. O ato de construir seu governo tinha, também, o sentido de humanizar, sendo que a recíproca era igualmente verdadeira: humanizando sua administração, construiu obras invisíveis, porém, não menos importantes do que as realizações ostensivas.

Isto significa dizer que não o moveram, no desempenho de seu mandato de Governador, propósitos mesquinhos de perseguição, por motivos políticos, a quem quer que seja. Nem tampouco foi seduzido para a prática do arbítrio e da violência, como alternativas de exteriorização de sua autoridade que como vimos, manteve-se nos rígidos limites permitidos pela lei e pelo bom senso. Em uma palavra: governou os paraibanos sem ódios, nem ressentimentos, como lhe recomendava sua formação jurídica e humanística. Não se registra um só fato de extrapolação de competência.

Essa sua preocupação com o humano, acima de tudo, responde pelo tratamento satisfatório que dispensou aos problemas do funcionalismo público estadual, dando-lhe não somente as melhorias salariais justas, mas adicionando-lhe vantagens indiretas que resultavam em maior bem-estar social. É o que ocorreu com o Instituto da Previdência do Estado da Paraíba que, no seu governo, viveu sua fase de maior expansão física e funcional, com a interiorização de seus serviços, eminentemente de caráter social, a fim de que pudesse também abranger os servidores estaduais interioranos, que só contribuíam para o usufruto dos seus colegas da capital.

Iguais medidas, como essa, foram adotadas nos demais setores, notadamente no âmbito da saúde, educação, abastecimento, lazer e aperfeiçoamento dos nossos recursos humanos. Ao Estado competia, segundo seu entendimento, cuidar de seus deveres sociais de forma abrangente e sem discriminações, quer quanto aos destinatários de sua ação, quer quanto à área geográfica habitada. O governo tinha que estar presente onde estivesse o objetivo maior de suas ações: o homem, independentemente de quaisquer circunstâncias ou condicionamento. A sua política adminstrativa era a do homem, por isso deve ser escrita com "P" maiúsculo.

No logotipo característico de sua administração, criação do seu amigo Luiz Jardim, grande ilustrador e desenhista brasileiro, o losango verde continha um "P" grande que, na opinião de muitos, era o da Paraíba e do Progresso. Quer nos parecer que também é o dessa política maior e superior que soube implantar e desenvolver sem limites ou restrições, ditada pela sua consciência de que, ao se construir uma obra de governo, há de se fazê-lo, paralelamente,

através de uma ação humanizadora e abrangente, em que o homem seja o único beneficiário. Fora disso é simulacro de governo.

Tal conclusão se infere de tudo quanto realizou, e, como veremos fez muito em termos de obras materiais, ao longo de todo seu governo. Mas, a verdade é que já trazia dentro de si essas benfazejas preocupações, com o fruto de um amadurecimento de princípios que já ganhavam contorno de convicções inafastáveis do seu espírito de administrador.

Mais uma vez, impõe-se repetir trecho de seu discurso de posse:

> "Quero deixar bem claro que, no meu governo, preocupa-me antes de tudo o destino do homem. Conheço os limites, recursos e disponibilidades institucionais, econômicas e financeiras. Não trago a ilusão de quem pensa que vai governar o mundo, mas carrego a obstinação de quem sente e sabe que uma criatura humana, uma só, participa da plenitude do mundo inteiro, do mesmo modo que na mais pequenina réstea nós vemos inteira a face do sol."

E conclui, consciente de suas responsabilidades:

> "Governar um país, um estado, um município, um lar, tudo é grande e difícil, quando se quer governar bem."

Dadas essas suas tiradas, vez por outra, o chamaram de poeta, inclusive pelo humanismo com que tratava os problemas de sua administração. Nunca se incomodou com tais imputações. A falta de outros epítetos, dada a honradez e austeridade de seus atos, todos bem medidos, pesados e contados, apelavam para o recurso da possível ridicularia e para a tentativa do pejorativo. Nem uma coisa, nem outra, obtiveram a menor repercussão. A opinião pública acompanhava de perto a evolução de sua ação administrativa, e, quase no final do mandato, podia dizer com a consciência tranqüila:

> "A todos aqueles, que, chamando-me de poeta, duvidaram de minha capacidade de realização, poderei responder: poetas somos todos nós, neste governo. Poetas e sonhadores. Não queiram despoetizar o nosso governo. O que acontece é que sonhamos com os pés no chão, sem tirar os olhos das estrelas."

Esta é, sem dúvida, a receita adequada para se construir e *humanizar* com eficiência uma obra de governo. É o que veremos a seguir.

4 — REALIZAÇÕES DE GOVERNO

Através de esboços anteriormente traçados, fizemos uma tentativa de retratar o homem e o seu estilo de governo, responsáveis pela administração do Estado da Paraíba, no período 1971/1975. Claro que não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, dadas as nossas proclamadas limitações, até mesmo

pelo estimado amigo, o Gato Mourisco, nas suas advertências iniciais. Evidente que contamos também com a imprescindível participação do próprio homenageado, Ministro Ernani Satyro, através da utilização freqüente de citações suas, circunstâncias que têm emprestado ao presente discurso um caráter altamente autobiográfico.

Vencida essa etapa primeira, caracterizada por traços preponderantes da personalidade do homenageado, de seu estilo de trabalho e do desempenho da sua ação administrativa, resta-nos agora tentar fazer um levantamento, mesmo sumário, das suas principais obras, para, em seguida, ressaltarmos sua ação parlamentar.

Tudo, porém, sem o cultivo da angústia de não podermos fazer o melhor. Pois, aprendemos com o próprio homenageado que só se dá o que se pode. O importante é a consciência das próprias limitações, e a alegria de exercer as limitadas disponibilidades até quando se possa, sem azedumes, nem complexos de inferioridade. Porque: grande é a vida!

4.1. — Efervescência inicial

A administração Ernani Satyro teve um início marcado por uma especial dinâmica, fruto talvez, quem sabe, de vários fatores, dentre os quais poderíamos enumerar: **a)** estava sucedendo a uma outra, a do ex-govenador João Agripino, que inegavelmente muito tinha realizado em favor da Paraíba; **b)** existia uma real expectativa de que o Governador Ernani Satyro, experimentado parlamentar e homem de letras consagrado, não pudesse acompanhar satisfatoriamente o ritmo do trabalho da administração anterior, fato que deveria ser desmentido, de imediato, na prática, com uma agressiva ação administrativa; **c)** os auxiliares convocados para integrar o quadro administrativo, em todos os níveis da assessoria superior, receberam a escolha como um dasafio a que tinham de dar uma resposta satisfatória, de que estavam sendo cobrados por toda a Paraíba; **d)** a opinião pública, mais do que nunca, se encontrava bastante politizada e esclarecida para aceitar, passivamente, um desempenho pouco convincente de quem tinha a responsabilidade de governar o Estado.

Essas seriam as chamadas causas exógenas, a que os adeptos do determinismo histórico dão uma importância absoluta e exclusiva, negando a participação de outras, igualmente importantes, quais sejam as que derivam da própria natureza do homem, agente poderoso de tranformações profundas, através do uso de sua inteligência e das suas faculdades superiores.

Entendemos que, independentemente de qualquer interpretação outra, o comportamento de toda a equipe de trabalho comandada pelo Governador Ernani Satyro teria sido o de entrega total e imediata ao trabalho, desde que a predisposição de todos era dar a sua contribuição, a melhor que pudessem, à causa do desenvolvimento da Paraíba. A verdade é que o clima espiritual

preexistente em cada um e no próprio chefe da equipe adicionado às condições do clima exterior, de expectativa e cobrança, foi conjunção de forças mais que eficiente para que se deflagrasse na Paraíba um processo de realizações úteis e necessárias, sem precedentes.

Houve, em função disso tudo, a implantação de uma dinâmica administrativa que justifica plenamente, ao cabo de oito meses, exatamente em novembro de 1971, quando da remessa da primeira mensagem à Assembléia Legislativa, a enumeração de inúmeras obras e medidas da maior importância para o Estado. Recorramos a essa importante fonte de informações para comprovar o legado.

Então, ali, nas suas primeiras páginas, quando do resumo feito sobre as atividades da Secretaria da Agricultura, os seguintes informes: **a)** contrato dos projetos de viabilidade das centrais de abastecimento de Campina Grande e João Pessoa, pelo preço de 280 mil cruzeiros, e prazo de entrega para 22 de dezembro de 1971; **b)** instalação do Escritório de Promoção e Exportação, o Promoesport, visando ao incremento das nossas exportações; **c)** criação da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agropecuário da Paraíba— a Cidagro — ; através da Lei nº 3.664, de 1º de setembro de 1971; **d)** maior atenção ao Departamento de Assistência ao Cooperativismo com o comprometimento de recursos, inclusive para apoio às cooperativas de ações artesanais.

Aí se vê como o Governo Ernani Satyro voltou-se, com ênfase especial, para o setor primário da nossa economia, notadamente no que se relaciona com o abastecimento, a comercialização, a exportação de nossos produtos agrícolas básicos e o cooperativismo.

Quanto às ações desenvolvidas pela Secretaria do Trabalho e Serviços Sociais, importante o registro feito com relação aos seus projetos habitacionais, através da Companhia Estadual de Habitação Popular — a CEHAP. Vejamos: **a)** conclusão do Conjunto Costa e Silva, com 812 unidades; **b)** projetos para construção em terrenos próprios em João Pessoa e Campina Grande; **c)** aquisição de terrenos para a construção do Conjunto Castello Branco III e para ampliação do Conjunto Costa e Silva. Tratava-se da preocupação do governo com a eliminação do grande déficit habitacional no Estado, notadamente, na Capital e em Campina Grande.

No tocante à educação, outra área social importante, foram referidos os seguintes esforços: **a)** construção dos colégios estaduais de Guarabira, Pombal e Cuité e ampliação do colégio de Patos; **b)** inúmeras outras ações, visando à recuperação de centenas de unidades escolares, aperfeiçoamento de pessoal docente e incremento das matrículas em todos os níveis.

Quanto à Secretaria da Administração, nesses primeiros oito meses de governo, foram listadas as seguintes ações: **a)** aumento de casas financiadas aos servidores públicos, através do IPEP; **b)** instalação de um posto de emergência no Hospital Edson Ramalho; **c)** interiorização da assistência ao servidor

público, através de convênios com os hospitais de Campina Grande, Patos, Souza, Cajazeiras, Piancó e Itaporanga; **d**) aquisição de prédio próprio para a instalação de agência do IPEP, em Campina Grande, instalada solenemente no dia do funcionário, 28 de outubro, além de inúmeras outras ações de rotina em favor do funcionamento regular da Escola do Servidor Público do Estado da Paraíba, destinada ao aperfeiçoamento do funcionário estadual, da política de material, pessoal e documentação.

Nesse período inicial, no que compete ao setor de divulgação e turismo, ressaltavam as ações do governo no sentido de conclusão do Hotel Tambaú e da recuperação do jornal A *União* , com o projeto já concluído de construção de sua sede própria no Distrito Industrial, e da emissora oficial do Estado, a Rádio Tabajara.

No âmbito da Secretaria de Saúde, além das ações de rotina, surgia a FUSEP — Fundação de Saúde do Estado da Paraíba destinada à execução do Plano Estadual de Saúde.

Em termos de realizações, na área da Secretaria dos Transportes, Comunicações e Obras, através dos vários órgãos a ela vinculados, tivemos os seguintes resultados: **a**) a Suplan havia movimentado em obras, recursos no total de Cr$ 3.655.420,55 (três milhões, seiscentos e cinqüenta e cinco mil, quatrocentos e vinte cruzeiros e cinqüenta e cinco centavos). A esta altura, a Suplan tinha compromissos com os projetos das seguintes obras: Unidade Administrativa de Patos; Delegacia de Trânsito de Campina Grande; construção de grupos escolares nos conjuntos habitacionais de João Pessoa; prédio próprio da Assembléia Legislativa, do Corpo de Bombeiros de João Pessoa e Centro Administrativo Integrado da Capital. Significavam tais obras compromissos inadiáveis do Governador Ernani Satyro e a destinação de recursos para elaboração de seus respectivos projetos, nessa fase inicial de administração, falava muito alto do seu real interesse na sua conclusão, dentro do menor espaço de tempo possível.

Também, nesse seu primeiro documento encaminhado à Assembléia, em novembro de 1971, estão registrados os saldos positivos da ação de vários outros órgãos, também integrados à Secretaria dos Transportes, Comunicações e Obras, como sejam: **a**) A Companhia de Água e Esgoto da Paraíba, a Cagepa, dava conta da conclusão dos serviços d'água completos das cidades de Puxinanã, Água Branca e São José da Lagoa Tapada, num total de recursos bem aproximados de meio milhão de cruzeiros. Em andamento, estavam os serviços de construção da segunda adutora de Boqueirão para Campina Grande, dos abastecimentos d'água de Livramento e Espírito Santo, num dispêndio total de quase quatorze milhões de cruzeiros, até setembro de 1971. Isto sem se falar nos investimentos realizados no serviço de abastecimento d'água de João Pessoa, que, nesse período, atingiu a soma de dois bilhões e meio de cruzeiros; **b**) A Saelpa, no mesmo período, além de suas tarefas

normais de manutenção e expansão de sua rede de distribuição de energia, já havia concluído os seguintes projetos de eletrificação rural: eixo Sapé/Café do Vento; eixo Umbuzeiro/Natuba; Vale do Mamanguape; eixo Pombal/Paulista/São Bento; eixo Catolé do Rocha/Brejo do Cruz; eixo Souza/Santa Cruz e Vale do Rio do Peixe, num total de recursos de mais de um bilhão de cruzeiros; c) Foram atribuídas ao Departamento Estadual de Rodagem, o DER, as seguintes iniciativas: conclusão dos projetos dos trechos Cabede-a/Princesa Isabel e Jacaraú/BR-101. Em execução se encontravam os seguintes projetos: Patos/Pirpirituda e Rua Nova/Pirpirituba. Quanto às realizações propriamente ditas, o DER havia gasto perto de nove bilhões de cruzeiros na construção dos seguintes trechos: Café do Vento/Sapé com pavimentação de 11km, e revestimento primário de Souza/Uiraúna, Pitimbu/BR-101, BR-101/Lucena, além de serviços outros em Tavares/Princesa, Água Branca/Princesa, Coremas/São José da Lagoa Tapada e Cabedelo/João Pessoa.

Fácil concluir que havia mesmo uma febre de construir. Nenhum minuto se perdeu na busca das soluções esperadas. É como disse o próprio Governador Ernani Satyro: não há tempo a perder, nem oportunidade de arrumar a casa. A administração não pode parar um só instante, desde que os momentos são insubstituíveis e irrecuperáveis.

Há ainda na citada mensagem, dando conta das ações do governo, nesses primeiros oito meses de administração, referências às ações do BEP, principal agente financeiro do Estado, cujo capital foi aumentado de 5 para 25 milhões de cruzeiros, bem como os investimentos feitos nos dois distritos industriais, de João Pessoa e Campina Grande, visando à melhoria de sua infra-estrutura para facilitar a localização de novas indústrias.

Igualmente, esforços bem alentados foram desenvolvidos no Porto de Cabedelo, na área de Segurança Pública, da Polícia Militar e da Secretaria do Interior e Justiça, no atendimento de suas importantes atribuições de assegurarem a tranqüilidade da ordem pública e do funcionamento das instituições políticas.

O certo é que, ao final dessa sua primeira mensagem de prestação de contas, o Governador Ernani Satyro podia dizer regozijado:

> "Quem governa, há de ter coragem de mudar, a capacidade de improvisar, porque os fatos não são escravos de nossos desejos, nem a natureza é sempre tão solícita benfazeja."

Mais adiante, reafirma:

> "Disse e repito: é necessário não confundir a força com a violência. Não há poder que se sustente sem o apoio de força, empregada com oportunidade e comedimento. Não há regime que se sustente na violência, que é a hipertrofia da força. De acordo com essas

idéias, que adoto por vocação e formação, prosseguirei no meu ideal de construir, humanizando; de conservar o que é digno e útil, em nossas tradições; de renovar, de transformar, de revolucionar tudo quanto for necessário ao desenvolvimento da Paraíba."

E conclui o documento dizendo:

> "Continuo possuído do mesmo entusiasmo que tem sido uma constante ao longo de mais de trinta anos de vida pública. Comecei o governo trabalhando e os paraibanos sabem disso. Não tenho perdido tempo. Conto com uma equipe harmônica e capaz, de méritos reconhecidos e proclamados. Agora mesmo ela me trouxe o seu lúcido e eficiente concurso na elaboração deste trabalho. Nossas tarefas são árduas. Mas sou daqueles que não se amedrontam com os desafios. Enfrento-os, obstinadamente. Estes 128 dias de governo são a amostra, que ora apresento, do que havemos de realizar. O pouco que fiz é o sinal do muito que pretendo fazer."

Na realidade, se tratava de uma excelente amostra e de um valoroso sinal, os quais teriam necessariamente desdobramentos profícuos nos anos subseqüentes de governo.

4.2 — Consolidação das metas

Todo o ano de 1971 foi um período de intensa atividade. Não houve um setor do governo que não sentisse os influxos positivos da nova administração. Nada deixou de ser feito, quer no âmbito da elaboração de projetos, quer na ação da continuidade de obras iniciadas ou que devessem ser começadas.

No final de dezembro desse primeiro período de governo, foi editado um opúsculo com o título de "Um Retrato do Governo", comemorativo do encontro do Governador Ernani Satyro com os jornalistas paraibanos, onde, além da mensagem do chefe do Executivo, havia um destaque das principais manchetes dos nossos jornais sobre as obras e metas do novo governo. São as principais: "Ernani conclui três Colégios e dois Grupos"; "Água garantida até o ano 2000"; "II Adutora de Campina vai custar 28 milhões"; "Escola Polivalente pronta em agosto"; "Construção de rodovias discutida por Ernani no Rio"; "Ernani entrega colégio em Guarabira"; "Governo já investiu três milhões em habitação"; etc., etc.

Nessa publicação, há opiniões de várias pessoas dos mais diferentes níveis sobre a administração Ernani Satyro. Vejamos algumas.

O Sr. Lourenço de Miranda Freire, presidente de então da Associação Comercial da Paraíba, assim se expressou:

> "A importância especial que o atual governo vem dando ao porto de Cabedelo, por si só, já o torna simpático aos olhos dos

comerciantes, principalmente na hora em que a Paraíba arranca para o grande desafio da exportação. O desenvolvimento turístico imprimido ao nosso Estado com a inauguração do Hotel Tambaú é outro aspecto que não se pode esquecer no Governo Ernani Satyro."

O então Desembargador Luiz Sílvio Ramalho, hoje Secretário do Governo Wilson Braga, deu este depoimento:

"...No que se relaciona com a Justiça, o Governador, além de ter se mostrado logo de início sensível às nossas reivindicações, assegurando-nos um padrão de vencimentos condizente com as reais necessidades do juiz, tem proporcionado um clima de absoluta compreensão e respeito."

O Reitor Humberto Nóbrega, da Universidade Federal da Paraíba, disse:

"Trata-se de um governo que engrandece a Paraíba, porque é, antes de tudo, cultura e educação. É a voz do trabalho que ecoa forte e constrói com segurança. É meta de valorização do homem, cujo objetivo único e louvável é tornar ainda maior o futuro da terra comum e a grandeza do povo paraibano."

Não poderia deixar de falar um político militante. A vez foi então do Deputado Jonas Leite Chaves, na época Presidente da Assembléia Legislativa do Estado:

"...O Poder Legislativo recebeu com grande simpatia a disposição do Governo Ernani Satyro em construir, em caráter prioritário, a nova sede do Legislativo paraibano. Esta sempre foi uma verdadeira "caveira de burro" em todas as administrações passadas, tendo alguns governos tentado, mas nenhum conseguido, tornar essa aspiração do Poder Legislativo em se instalar em condições compatíveis com as suas tradições políticas e de acordo com a dignidade de um poder representativo."

Outros depoimentos foram dados. Um estudante, um homem de sociedade, um jornalista, um médico e um líder religioso. Todos foram unânimes em considerar os primeiros meses da administração Ernani Satyro da mais intensa atividade e eficiência.

Ele próprio, o Governador, comparece à citada publicação com a reprodução de um artigo, em que diz, entre outras coisas:

"Fiz hoje uma mensagem à Assembléia, a ser entregue amanhã, quando se completam oito meses do meu governo. Relato o que se concluiu, o que se está construindo, o que se vai iniciar. Gráfica oficial; cidade administrativa; delegacia de trânsito em Campina

Grande; Fórum Miguel Satyro em Patos; e maternidade Peregrino Filho. As grandes metas aguardam os recursos solicitados."

Com efeito, a partir de 1972, segundo ano da administração, a luta maior foi a captação de recursos para a consolidação das grandes metas administrativas, as quais poderiam assim ser resumidas: **a)** no setor rodoviário: pavimentação do trecho Pirpirituba-Bananeiras, numa extensão de 23km; trecho BR-230, Itabaiana-Juripiranga, numa extensão de 29km; sistema rodoviário do Vale do Piancó, compreendendo os trechos Patos, Piancó, Itaporanga e Conceição, numa extensão de 174km, com o custo estimado de 56 milhões e setecentos mil cruzeiros, ou seja, dez milhões de dólares; **b)**noutros setores: edifício-sede da Assembléia Legislativa; Centro Administrativo Integrado, em João Pessoa; edifício-sede do jornal *A União*; delegacia de trânsito em Campina Grande; Unidade Administrativa de Patos; segunda adutora de Campina Grande; colégios polivalentes em João Pessoa e Campina Grande; edifício-sede do Instituto de Pesos e Medidas; Hospital de Pombal; Centrais de Abastecimento de João Pessoa e Campina Grande; edifício-sede do Corpo de Bombeiros, em João Pessoa; quartel de polícia, em Guarabira; Mercado do Artesanato Paraibano; Centro Previdenciário do Estado da Paraíba; e Laboratório de Solos, em Areia.

Ora, tais metas eram realmente ambiciosas. Mais ainda quando os valores orçamentários não autorizavam muita pretensão, em termos administrativos. Ademais, pesavam, desde o início do governo, os ônus dos débitos herdados em função de empréstimos e déficits acumulados, no decorrer de várias administrações. Este o quadro das nossas finanças: a dívida do Estado fundada em 15 de março de 1971 era exatamente de Cr$ 72.945.000,00, mais vinte milhões de juros e correção cambial, quase quatro milhões de restos a pagar e três e meio milhões de dívida do DER com a rodovia do Brejo, perfazendo um total de Cr$ 100.253.000,00. Isto para um orçamento para o mesmo ano de 1971 de Cr$ 183.269.000,00, dos quais noventa e um milhões de cruzeiros eram destinados ao pagamento das despesas de pessoal.

Para o ano financeiro de 1972, o orçamento estimou uma receita e uma despesa em torno de Cr$ 230.000.000,00, enquanto para o ano de 1973 essa estimativa ficou em Cr$ 282.000.000,00, o que nos dá uma idéia das dificuldades de ordem financeira, com que esteve a braços a administração Ernani Satyro.

Não houve, por conta desses impasses, qualquer esmorecimento. Em outubro de 1972, quando da visita à Paraíba da comitiva do Estado-Maior das Forças Armadas, numa conferência a que intitulou "A Paraíba: uma Imagem de Trabalho", o Governador Ernani Satyro, depois de relatar todos os seus esforços administrativos desenvolvidos ao longo dos vinte meses de governo, disse textualmente:

> "Não temos faltado com a nossa parte. Limitações de toda ordem cerceiam maiores arremetidas. Todavia, nem sequer marcamos passo. Avançamos também em procura de melhores destinos para os

nossos conterrâneos e para a conquista permanente de um bem-estar social e político, de que tanto carecemos."

Na mensagem à Assembléia, encaminhada em março de 1973, relatando as atividades de governo, no ano anterior, o Governador Ernani Satyro, a certa altura, salienta, dando conta do esforço para cumprir os compromissos financeiros do Estado:

> "As amortizações dos empréstimos e financiamentos de várias naturezas, internos e externos, adicionadas dos respectivos encargos financeiros, foram satisfeitas integralmente, sem protelações, adiantamentos ou reformulações de prazos. No caso específico do empréstimo externo para a construção do Anel do Brejo, da mesma forma que ocorreram em 1971, efetuamos o pagamento das duas prestações semestrais, mantendo em alto nível o crédito do Estado perante os seus credores estrangeiros e organizações financeiras nacionais que avalizaram os títulos emitidos pela Paraíba. É importante acentuar esse fato, sobretudo porque, graças à correção que demonstramos perante os nossos credores, habilitamo-nos sem dificuldades à obtenção de um novo empréstimo externo, autorizado já por essa augusta Assembléia e já aprovado pelo Senado Federal e Poder Executivo Central."

Em seguida, destaca os seus compromissos com as suas metas administrativas e as medidas que estão sendo adotadas para consolidá-las urgentemente. Merecem destaque os seguintes trechos: **a)** a constituição das Centrais de Abastecimento da Paraíba S/A, que dentro de dez meses estará operando a unidade de João Pessoa; **b)** a conclusão do edifício-sede da Assembléia, ainda para aquele ano de 1973; a conclusão já do edifício sede de *A União*, inclusive com equipamentos novos em *offset;* **c)** a conclusão da 2ª adutora de Boqueirão para servir a Campina Grande; **d)** o compromisso de que a rodovia, já denominada de Redenção do Vale, ligando Patos a Piancó, Itaporanga e Conceição, estará concluída até o final de seu mandato; **e)** o Centro Administrativo Integrado, igualmente, será construído até o final de sua Administração, além de referências a outros esforços nos mais diferentes setores do governo.

Termina assim a parte introdutória de sua mensagem, lida em 1º de março de 1973:

> "Voltada assim para o bem público e para os superiores objetivos nacionais perseguidos pelo Governo do eminente Presidente Emílio Garrastazzu Médici, a administração que me foi confiada presta contas aos ilustres representantes do povo paraibano na Assembléia Legislativa Estadual com a satisfação do dever cumprido, estimulada a continuar a executar os programas necessários para que seja alcan-

çado o bem-estar social do povo paraibano e o progresso econômico do nosso Estado."

Em 15 de março de 1973, ao completar dois anos de atividades, o Governo Ernani Satyro fazia publicar em todos os jornais em circulação no Estado um encarte contendo as dez obras de governo que valiam por mil. Eram elas: o Colégio Polivalente Modelo, Presidente Médici, em João Pessoa; o Plano Estadual de Saúde; ampliação do porto de Cabedelo, com aquisição de equipamentos e construção de 400 metros de cais e ampliação de cortina; eletrificação rural de três mil propriedades, através de investimento de dezesseis milhões de cruzeiros; esgotos sanitários de João Pessoa, Campina Grande, Patos e mais 24 outras cidades; Centro Administrativo Integrado; Palácio da Assembléia; a estrada Redenção do Vale; 2ª adutora de Campina Grande e, finalmente, as Centrais de Abastecimento de João Pessoa e Campina Grande.

Não há negar que a consolidação de todas essas metas estava a exigir redobrados esforços no sentido de não faltarem recursos à sua final concretização. Estava-se no meado do mandato. Faltavam ainda dois anos de administração. Muitas dessas obras já estavam concluídas. Outras em fase de conclusão. Algumas à espera de recursos para o seu início. A verdade é que existia um programa de obras já definido e sobre o qual se trabalhava obstinadamente. Não eram admitidas procrastinações, nem mudanças de rumo. O cronograma físico de todas elas tinha cumprimento rigoroso. O tempo urgia. O Governador Ernani Satyro disso tinha plena consciência e fustigava seus auxiliares com cobranças de providências inadiáveis. Ele mesmo se entregava, de corpo e alma, às duras fainas de não faltar com sua presença e sua palavra onde quer que se fizessem necessárias. Nunca abdicou de sua condição de chefe de equipe.

Importante como o Governador Ernani Satyro acompanhava de perto a evolução das obras de seu governo. Nunca faltou com sua atenção à marcha sempre crescente de suas metas em busca das soluções desejadas. Inclusive, adotou um método novo de prestação de contas: seus artigos dominicais, na imprensa da capital e do interior, invariavelmente falavam de suas providências, como governador, visando à consecução do programa de realizações com que havia assumido compromissos. Ao cabo de um ano de administração, podia dizer tranqüilo:

> "Entre as obras previstas, novas ou em curso, estão as Centrais de Abastecimento, a 2ª adutora de Campina Grande, a cidade administrativa, a conclusão do Anel do Brejo, a pavimentação da estrada Patos—Piancó Itaporanga—Conceição, o edifício do Corpo de Bombeiros, a Unidade Administrativa de Patos, inclusive o Fórum Miguel Satyro, o Palácio do Poder Legislativo, a gráfica oficial, a delegacia de trânsito de Campina Grande e muitas outras, além da eletrificação rural e esgotos sanitários."

No transcurso do segundo ano de administração, ante às ofensivas dos adversários, subestimando sua ação de governo, escrevia o seguinte:

> "O que há por trás de tudo é o inconformismo, diante de uma obra que, no segundo ano de governo, já mostra as suas proporções e há de crescer cada vez mais. Contra essa obra são impotentes todos os assaltos da inveja, do ódio e do despeito."

Há quem admita a hipótese de que governar um Estado pobre como o nosso é tarefa mais que difícil. Nunca os recursos disponíveis estão na proporção das crescentes e desafiadoras necessidades. Existe sempre um déficit decorrente das limitações da receita orçamentária. Sobretudo depois das restrições criadas pelo sistema tributário vigente desde 1967.

Por outro lado, não obstante tais dificuldades, é sempre gratificante para o governante se sentir responsável por um acréscimo, mesmo que não seja tão expressivo como desejasse, no acervo de obras e realizações feitas em favor da comunidade. É o que podemos chamar de alegria de criar. Isto ficou claro em uma manifestação do governo Ernani Satyro, percebendo que seus objetivos administrativos estavam sendo, aos poucos, consolidados. Assim se expressou:

> "Não fiquemos a dormir sobre os louros das conquistas feitas. Tudo isso é efêmero e passageiro. Quem pensar que me iludo com isso, é quem está enganado. A minha verdadeira alegria é a de criar. É plantar a obra, vê-la crescer, dominar o espaço ou espalhar-se no chão."

Consciente de que, ao final do terceiro período administrativo, estavam suas principais obras consolidadas e com o término assegurado, fez questão de rememorar o dia 19 de março de 1924, quando saiu de Patos para estudar em João Pessoa, dizendo que nunca perdeu a confiança no futuro, nem em si próprio, acrescentando:

> "Com a mesma confiança do dia 19 de março de 1924, venho abrindo muitas portas, para mim e para o povo. É sob o mesmo signo que parto para o quarto e último ano de governo, sem preocupações de glória, mas, animado sempre pela vocação de servir."

Não se tem notícia, dado esse seu permanente estado de espírito, de que tenha o Governador Ernani Satyro demonstrado, em qualquer ocasião, algum sentimento de desânimo ou desfalecimento, diante de quaisquer das naturais dificuldades que enfrentou, durante todo o seu período de governo. Quanto mais fustigado e assediado por obstáculos, maior era a sua disposição de luta e resistência. A vacilação nunca freqüentou seus atos. Sem dúvida, estava preparado para a difícil missão de governar a Paraíba.

4.3 — Paraíba enriquecida

Se, por um lado, ao término do seu terceiro ano de administração, suas principais metas de governo estavam manifestamente consolidadas, com os recursos assegurados e muitas delas concluídas, por outro lado, o quarto período administrativo representaria o coroamento de toda uma ação governamental voltada para a satisfação dos melhores anseios populares.

Em termos orçamentários, se os recursos não eram suficientes para um melhor desafogo da situação financeira do Estado, tinha se verificado um incremento substancial, em comparação aos anos anteriores. De 180 milhões em 1971, passamos para 230 milhões em 1972. De 282 milhões em 1973, havia uma previsão para 390 milhões em 1974.

Tal comportamento da receita, no exercício financeiro de 1974, aliado a outras providências vitais, em termos de restrição de gastos supérfluos, possibilitou, inclusive, que o governo tratasse de acrescentar outras obras, além das que já estavam concluídas e muitas outras em andamento. É o caso da construção dos estádios de futebol de João Pessoa e Campina Grande; do quartel do Corpo de Bombeiros; dos serviços de esgotos sanitários de João Pessoa e Campina Grande; da Central de Abastecimento de Campina Grande; do Centro de Estudo de Solos, em Areia; do Centro Integrado de Educação Física de João Pessoa; do Centro Administrativo Integrado, em João Pessoa; da pavimentação da rodovia BR-230/Itabaiana; da pavimentação Rio Tinto/Mamanguape; da pavimentação Cajazeiras/Antenor Navarro, dentre outras.

Todas essas obras enumeradas deveriam terminar concomitantemente com o mandato do Governador que se expirava em 15 de março de 1975. O esforço foi hercúleo, mas compensou. Tudo terminou como foi planejado. Por mais que o tempo conspirasse, a paisagem cultural da Paraíba foi bastante enriquecida. Não houve um município que não recebesse uma ação importante da administração Ernani Satyro. Isto sem se falar nas grandes obras, de que tanto se orgulham, hoje, os que dela participaram.

Ao final do governo, as grandes inaugurações se sucediam. Com elas os discursos do Governador Ernani Satyro, em que se destacavam os esforços desenvolvidos por todos quantos integravam a sua equipe administrativa.

Muitas das chamadas grandes obras já haviam sido inauguradas. Era o caso do Palácio da Assembléia, da 2ª adutora de Campina Grande, da Central de Abastecimento, da rodovia "Redenção do Vale" e outras mais. Faltavam ser entregues ao público outras não menos importantes. Nos últimos quinze dias de governo, destacaram-se as festas de inaugurações do Centro Administrativo Integrado de João Pessoa, a ampliação do sistema de esgotos sanitários da Capital, os estádios de futebol de João Pessoa e Campina Grande, bem como a pavimentação da rodovia ligando Cajazeiras a Antenor Navarro, dentre muitas outras.

Há um pronunciamento do Governador Ernani Satyro, quando da inauguração do Centro Administrativo de João Pessoa, feito de improviso, como costumava fazer em tais ocasiões, que retrata seu verdadeiro estado de espírito, ao término de seu mandato. Vejamos alguns trechos:

> “Nesta tarde, que é um misto de luz e de sombra, com as nuvens pairando sobre nós, não ameaçadoras, mas abençoadoras, eu me lembro dos primeiros sonhos do meu governo. Primeiro, como desejei, por sinal, o mais ardente dos meus desejos, governar a Paraíba. Fazer por ela aquilo que, através de tantos anos, meditara nos livros, nas lições da História, nos ensinamentos dos mestres, nas minhas próprias aspirações. Vim e provei as dificuldades. Mas, ainda assim, os sonhos não se desfaleceram. Consegui, ao mesmo tempo, temperar cada dificuldade com a força de cada um destes sonhos.” E as obras foram surgindo, Ceasa de João Pessoa e Campina Grande, 2ª adutora de Boqueirão...”

Mais adiante, entrecortando a relação de suas obras, afirmou:

> ? “Os sonhos sempre acompanhando as obras. As obras sempre reafirmando os sonhos.”

E conclui seu pronunciamento, depois de enumerar todas as suas realizações, nas mais diferentes áreas do Estado e nos mais diversos setores, dizendo:

> “Deixo, por conseguinte, minhas senhoras e meus senhores, o governo do Estado, não orgulhoso, não glorioso, mas deixo com a mais humilde convicção de que fiz o que pude pela Paraíba.”

Faltando menos de oito dias para deixar o governo, Ernani Satyro foi homenageado em Campina Grande, pela Associação Comercial, em razão do muito a que ali tinha realizado, inclusive com a inauguração recente do “Amigão” ou Estádio Ernani Satyro, que ao lado da 2ª adutora e da Central de Abastecimento, se constituiu numa das obras mais simpáticas ao povo campinense. Agradecendo a homenagem, disse, entre outras coisas, o Governador:

> “... se outros motivos não tivesse para me orgulhar, bastaria a permanência do espírito com que Campina Grande me acompanhou, desde a alvorada do meu governo até o ocaso da minha administração.”

Ainda reafirmando sua atenção e apreço para com Campina Grande, cidade a que devia muito, segundo reiteradas assertivas suas nesse mesmo discurso, esclareceu:

> “... eu não admitia, sequer como receio, que Campina Grande fosse uma cidade em decadência. Mas que isto sim, passava por

uma crise. Mas uma crise que acima de tudo de confiança, mas por culpa do governo do Estado do que por culpa de Campina Grande."

Uma das últimas obras que inaugurou foi a estrada ligando Cajazeiras a Antenor Navarro, depois de, em Souza, ter inaugurado o Colégio Polivalente Celso Mariz. Falando, na oportunidade, disse:

"Está inaugurada a estrada Cajazeiras a Antenor Navarro. O meu governo, se é permitido repetir essas comparações, já é um céu em declínio, mas Cajazeiras vai continuar a progredir na alvorada do governo Ivan Bichara."

Há um depoimento, publicado em *A União* de 15 de março de 1975, que não pode deixar de ser aqui transcrito. Senão na íntegra, dada a exigüidade de espaço, pelo menos quanto ao seu último parágrafo. Vejamos o seu teor:

"Mas Ernani, que por esses dias deixa o Palácio da Redenção, pode partir tranqüilo. Os aplausos são maiores que as objeções e as injustiças. A Paraíba isenta não lhe nega as nobres qualidades pessoais, nem os incontáveis serviços de governo. Este reconhecimento crescerá com perspectiva serena que não tarda. Assim, também partirá Antonieta, a esposa nobilíssima de personalidade simples, modesta e singular que só estima, simpatia e respeito inspirou como primeira dama."

Esse julgamento, imparcial sob todos os títulos, é do escritor Celso Mariz, a quem muito deve a Paraíba e este Poder Legislativo, onde serviu por muitos anos, como nosso diretor de secretaria.

Ao transmitir o poder ao seu sucessor, em praça pública, depois de afirmar que tinha realizado tudo que pudera, em favor da Paraíba, antes de entrar no veículo que o conduziria a Recife, cercado pelos amigos, disse naquele seu jeitão muito conhecido:

"Amigos velhos, não posso abraçá-los, porque o coração não agüenta."

Partiria para outras missões, a fim de que pudesse, como está podendo até hoje, decorridos cinqüenta anos de atividades públicas, continuar no cenário federal sua trajetória de trabalho construtivo, voltado para os interesses do seu Estado e do seu País.

Numa última conversa com o jornalista Gonzaga Rodrigues, às vésperas de deixar o governo, respondeu informalmente às inteligentes perguntas que lhe foram formuladas sobre as experiências na condição de governador. A todas deu um tratamento de quem se encontrava absolutamente seguro de que cumpriu bem seus compromissos com o povo da Paraíba.

À indagação de que teria valido a pena a experiência, respondeu:

> "Sim. Tudo quanto se faz com alma e honestidade é compensador. Mesmo quando erramos, se somos sinceros e temos coragem de reconhecer o erro, ganhamos com a experiência. Espero, porém, que tenha praticado maior número de atos certos do que errados."

Em outra resposta, à queima roupa, foi sobre sua maior felicidade como Governador. Disse:

> "Fui feliz inaugurando. Não há quem arranque as sementes que plantamos. É isso que dói nos meus adversários e contestadores. É isso que alegra os olhos dos meus amigos ou das pessoas isentas. Dos homens de boa vontade."

Sobre se levava raiva ou desgosto de volta, respondeu, sobranceiro:

> "... Desse modo, não levo raiva para casa. Meus inimigos não merecem essa homenagem. Não vou perder o sono nem a saúde por causa deles."

Enfim, depois de outras perquirições argutas do consagrado jornalista paraibano, perguntado quando estaria de volta à Paraíba, não se fez de rogado:

> "Posso demorar meses e posso voltar a qualquer momento. Sou um homem do meu momento, da minha hora, da minha circunstância, embora, sempre com a marca da minha personalidade."

E citando Joseph Conrad, concluiu:

> "Não pinto o homem, pinto-lhe a passagem. Diremos, também, que estamos sempre passando, indo e voltando, até que chegue o dia de parar de uma vez."

E num arremate muito do seu agrado, enfatizou:

> "Grande é a vida!"

5 — PARLAMENTAR DE HOJE E DE ONTEM

Desses cinqüenta anos de vida pública do atual Deputado Federal Ernani Satyro, nosso homenageado, mais de trinta foram e estão sendo dedicados ao exercício de vários mandatos parlamentares. Foi deputado estadual por uma legislatura e já conta com sete mandatos de deputado federal, num total de trinta e dois anos de vida parlamentar. Foi constituinte na Paraíba, em 1934, e participou, em 1946, da elaboração da primeira Constituinte brasileira, após o Estado Novo.

Na condição de parlamentar, exercera as funções de líder de partido e líder de bloco parlamentar, além de secretário e presidente da antiga UDN.

Integrou várias comissões técnicas importantes, tanto aqui nesta Assembléia, quanto no plano federal, destacando-se como autor de inúmeros pareceres na Comissão de Constituição e Justiça e relator de matérias, objeto de análise em comissões mistas na Câmara Federal e no Senado. Em toda essa sua longa vida de atividades parlamentares, seu nome está ligado a quantos projetos e iniciativas legislativas que tramitaram no Congresso Nacional, abordando assuntos e problemas os mais significativos para a História deste País.

Essa sua trajetória parlamentar fora interrompida apenas duas vezes: a primeira, em razão da implantação do Estado Novo, em 1937; e a segunda, quando foi indicado pelo Presidente Costa e Silva, de quem tinha sido líder na Câmara Federal, para integrar o Superior Tribunal Militar, onde ficou até ter sido escolhido governador do nosso Estado, em 1970.

É um dos poucos remanescentes da Constituinte de 1946, ora em atividade parlamentar no Congresso Nacional. Não deixa tal fato de representar uma longevidade política, que só encontra justificativa na realização permanente de um trabalho sério em favor de quantos o tem, ao longo de toda essa vida parlamentar, prestigiado com o voto, em sucessivas eleições.

Isto é o que veremos.

5.1 — No plenário da Câmara

A atuação de Ernani Satyro, como deputado no plano federal, é das mais destacadas. Diríamos até que, no decorrer dessas últimas quatro décadas, nenhum assunto ou problema importante, relativos ao desenvolvimento político, social ou econômico deste País, deixou de merecer a atenção do Deputado Ernani Satyro. Difícil é sumariar uma atividade tão abrangente e que freqüentou períodos os mais tormentosos da nossa vida político-institucional.

Ao solicitar ao Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação da Câmara Federal uma listagem da ação parlamentar do nosso homenageado, recebi mais de cem folhas, tamanho ofício, contendo somente as súmulas de seus pronunciamentos, o que significa dizer: a data e o assunto do discurso e de outras suas intervenções, quer levantando questões de ordem ou encaminhando a votação de matérias em tramitação. O acervo que existe na Seção de Histórico de Debates da Câmara Federal permitirá, sem dúvida, a quem a eles se dedique, um trabalho de fôlego, de que tanto está a necessitar a nossa historiografia paraibana.

Nossa pretensão é bem mais modesta. Move-nos, tão-somente, a preocupação da síntese. Outros farão o estudo completo dessa atividade legislativa do nosso eminente conterrâneo, constante toda ela dos Anais do Congresso Nacional.

Ainda aqui, no relato de uma atividade parlamentar brilhante, deverá prevalecer o caráter referencial, a tópicos importantes por si mesmos. Seria o caso do destaque para a preocupação do recém-eleito Deputado Ernani

Satyro, na sessão de 16 de fevereiro de 1946, em pronunciar um estudado discurso sobre a figura exponencial do paraibano que foi a do ex-presidente Epitácio Pessoa, a quem nunca negou os maiores encômios. Tal gesto é repetido na sessão do dia 24 de maio de 1952, aniversário do *nosso* Patrono, e no dia 8 de junho de 1964, quando das homenagens ao centenário do seu nascimento. Ainda, não satisfeito, pronunciou discurso no dia 27 de setembro de 1966, agradecendo ao Presidente da República, de então, a iniciativa de ter dado ao açude público de Boqueirão o nome do nosso Presidente Epitácio Pessoa.

Um outro assunto que se constituiu numa constante em seus pronunciamentos: os interesses da agricultura e da pecuária. Assim é que em 9 de novembro de 1946, pedia da tribuna da Câmara a moratória para os pecuaristas, seguida tal iniciativa de outras nas sessões do dia 11 de abril de 1947; de 22 de setembro de 1949; e de 26 de abril de 1952. Como nordestino, a seca sempre foi tema permanente de sua ação parlamentar. Há registro de discursos seus sobre o assunto nas sessões de 26 de abril de 1951; 18 de junho de 1952; 27 de novembro de 1952; 2 de setembro de 1953; 1º de maio de 1980; 14 de junho de 1980; 7 de março de 1981; 25 e 28 de maio de 1981; e 6 de agosto de 1982.

Numa demonstração da versatilidade de sua participação nos debates dos assuntos que tanto interessaram e interessam ainda hoje à nação, há discursos do Deputado Ernani Satyro, com certa freqüência, sobre Direito Eleitoral. Os apanhados taquigráficos da baixa Casa do Congresso dão conta do seguinte: nas sessões de 29 de março de 1952; 30 de abril de 1952; 14 de maio de 1953; e 28 de maio de 1955, sua participação foi destacada na discussão e debates de projetos sobre reforma eleitoral, inclusive no que diz respeito ao uso do retrato no título de eleitor.

São, por outro lado, assuntos que mereceram sua atenção em repetidos pronunciamentos: os preços mínimos dos nossos produtos agrícolas; a criação de Juntas de Conciliação e Julgamento em nosso Estado; a refinaria de petróleo na Paraíba; a Petrobrás; a Universidade Federal de Campina Grande; créditos agrícolas; inviolabilidade parlamentar; serviços d'água de Campina Grande; Lei de Segurança Nacional; instituição do Júri; açudes do Nordeste; Aeroporto de Campina Grande; açude do Jatobá, em Patos; constituição do Banco do Nordeste, inclusive reivindicando a sede para Campina Grande.

Além do destaque desses assuntos de reconhecido interesse público, há nos Anais da Câmara registros reiterados sobre personalidades eminentes do nosso Estado, sobretudo quando dos seus passamentos. Citaríamos apenas, dentre tantos outros: escritor José Vieira; Lauro Montenegro; Irineu Joffily; Napoleão Laureano; José de Oliveira Pinto; João Lelis de Luna Freire; Alírio Wanderley; Ascendino Moura; Acácio Figueiredo; Hortênsio de Souza Ribeiro; Américo Maia de Vasconcelos; general Edson Ramalho; Virgínio Veloso Borges; Seráfico da Nóbrega; Álvaro Gaudêncio de Queiroz; Assis Chateau-

briand; Samuel Duarte; José Américo de Almeida; Argemiro Figueiredo; Manoel Tavares Cavalcanti; Afonso Campos; Napoleão Nóbrega; Plínio Lemos; Renato Ribeiro Coutinho; Celso Mariz; Horácio de Almeida; Otávio Amorim e Silvio Pélico Porto.

Todos esses eminentes paraibanos receberam da parte do Deputado Ernani Satyro um estudo de suas obras e um perfil de suas personalidades, através de discursos pronunciados da tribuna da Câmara Federal.

De tudo quanto foi exposto, à guisa de mera citação, se deduz que o nosso homenageado tem feito da tribuna da Câmara Federal um instrumento valioso de projeção do nosso Estado no cenário federal, sem descuidar-se da busca de soluções para os nossos problemas.

Todavia, seu trabalho não tem se limitado ao plenário da Câmara dos Deputados. Nas Comissões Técnicas e como relator de Comissões Mistas do Congresso, os Anais do Poder Legislativo deste país também estão enriquecidos com sua atuação. Vejamos, adiante, o que, resumidamente, podemos destacar.

5.2 — Nas Comissões Técnicas

É comum se dizer que o trabalho parlamentar de um deputado não pode ser avaliado somente pelo que faz no plenário, ou no exercício do encargo da liderança. Há o trabalho nas Comissões Técnicas, muitas vezes, silencioso e pouco divulgado. No entanto, não menos importante. É também parâmetro de julgamento de uma atuação parlamentar a contribuição que é dada na elaboração de pareceres e projetos de lei, todos importantes no desenvolvimento do chamado processo legislativo, atribuição precípua do nosso poder.

No caso do Deputado Ernani Satyro, há muito que dizer sobre os dois ângulos da atuação parlamentar. Foi e é eeputado de plenário. Não se sente mal na tribuna, nem nos microfones de apartes. Também é deputado de comissões. Não se assusta com tarefas que possam parecer, à primeira vista, vexatórias e intrincadas. A todas tem enfrentado com a galhardia e a tranqüilidade de quem aprendeu, logo cedo, a lição da sabedoria popular de que "de noite todos os gatos são pardos".

Daí ter pertencido, ao longo de toda essa sua atividade parlamentar, às Comissões de Legislação Social, Constituição e Justiça, Orçamento, Polígono das Secas e outras especiais como a de Reforma Eleitoral e Reforma do Código Civil Brasileiro.

No desempenho do atual mandato, o Deputado Ernani Satyro tem sido indicado, insistentemente, pela liderança de seu partido para relatar, na Comissão de Constituição e Justiça, a que presidiu com extraordinário brilho, matérias as mais controvertidas e importantes em tramitação na Câmara Federal. Tanto assim que é de sua lavra o parecer sobre a interpretação regimental

referente à questão da reeleição dos membros da Mesa Executiva, bem como seu substitutivo sobre a Lei da Anistia.

Igualmente, é da responsabilidade do Deputado Ernani Satyro o parecer sobre a questão levantada na Comissão de Constituição e Justiça, a respeito da convocação de ministros de Estado para prestarem depoimentos perante as Comissões Parlamentares de Inquérito.

Dele, também, é o parecer sobre as normas para as eleições de 1982, na qualidade de relator da respectiva Comissão Mista, como também foi o autor do parecer sobre a emenda constitucional que pretendia restabelecer as eleições diretas para presidente e vice-presidente da República.

Seu trabalho, porém, de maior fôlego e repercussão, foi o de relator-geral do Projeto de Lei nº 634, de 1975, responsável pela elaboração do novo Código Civil Brasileiro. Substituiu, nessa difícil missão, o Deputado Djalma Marinho, conhecido e consagrado jurista nacional, prematuramente desaparecido.

Para se ter uma idéia da responsabilidade de sua missão, bastaria citar que foram autores do anteprojeto do novo Código Civil Brasileiro os juristas Orlando Gomes e Caio Mário da Silva Pereira, tendo integrado a Comissão Revisora, dentre outros renomados constitucionalistas brasileiros, o Professor Miguel Reale, o Ministro José Carlos Moreira Alves e o Professor Clóvis do Couto e Silva. É de se salientar, como é por demais sabido, que o Código Civil, então vigente, era ainda o de autoria do consagrado Professor Clóvis Beviláqua e datado de 1916.

Seu parecer ao novo Código Civil ensejou uma acalorada discussão com a Ordem dos Advogados do Brasil que, intempestiva e ilegitimamente, tentou interromper a tramitação do projeto, sugerindo a inclusão de 102 destaques de emendas ao projeto em análise na Câmara dos Deputados. O Relator Ernani Satyro considerou a iniciativa da OAB uma "intromissão indébita", e a relação dos destaques uma verdadeira salada doida, com os mais estranhos e contraditórios ingredientes.

Ora, a simples referência, a presença tão marcante nos episódios mais cruciais vividos pelo Congresso Nacional, nestes últimos quatro anos, nos assegura que o nosso homenageado é hoje um dos parlamentares mais respeitados e ouvidos dentro do Poder Legislativo Federal. Nada de importante ocorrera ali, sem que se tivesse recorrido à sua inteligência e ao seu reconhecido equilíbrio. A Paraíba muito se honra de tal constatação! Este Poder Legislativo Estadual muito se alegra por tão edificante realidade!

5.3 — Na Assembléia

Chegou Ernani Satyro a esta Casa, em 1934, há precisamente cinqüenta anos, com pouco mais de 23 anos de idade. Já vinha da tribuna do Júri, Bacharel em Direito que mantinha uma acentuada predileção para as causas

criminais. Não era, porém, um desinteressado pelas outras áreas da Ciência Jurídica. Foi membro da Comissão de Constituição e Justiça, ao lado de Otávio Amorim, Fernando Nóbrega, Duarte Lima e Rodrigues de Aquino. Igualmente, integrou a Comissão Especial de Elaboração da Nova Constituição do Estado da Paraíba, desde que se tratava de uma Assembléia Constituinte, ao lado de Tertuliano Brito, Emiliano Nóbrega, João Vasconcelos, Aloísio Campos, Miguel Bastos, Alcino Leite e José Tavares, posteriormente substituído por Raphael Sebas, e Fernando Pessoa. Deu sua contribuição na discussão e elaboração do substitutivo apresentado pela comissão, ressaltando-se ainda, no decorrer desse seu primeiro mandato parlamentar, sua viva preocupação pelos seguintes assuntos: a nova Lei de Segurança Nacional que mereceu, de sua parte, muitas restrições; pareceres sobre a contagem de tempo de serviço; a regulamentação do direito de férias; situação dos funcionários demitidos pela Revolução de 1930; Lei Orgânica dos Municípios; Lei de Organização Judiciária do Estado; Regimento de Custas do Estado.

Há registros nos nossos Anais de discursos seus, veementes por sinal, sobre as obras do Presidente Epitácio Pessoa; sobre os servidores da chamada Guarda Cívica; pensões dos aposentados; aproveitamento de servidores aposentados; nomeação de juiz corregedor e violências ocorridas na cidade de Patos.

Sua consciência jurídica é testada, igualmente, nesses seus primeiros passos de vida parlamentar. É de sua responsabilidade o parecer sobre pedido para processar o Deputado Raul Nóbrega, concluindo por sua negativa, assim como há pronunciamentos sobre vários pedidos de servidores públicos solicitando reintegração em seus antigos cargos. Sempre fez questão de fundamentar bem os seus votos, dentro dos princípios da Justiça e do Direito.

Destaquemos aqui alguns tópicos de discursos e pareceres proferidos pelo então Deputado Estadual Ernani Satyro, bem como alguns projetos de lei, de sua autoria, a fim de que possamos avaliar melhor o seu desempenho, embora, pela exigüidade de espaço, tenhamos que fazê-lo, utilizando a técnica da amostragem.

Na sessão da Assembléia Constituinte de 31 de janeiro de 1935, a ata dos trabalhos registra o seguinte:

> "Continuando a hora do expediente, pede a palavra o Sr. Ernani Satyro e critica a Lei de Segurança Nacional, em votação na Câmara Federal, uma vez que achava vir ela atenta contra a própria Constituição brasileira em vigor e as liberdades públicas."

Do mesmo modo, a ata da sessão do dia 20 de março do mesmo ano registra:

> "Pede a palavra o Sr. Ernani Satyro e explica o verdadeiro sentido de um seu discurso anterior, afirmando não ter dito que

a Revolução desservira à Paraíba. Alude aos benefícios trazidos pela Revolução ao nosso Estado, mas critica o discurso do Sr. Tertuliano Brito que procurara destacar como devidos ao governo revolucionário desta unidade federativa tudo que nos tem dado a nova República. Exemplifica em seguida os serviços das grandes barragens e extensas rodovias afirmando que os mesmos tiveram início desde o governo do Sr. Epitácio Pessoa, não se conformando fossem eles catalogados como obra da Revolução."

Por outro lado, a ata da sessão do dia 29 de outubro de 1935 contém, em toda a sua extensão, um veemente pronunciamento do Deputado Ernani Satyro sobre violências perpetradas na sua cidade natal de Patos, responsabilizando o governador de então, Argemiro Figueiredo, pelos desmandos de que estão sendo vítimas seus amigos. Vejamos tópicos desse discurso:

> "Usa da palavra o Sr. Ernani Satyro e requer que seja incluído na ata dos trabalhos o seu discurso pronunciado em sessão do dia 4 do corrente, no qual protesta com veemência contra a situação atual do Município de Patos, citando uma série de violências praticadas pelo prefeito e pela autoridade policial local, contra amigos seus. Ainda na tribuna, Ernani Satyro diz: Senhor Presidente o maior mal que as oposições podem causar ao povo e ao governo é dar tréguas a seu combate, de crítica a erros e desatinos. Os governos tomam-se de maior audácia e supõem mortos os protestos da opinião independente. É preferível arrostar com o qualificativo injusto de oposicionista sistemático a permitir com o silêncio que se recrudesça a fúria dos potentados."
>
> "... Existe no Município de Patos, Sr. Presidente, uma família de homens ordeiros e trabalhadores, como quem mais o seja. Vivem do seu labor honesto, despreocupados dos choques políticos de minha terra. Quando das penúltimas eleições sufragaram a chapa do Partido Progressista. Agora, porém, querendo pôr termo a uma situação de misérias, ficaram decididamente com o Partido Libertador. Tanto bastou para que se derramasse sobre eles uma tempestade de violências."

E, nesse mesmo diapasão, continuo o seu discurso, pedindo ao governo providências para que se pudesse evitar uma verdadeira hecatombe em seu Município de Patos, ante a onda de violências praticadas por seus adversários políticos, de então.

Seguem outros trechos desse seu inflamado pronunciamento.

> "... Homens pacíficos, sempre desfrutaram o respeito e o acatamento de toda a população e, mais ainda, de quantos têm procurado minha terra acolhedora. Contra essa gente, volta-se agora a fúria

de um sargento desabusado e perseguidor, a serviço de um odioso mandonismo político.

....

"E por esses mesmos processos de perseguição mesquinha, são atingidos todos os meus correligionários, destacados e humildes, mas todos titulares de direito e garantias que um governo moralizado deve ser o primeiro a respeitar."

A catilinária é longa e rica em detalhes. Paremos por aqui, contudo.

Na ata da sessão do dia 18 de novembro de 1935, há um parecer do Deputado Ernani Satyro, como membro da Comissão de Legislação e Justiça ao Projeto nº 52 que regula o direito de férias remuneradas ao funcionalismo público do Estado da Paraíba. É longo o parecer e termina por uma redação final, onde todos os meandros da matéria estão devidamente definidos e estudados.

Há, contudo, na ata da reunião do dia 21 de novembro do mesmo ano de 1935, um projeto de iniciativa do Deputado Ernani Satyro que regula a situação de funcionários e membros do magistério que foram destituídos de seus cargos, desde 1930. Tal projeto tomou o número 59 e tem o seguinte teor:

"Resolve a situação de funcionários e membros do Magistério, destituídos de seus cargos desde 1930. Art. 1º — Ficam em disponibilidade, com todas as vantagens do cargo, os membros do Magistério Público, vitalícios, destituídos de seus cargos desde 1930. Art. 2º — Serão aproveitados esses professores, nas cadeiras respectivas, ou em outras similares, à proporção que se forem abrindo vagas. Art. 3º — Serão também aproveitados os funcionários destituídos nas mesmas condições, que contavam, ao tempo da destituição mais de 10 anos de serviço, sem direito e disponibilidade. S.S., 21 de novembro de 1935. (aa) Ernani Satyro, Fernando Pessoa, Severino Lucena, Duarte Lima e Fernando Nóbrega."

Não é difícil concluir, ante tal peça legislativa, que se trata de uma iniciativa humana de profundas repercussões sociais. Esse projeto de lei equivale a uma anistia a todos quantos foram demitidos do Estado por motivos eminentemente políticos, decorrentes de divergências quando da Revolução de 30.

Há ainda um detalhe: é que na justificativa desse projeto de lei, o Deputado Ernani Satyro adianta que apressou-se em apresentá-lo, dada a natural dificuldade de o próprio governo fazê-lo.

E para que não se diga que não se lembrou o Deputado Estadual de Patos de sua terra natal, vale a pena transcrever um outro projeto de lei

de sua autoria, que tomou o número 40, de 11 de novembro de 1935. Dizia ele:

"Projeto de Lei nº 40. A Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba decreta: Art. 1º — Fica o governo do Estado autorizado a concluir a construção da estrada de rodagem de Teixeira a Patos, já iniciada pelo governo federal. Art. 2º — Abre-se para esse fim o crédito de 450.000,00 (quatrocentos e cinqüenta mil contos de réis). Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrário. S.S., 11 de novembro de 1935. (aa) Ernani Satyro e outro."

Bem. Pelo que se pode deduzir do que foi referido, o batismo de fogo do Deputado Ernani Satyro foi coroado de pleno sucesso. Esteve no nível dos melhores que integraram a nossa Assembléia Legislativa, nessa legislatura que começou em 1935 e foi até 1937, interrompida, dessa forma, pelo ato de força que implantou o Estado Novo.

Na condição de deputado estadual, também foi constituinte e participou ativamente da elaboração da nossa Constituição de 1935, que teve como ponto de partida um anteprojeto de autoria do deputado federal paraibano, José Pereira Lira.

Integrou a Comissão Especial para elaboração do parecer ao referido anteprojeto, ao lado dos ilustres colegas: Francisco Duarte Lima, presidente; Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega; Octávio Amorim; José Tavares Cavalcanti; Emiliano Castor da Nóbrega; José Rodrigues de Aquino; Aluísio Afonso Campos; Alcindo de Medeiros Leite; Celso Rolim e Miguel Bastos.

Apresentou várias emendas, dentre elas, a que suprime a letra "d" do art. 93, responsável pela extinção do Departamento das Municipalidades, a fim de que não fosse ferida a autonomia do município. Outra diz respeito à idade limite para os membros do Ministério Público e Juízes Municipais, ressalvando-se os que já vinham exercendo essas funções. Preocupou-se, igualmente: **a)** com o problema da equiparação da nossa polícia estadual, quanto a se constituir numa força de 2ª linha do Exército; **b)** a reserva de parte das rendas tributárias do Estado para pagamento das dívidas resultantes da sentença judiciária; **c)** a garantia do direito de requerimento junto às repartições públicas; e **d)** a constituição de uma "Comissão composta de um membro da Corte de Apelação, um magistrado vitalício e um funcionário da Fazenda, para, dentro de dois anos, emitir parecer sobre pedidos de serventuários do Estado que reclamarem contra sua demissão, aposentadoria, reforma, jubilação ou afastamento do cargo, em virtude de supressão deste". Ainda dava aos interessados, a citada emenda, o direito de tentarem o recurso ao Poder Judiciário, caso não obtivessem a reparação da possível injustiça por via administrativa.

Dizia o Deputado Ernani Satyro na justificativa dessa sua última emenda, ditada pelo melhor sentimento de justiça:

"O Estado tem o dever de reparar as injustiças que, porventura, haja cometido, durante o regime da ditadura, contra os seus serventuários. Verdade é que subsiste aí, na plenitude de suas atribuições, o Poder Judiciário. Mas, parece-nos mais consentâneo com a situação de respeito à lei, em que vivemos atualmente, que ele próprio remedie os males, injustamente provocados, uma vez que a medida seja recomendada por uma comissão idônea."

Termina assim sua justificativa:

"Não é, aliás, uma inovação que queremos introduzir. É uma aplicação, no que nos pareceu adaptável, do artigo 18, único das disposições transitórias da Constituição Federal."

Tal emenda foi, afinal, aprovada e introduzida na Constituição do Estado, no Capítulo das Disposições Transitórias, com a seguinte redação:

"Art. 7º Dentro de 30 dias, após a promulgação desta Constituição, o governador do Estado nomeará uma comissão, composta de um magistrado, um advogado e um funcionário do Tesouro, para examinar a situação dos funcionários demitidos, sem processo administrativo desde 1930, que contarem mais de dez anos de serviço, e a dos magistrados que forem afastados nas mesmas condições e dentro do mesmo prazo.

Parágrafo único. Os funcionários contra os quais nada ficar apurado, serão aproveitados à medida que se forem abrindo vagas nas repartições em que serviram, ficando os magistrados desde logo em disponibilidade, enquanto não houver vagas preenchíveis, ou aposentados se estiverem em condições de o requererem. Em nenhuma hipótese, porém, os funcionários e os magistrados, a que se refere este artigo terão direito à percepção de vencimentos atrasados."

Força é convir, contudo, que toda a experiência acumulada nesse seu período inicial de vida pública, como deputado estadual, chefe de polícia e prefeito da Capital, tudo foi eficientemente contabilizado para saques futuros, quando os desafios se lhe apresentaram no exercício de outras importantes funções, como já vimos parcialmente, desde que muitos outros aspectos de sua vida foram até agora deliberadamente omitidos.

6 — BRILHANTE E CONSTANTE

Na verdade, temos a consciência plena de que o perfil traçado do administrador e do político está incompleto. Há muitos aspectos não revelados.

Alguns deles foram apenas tocados de leve, sem a preocupação maior da avaliação definitiva. Mesmo em função da natureza deste pronunciamento, destinado tão-somente a justificar uma homenagem deste poder a um dos seus ex-integrantes, que, há cinqüenta anos, milita na política e na administração da Paraíba.

E quanto aos outros aspectos?

Impõem-se essa e outras indagações.

Porventura não foi o nosso eminente conterrâneo, Ernani Satyro, ministro do Superior Tribunal Militar, onde deixou uma contribuição valiosa, através de acórdãos, votos e despachos publicados, inclusive, numa obra que recebeu o título de "Direito Penal Militar e Segurança Nacional"?

Porventura seu nome não está inscrito como um dos nossos consagrados romancistas, com a publicação dos romances "O Quadro Negro" e "Mariana"?

Sim. Tudo isso é verdade. Como é certo que tem um outro romance inédito — "Dia de São José" — e mais de cem poemas ainda não publicados que serão enfeixados num novo livro "O Conto do Retardatário".

Ora, se nossa incompetência ficou comprovada na tentativa de análise de aspectos com os quais estávamos mais identificados — o do político e o do administrador — quanto mais se nos aventurássemos a enveredar pela avaliação de outros, cuja total ignorância se constitui numa das muitas permanentes frustrações. Certamente, não faltarão, como não faltaram até agora, os depoimentos judiciosos, conquanto igualmente lisonjeiros, sobre a obra literária e poética do nosso homenageado.

— "Não vá, além dos chinelos"!

Grita lá do seu canto o Gato Mourisco, parafraseando o pintor grego Apeles.

Até que havíamos nos esquecido do bichano que, desde o começo, nos advertia das nossas reconhecidas limitações.

É natural que não subestimamos tais advertências, que coincidem exatamente com o nosso entendimento. O que deve ter acontecido — é a conclusão que se impõe — é que nada acrescentamos de original e importante à vida e à obra do nosso homenageado. Fizemos tão-somente recorrer, sempre e sempre, às suas próprias definições. Isto quanto a si mesmo, pois, quanto às suas realizações, elas falam igualmente por si próprias. Talvez tenha-nos cabido apenas o trabalho de coordenar o relato.

Daí, quem sabe, o motivo do silêncio do Gato Mourisco, desde que quem falou sempre, por si e por suas obras, foi o Deputados e ex-governador Ernani Satyro. Limitando-nos, apenas, ao registro, impessoal e isento dos fatos.

Agora, ao final, é que pediríamos vênia para um depoimento de ordem pessoal. Talvez, não devêssemos misturar as coisas. Mas, vamos lá.

O primeiro episódio se relaciona com a nossa convocação para seu secretário da administração, em março de 1971, quando se preparava para assumir o governo do Estado.

A esta altura, exercíamos os cargos de promotor público e professor universitário, em Campina Grande, e estávamos prestando serviços à empresa de saneamento daquela cidade, na condição de seu diretor administrativo. A nossa conversa foi muito franca, como não poderia deixar de ser. Dissemos-lhe da nossa honra em servir ao seu governo. Todavia, declinamos do convite por duas razões: os vencimentos de Secretário de Estado estavam muito abaixo da nossa renda de então e havíamos sofrido restrições, por parte dos comandos militares da região, quando convocados para sermos secretário da administração do Município de Campina Grande, na interventoria do General Paes de Lima. Explicamos-lhe que não estávamos mais dispostos a receber vetos injustos ao exercício de funções públicas, quando não as havíamos solicitado, e estávamos muito bem, por outro lado, na iniciativa privada.

Ouviu-nos atentamente e disse:

O problema dos sálarios dos secretários vai ser resolvido, através de lei já existente, que permite a contratação de servidores pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho. Quanto ao outro problema — o do veto dos comandos militares — o convite ficava de pé e a nossa posse assegurada, até que ficasse comprovada qualquer incompatibilidade nossa para o exercício da função pública.

Tal gesto, um tanto quanto temerário, significou para nós a oportunidade de, no decorrer do exercício da Secretaria da Administração e da chefia da Casa Civil, do seu governo, dirimir, perante os órgãos de informação determinados mal-entendidos, criados pela perfídia e a covardia de muitos que, sob a alegação de se colocarem a serviço da Revolução de 1964, exercitaram o seu ódio gratuito e projetaram suas frustrações contra pessoas, que só tinham e têm compromissos com os superiores interesses da comunidade.

Esta reparação foi de forma direta e dela muito estávamos necessitando. Há uma outra, que nos foi prestada indiretamente. Nem por isso foi menos importante e decisiva. O episódio está recuado na História e relaciona-se com outra Revolução — a de 1930. Nossa família, liderada por Mariano Limeira de Queiroz, em São João do Cariri, recebia a orientação política do então Senador José Gaudêncio de Queiroz. Fomos todos, por isso, perrepistas. Com a vitória da Aliança Liberal, o professor José Gonçalves de Queiroz, genro de Mariano Limeira de Queiroz, mestre-escola no Distrito de Santo André, fora demitido por motivos políticos. A essa perseguição, seguiram-se outras mais violentas e traumatizantes, a que resistimos todos com os meios disponíveis na difícil conjuntura que se sucedeu aos acontecimentos revolucionários de 1930.

Vieram as eleições de 1934 para a Assembléia Constituinte. Neste Plenário, que errou por tantos lugares nesta Capital e que recebeu sítio permanente e definitivo no governo de V. Exª, Ministro Ernani Satyro, um deputado eleito por Patos sentou-se numa cadeira que tinha sido do seu pai, por várias

legislaturas. Coube-lhe emendar o anteprojeto da Constituição, autorizando a criação de uma comissão de alto nível a fim de que fossem levantados os casos de demissão de funcionários públicos e magistrados, por motivo de perseguição política, depois da Revolução de 1930. Introduzia a emenda no texto constitucional, passados alguns meses, não tendo o governador atendido ao mandamento da Carta estadual, o mesmo deputado de Patos apresenta o Projeto de Lei nº 59.135, afinal, aprovado, que estabelece o mesmo que já o fizera sua emenda à Constituição.

O fato é que, em conseqüência dessas iniciativas parlamentares, o professor José Gonçalves de Queiroz foi reintegrado nas suas funções de mestre-escola, se não mais no Distrito de Santo André, mas agora no Distrito de Sumé, onde pudera, depois de três anos de nascido, exatamente em 1936, registrar, no cartório local, o seu filho, hoje, com muita alegria, o ator deste pronunciamento, em nome deste mesmo poder que V. Exª, Deputado Ernani Satyro, tanto honrou, como tem igualmente honrado sua cidade natal de Patos e seu estimado pai, major e ex-deputado Miguel Satyro.

Mal sabia V. Exª, Deputado Ernani Satyro, ao insistir tanto com a reparação de abusos cometidos pela Revolução de 1930, que estava beneficiando, ao lado de tantas famílias, uma que, mais tarde, quando se encontrou V. Exª à frente dos negócios públicos do Estado da Paraíba, receberia, já em termos de segunda geração, rara oportunidade para resgate de injustiças igualmente perpetradas por inspiração de ordem meramente política.

Não diríamos a que história se repetiu. Dizemos que Deus utilizou-se da inteligência e da coragem de V. Exª, Deputado Ernani Satyro, para que o mal não prevalecesse sobre o bem. Afinal, somos todos destinados para o alto e para a frente, dada a nossa própria condição de ser superior e vertical. Só os que não diginificam esse privilégio é que ficam a serviços das piores causas e, nessas circunstâncias, são mais irracionais do que os próprios irracionais, como ensina o grande Aristóteles.

Quer-nos parecer que está plenamente justificada esta homenagem a V. Exª, Deputado Ernani Satyro. Quis este Poder, por nosso intermédio, e por todos quantos o integram, de ambos os partidos, que a Paraíba e o País soubessem o quanto é V. Exª estimado por toda a classe política paraibana e nacional e quão importante tem sido a sua ação parlamentar e de governo, no atendimento das nossas melhores aspirações.

Os depoimentos que seguem, das mais importantes figuras políticas do Estado e da Nação, dão a medida exata da alta conta em que é tida sua ação de homem público.

A Paraíba não poderia deixar de registrar o cinqüentenário da vida pública de um seu filho ilustre, que conseguiu o milagre do equilíbrio, numa atividade marcada, predominantemente, por altos e baixos, vitórias e derrotas, alegrias e decepções.

Tal milagre está bem expresso na oração final do seu discurso de posse, como ministro do Superior Tribunal Militar. Assim disse:

> "Que Deus continue me assistindo nas minhas quedas sem desespero e me ajudando nas minhas ascensões sem vanglória."

Ao mesmo tempo que dizemos: assim seja, desejaríamos que esse fosse o comportamento de quantos, nos mais diferentes níveis, exercitam o poder político neste estado, neste país! Com certeza, o ato de gerir os interesses públicos seria a arte de fazer o bem a um maior número, sem personalismos que distorcem e viciam a ação de servir.

Em Ernani Satyro encontramos essa constante. Seja no político ou no escritor, no parlamentar ou no governante. A marca predominante de sua ação é o equilíbrio de condições humanas que lhe são inerentes e respondem pelo sucesso de sua vida, o qual, como mesmo diz, pode não ser brilhante, mas é permanente! Disso, todos nós nos orgulhamos, com uma ressalva: nosso julgamento é que a estrela também é brilhante além de constante!!!

7 — CONCLUSÃO

Num instante de réplica, muito do seu feitio, V. Exª observou: "Não queiram que eu anoiteça, antes do tempo. Todos têm direito aos seus momentos. Eu não abrirei mão dos meus. Os que me combatem hoje terão os seus, amanhã. É questão de paciência e oportunidade. Eu esperei muito para ser governador. Pretendo exercer em toda a plenitude o meu mandato e a minha autoridade. Os que discordam de mim, aguardam a sua vez. Ela chegará, como chegou a minha".

Teríamos aí a fórmula utilizada por V. Exª, Deputado Ernani Satyro, para que sua estrela seja constante e, igualmente, brilhante. É que, no exercício das tarefas que lhe são cometidas, V. Exª emprega todas as suas forças, todas as suas energias e todo o seu entusiasmo. Não há concessões ao comodismo, nem ao acaso. No desempenho das tarefas que lhe foram impostas pela vida nunca se registrou uma desídia ou uma incúria, por menor que seja. Pelo contrário, o entusiasmo com que V. Exª se desincumbiu de suas missões, ao longo da vida, foi sempre aquele mesmo que se registrou na participação do primeiro júri, na sua cidade de Patos, quando ingressou na Faculdade de Direito do Recife.

É conhecida a expectativa que cercou a sua ida para o Superior Tribunal Militar. Tanto os que lá estavam, como os que ficaram acompanhando os fatos, todos ficaram a temer pelo seu desempenho. Dizia-se: como é que Ernani Satyro, político a vida inteira, vai ser agora ministro? E logo no Tribunal Militar, numa época em que a Revolução de 1964 fazia da doutrina da segurança nacional a sua Carta Magna. Houve, realmente, uma atmosfera de suspense. E ainda havia outros que acrescentavam: só entende de literatura

e política. Como se atreve a julgar processos em que os envolvidos haverão de receber as penas objeto do Código Penal Militar?

Diferente não foi a expectativa quanto à sua investidura no governo do Estado. O entendimento era que o nosso Estado iria parar e a escolha não poderia ser mais infeliz. Nessa hora se dizia: é deputado federal brilhante. Agora, como administrador, vai ser um fracasso.

Ora, nada mais gratuito e injusto. Os que assim pensavam, não sabiam dessa sua disposição de trabalho e do seu destemor em arrostar os desafios da vida. Nem tampouco imaginavam a sua capacidade de ocupar os espaços, numa preparação metódica e eficaz que sempre o colocou no mesmo nível dos mais capazes para enfrentar as tarefas mais difíceis.

Foi assim no Superior Tribunal Militar, onde, em pouco tempo, se impôs aos seus colegas juízes, através de acórdãos bem fundamentados, bem como à frente do governo do Estado, onde esgotou todas as suas potencialidades na busca de soluções para os nossos problemas. E tem sido assim no exercício dos inúmeros mandatos legislativos, que lhe foram outorgados nesses seus cinqüenta anos de vida pública.

Essa sua intransigência, em pretender fazer sempre o melhor, lhe tem valido esse sucesso que todos proclamamos e reconhecemos.

E com certeza responde pela permanência do sol em sua vida. E não é em vão que dizemos: quem faz assim dos seus instantes uma batalha permanente a serviço do bem não anoitecerá. As auroras sequer entardecerão!!!

8 — DEPOIMENTOS

DEPOIMENTO DO GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, WILSON LEITE BRAGA

MODELO PARAIBANO

Em Ernani Satyro há que ressaltar a vocação para o civismo. Poucos brasileiros esbanjaram tanto em devoção pela Pátria. Escrevendo, defendendo, atacando, julgando ou governando, é um clássico na melhor acepção.

Executou na Paraíba um notável projeto administrativo. Como ninguém, soube respeitar a integridade das instituições e das liberdades democráticas. Tudo sem prejuízo do princípio fundamental da autoridade.

A Paraíba orgulha-se desse talento singular que é Ernani Satyro. Erudito, destemido e forte, é o retrato vivo da nova República, ressurgida das cinzas do Estado Novo. Modelo dos ideais brasileiros, marca as tradições paraibanas com o seu exemplo de sinceridade e amor à causa pública.

Não somente pela expressão de sua obra política, como também pela dimensão notável de sua realização literária, Ernani Satyro é uma legenda viva que todos os brasileiros homenageiam e que os paraibanos sabem cultivar.

Palácio da Redenção, novembro de 1984

DEPOIMENTO DO PRESIDENTE CASTELLO BRANCO

Amigo Deputado Ernani Satyro.

Estive em Fortaleza para, entre outros atos, assistir ao lançamento desta edição comemorativa de "Iracema".

Penso que este exemplar, trazido por mim, está bem entre suas mãos, as de um autêntico escritor nordestino e destemido homem público.

Brasília — 7-1-65

DEPOIMENTO DO MINISTRO JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

A Ernani Satyro, o líder, o romancista, o orador, o poeta, tudo para glória da Paraíba.

Tambaú — 1966

A Ernani Satyro, com a estima e admiração sempre crescentes.

Rio — 1968

Ao grande amigo Ernani Satyro com a minha permanente admiração ao homem público e ao homem de letras.

1971

DEPOIMENTO DO MINISTRO FERNANDO NÓBREGA

ERNANI SATYRO E O CINQÜENTENÁRIO DE SUA VIDA PÚBLICA

Para a Constituinte Estadual de 1934, Ernani Satyro foi eleito e ficou no exercício daquele mandato até o golpe do Presidente Getúlio Vargas, denominado Estado Novo , em 10-11-37. Fui seu companheiro de representação, e devo assinalar o tumulto incalculável daquele dia, de imprevisíveis conseqüências. A situação, entretanto, logo se normalizou com o gênio político de Getúlio Vargas.

Na chefia do governo do Estado encontrava-se Argemiro de Figueiredo, que logo nos convocou para auxiliares de sua administração. Ernani foi nomeado chefe de polícia e eu, prefeito de João Pessoa. Partimos daí para uma carreira política semelhante, embora possuidores de temperamentos diferentes.

Ernani Satyro, desde estudante, se revelara um líder. Foi sufragado presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, surpreendendo pela sua atuação brilhante e tenaz. Fez época.

Nos cargos que ocupou, chefe de polícia e prefeito da Capital, ofereceu relevo ao seu exercício.

Em 1946 foi eleito deputado federal, mandato que vem exercendo até hoje com invejável talento e raro espírito de combatividade. Não conheço na Paraíba quem tenha passado tanto tempo ininterruptamente no fastígio do poder. Nem mesmo Epitácio, e nem mesmo José Américo, conseguiu passar período tão longo no auge das posições políticas.

No Parlamento Nacional foi líder da maioria no governo Costa e Silva e, recentemente, relator do Projeto do Código Civil, apresentando um longo e substancioso parecer, do qual só a posterioridade poderá oferecer as dimensões jurídicas que ostenta. É um trabalho de fôlego.

Lembro-me de seu discurso na Câmara por ocasião do falecimento de Santiago Dantas, analisando a figura do político e do pensador de enciclopédia cultura jurídica. Que trabalho admirável! Ninguém o realçou melhor até hoje.

O necrológico de José Américo é outra peça de incalculável fulgor, pela extensão e equilíbrio de seus conceitos.

Andou pouco tempo fora do Parlamento, exercendo o cargo de ministro do Tribunal Superior Militar. Foi magistrado e somente magistrado. Honrou aquela alta Corte judiciária com o seu exemplo e saber. A Ernani Satyro, como juiz, se poderá aplicar o conceito de Alcides Carneiro sobre Romeiro Neto: "Se absolveu por compaixão, não condenou por fraqueza".

Exerceu pelo espaço de quatro anos o mandato de governador da Paraíba. Nunca perseguiu um adversário. Jamais praticou ou permitiu violência. Realizou no Estado uma obra eficiente e discreta. Os serviços públicos já estão para mostrar o colorido de sua administração. A honradez pessoal foi a marca indelével de seu governo.

Em poucas palavras espero ter dito tudo. A Paraíba faz justiça a esse filho ilustre, prestando-lhe essa homenagem.

A ela parece terem sido endereçadas estas palavras de Álvaro Lins: "Teve defeitos, todos de temperamento, mas nenhum de caráter".

DEPOIMENTO DO MINISTRO OSVALDO TRIGUEIRO

A Assembléia Legislativa da Paraíba teve a feliz inspiração de comemorar o cinqüentenário da carreira parlamentar de Ernani Satyro, iniciada em outu-

bro de 1935, com a eleição para a Constituinte Estadual. Homenagem tão oportuna quanto merecida, ela decerto dispensa maior justificação.

Nesse meio século, a presença de Ernani Satyro na política paraibana tem sido constante, afirmativa e mesmo polêmica. Em qualquer regime, como em qualquer país, são raras as biografias políticas que cobrem período tão longo. Na Paraíba republicana, a de Ernani Satyro será uma das raras, quando não a única, a ultrapassar a marca semicentenária. Desde 1932, quando se bacharelou, tem ele participado de todas as nossas campanhas. Na verdade, o que a Assembléia vai festejar não é um currículo acadêmico tranqüilo, mas uma carreira dinâmica e às vezes tempestuosa, que abrange pelo menos duas dezenas de prélios eleitorais, nas quais, de cima ou de baixo, lutou vigorosamente pelos candidatos do seu partido. Pessoalmente, envolveu-se na primeira e auspiciosa eleição para a Assembléia, na disputa pelo governo estadual, se bem que esta pelo voto indireto, e em nove ou dez pleitos, através dos quais conquistou, e viu sempre renovado, o mandato de deputado federal.

O tirocínio de Ernani Satyro, todavia, não se distingue apenas por estes aspectos de permanência e longevidade. Como não podia deixar de ser, ele reflete por igual os traços mais fortes de sua personalidade. Nesta, com efeito, destacam-se acima de tudo, a persistente e irredutível combatividade e o teor intelectual de quem, embora, dando à política inelutável prioridade, não teve sufocada a vivaz e fecunda vocação literária.

A história política está longe de ser uma ciência exata. Naturalmente imperfeita, ela incorre, às vezes, em erros de julgamento até certo ponto inexplicáveis. Mas, os contemporâneos de Ernani Satyro têm todas as razões para crer que ela lhe reservará um lugar de relevo. É que ele deixou brilhantes e indeléveis marcas de sua passagem pelas posições que ocupou, inclusive fora do campo parlamentar — a prefeitura da Capital, a chefia de polícia e, particularmente, o ooverno do Estado, assinalado por tantas realizações meritórias. Revelou-se do mesmo modo proficiente na rápida passagem pela magistratura, como ministro do Superior Tribunal Militar. Mas o que ele tem sido, acima de tudo, é o deputado que, em seu longo mandato, soube converter a atividade parlamentar em eficiente instrumento de ação, a serviço da Paraíba.

DEPOIMENTO DO MINISTRO JARBAS PASSARINHO

Raros homens públicos podem orgulhar-se, como Ernani Satyro, de poderem manter-se cinqüenta anos em permanente atividade política, sem quebra de um raro princípio: a coerência. Combatente destemido, a um só tempo intimorato e intemerato, Ernany Satyro atravessa cinco décadas de rigorosa atuação, quer no Executivo, como governador da Paraíba, quer no Legislativo,

como líder da Arena na Câmara dos Deputados e Presidente da sua mais importante comissão técnica, a de Constituição e Justiça. Na magistratura, impõe-se ao respeito por sua ação judicante no Superior Tribunal Militar. Homem de posições firmes e inabaláveis, natural é que provoque adversários, o que lhe é altamente compensado pelos inúmeros amigos que o estimam e respeitam, entre os quais me incluo.

DEPOIMENTO DO MINISTRO AFONSO ARINOS

No ensejo do jubileu político de Ernani Satyro, venho juntar-me aos que festejam o grande paraibano e brasileiro, cujos atributos, talento, cultura, eloqüência, bravura e integridade são exemplares para o signatário, que se considera seu velho e grato amigo.

DEPOIMENTO DO SENADOR MARCO MACIEL

A homenagem que a Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba tributa ao Deputado Ernani Satyro — ilustre filho de uma terra que tão impregnada da bravura e do patriotismo de seu povo —, na oportunidade do transcurso do cinqüentenário de suas atividades políticas, constitui significativa expressão de reconhecimento e justiça.

Ao longo de sua trajetória de homem público, Ernani Satyro sempre se destacou pela obra que tem sabido construir nos mais diversos setores aos quais imprimiu, de forma marcante, o caráter da personalidade empreendedora.

Como governador do seu Estado, prefeito de João Pessoa, deputado constituinte e parlamentar atuante em diversas legislaturas na Câmara dos Deputados, além de outras relevantes tarefas que tem desempenhado, destacou-se sempre como político e administrador que vê na realização do desenvolvimento a meta que constitui os mais legítimos anseios da sociedade brasileira.

Por sua participação em diversas missões internacionais contribuiu para projetar, no exterior, o nome do Brasil. Vale destacar que a presença internacional do nosso País, no contexto das nações do mundo, corresponde à necessidade de empreender constante trabalho de cooperação ditado pela ordem mundial, em que as condições de crescente interdependência entre os povos representam realidade propiciadora do progresso e bem-estar da humanidade. Para a obtenção de tais objetivos avulta — como não poderia deixar de ser — o papel desempenhado pelos integrantes do Parlamento, na medida em que reafirmam nos foros internacionais as aspirações da sociedade que representam.

Na vasta biografia de Ernani Satyro, revela ainda, a condição de ministro do Superior Tribunal Militar, função na qual a aplicação construtiva do direito

decorre da consciência jurídica que deve ter na realização do primado da justiça a maior fonte de sua inspiração.

No âmbito da atividade intelectual, as obras do romancista, e também poeta, tem merecido consagradoras apreciações por parte da crítica literária através de renomados escritores.

Assim, por todo o elenco de suas realizações, a personalidade do Deputado Ernani Satyro faz jus ao preito que a Paraíba e o Brasil lhe tributam ao transcurso do cinqüentenário de tão produtiva e empreendedora ação pública.

DEPOIMENTO DO SENADOR LUIZ VIANA FILHO

Não é sem emoção que falo de Ernani Satyro, um dos meus mais antigos companheiros de Parlamento. Conheci-o quando emergíamos da longa ditadura, que perdurou, no Brasil, de 1937 a 1945. Ainda jovem, extrovertido, ativo, identificado com os problemas do país, cheio de entusiasmo, não demorou em se afirmar como um dos destacados elementos da oposição, e da qual participavam tantas e tão ilustres figuras da vida nacional. Ernani Satyro logo ocupou o lugar que lhe cabia, e que não mais deixou, sucessivamente reconduzido ao Congresso pelo bravo povo da Paraíba. Lembra-se que certa vez houve uma tentativa de alijar. Já conquistara, ele então, a admiração do presidente Castello Branco, que, numa maneira que lhe era própria, discreta mas vigilante, logo interveio dizendo que a Revolução de 1964 não poderia ser privada da colaboração de tão dedicado companheiro. Satyro continuou a representar e a honrar a Paraíba no Parlamento, do mesmo modo que enaltece a cultura e as letras do Brasil. Muitos passaram. Ele, no entanto, permanece na mesma trincheira, com o mesmo espírito de luta, que acredito formado e trazido dos duros embates do sertão, e no qual a coragem e a lealdade são notas marcantes e permanentes. Homenageá-lo, honra e enaltece os que em tão boa hora evocam os grandes serviços de uma admirável vida pública. Homenagem da qual me sinto feliz por poder participar, trazendo uma pequena pedra para o monumento que tão justamente se levanta ao ilustre filho da Paraíba.

DEPOIMENTO DO DEPUTADO HERBERT LEVY

Na ocasião em que se presta justa homenagem a Ernani Satyro, apraz-me apresentar-lhe o testemunho da admiração que nutro por esse ilustre homem público.

Ernani Satyro é um amigo e companheiro de muitos anos.

Fui seu presidente quando secretariou a UDN e depois ele o meu presidente. Sempre nos entendemos às mil maravilhas, porque identifiquei de

há muito em Ernani o mesmo espírito público que me inspira, sua vocação de servir e sua fidelidade aos amigos.

Participo de coração da justa homenagem que ele vai receber dos seus coestaduanos na expressiva efeméride do cinqüentenário de suas atividades políticas.

Brasília, 26 de setembro de 1984

DEPOIMENTO DO DEPUTADO JOACIL DE BRITO PEREIRA

Desde os meus tempos de estudante do Liceu, comecei a conhecer Ernani Satyro. É verdade que de longe, pois ele nem sabia da minha existência.

Algumas vezes o seu nome aflorava nos jornais da terra. Já era político e deputado estadual constituinte. De raro em raro, eu aparecia, com outros estudantes, na Assembléia Legislativa do Estado, isso pelos idos de 1936/1937. Íamos assistir aos debates. Ernani era dos mais jovens parlamentares e dos mais atuantes.

Depois, houve o golpe de Estado, em novembro de 1937. Daí por diante eu o perdi de vista. Ele se ausentou para o interior onde advogava, em Patos sua terra natal e em outras comarcas.

Retornou a João Pessoa em 1939 para ser chefe de polícia, cargo que desempenhou até 1940. Durante cinco anos ficou fora da política, dedicando-se à advocacia. Tinha escritório em Campina Grande, onde radicou-se e casou com Antonieta Agra, pertencente a uma das melhores famílias daquela cidade.

Só em 1945, com a redemocratização do país e a organização do movimento que se chamou, na época, de oposições coligadas, reencontrei o ilustre patoense e aí o conheci, pessoalmente.

Já era o político experimentado, o advogado de grande fama em todo o Estado, o consagrado orador que começou a revelar-se cedo nos embates legislativos e nas refregas do júri.

Com a criação da UDN, filiamo-nos a esse partido, Ernani candidatou-se a deputado federal e se elegeu para a Constituinte, ao lado de João Agripino Filho, Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega, Plínio Lemos, Osmar de Araújo Aquino e Argemiro de Figueiredo, este, ao tempo, chefe de uma poderosa ala udenista, na Paraíba.

Eu formava no outro bloco, liderado por José Américo de Almeida e era pré-universitário, prestes a ingressar na Faculdade de Direito, no Recife, o que ocorreu logo no ano seguinte. Híbrido de estudante e politiqueiro, candidatei-me a deputado estadual, derrotado nessa primeira tentativa de conquistar um mandato eletivo. Mas essa é uma outra história que não deve aqui ser contada.

Quero é assinalar o meu relacionamento de quase 40 anos com Ernani Satyro e Sousa, sem contar com o tempo daquele conhecimento de vista e de nome, provindo dos meados da década de 30.

Com o correr do tempo tornamo-nos bons amigos. Hoje é o companheiro mais velho a quem me afeiçoei, pelas suas virtudes morais, pelas suas qualidades de espírito e pelos seus dotes de inteligência.

Ernany Satyro foi tudo ou quase tudo, neste país. No Parlamento Nacional elegeu-se e reelegeu-se consecutivamente em seis legislaturas, de 1945 a 1971, para a Câmara dos Deputados. Daqui somente saiu, em 1969, para ser ministro do Superior Tribunal Militar. Mas voltou, recentemente (legislaturas de 1979-1983 e 1983-1987).

Governou a Paraíba, no quadriênio de 1971 a 1975, distinguindo-se como um dos melhores administradores que tivemos. Nele reúnem-se qualidades nem sempre encontradas numa só pessoa. É, a um só passo, um grande intelectual e um bom executivo.

O seu temperamento é forte, sem descambar para o arbítrio. Tem excelente visão de conjunto dos fatos e das coisas. O raciocínio é ágil, a palavra fácil e sabe tomar rápidas decisões.

Cronista excelente, romancista de grandes recursos e poeta inspirado, pertence à Academia Brasileira de Letras, à Academia Paraibana de Letras, à Academia Acreana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

No Parlamento, integrou importantes comissões: a de Constituição e Justiça, a de Finanças e Orçamento, a de Legislação Social, a de Redação e a Comissão de Relações Exteriores. À primeira ainda pertence, tendo sido inclusive seu presidente e da última é suplente.

De uma franqueza às vezes rude, dele se contam histórias muito engraçadas, algumas verdadeiras, outras inventadas. Sabe ser solidário com seus amigos e duro com os que o combatem. Não faz reserva das suas convicções políticas e ideológicas. Não transige com os radicais de esquerda e, embora seja um democrata, um homem liberal, não faz questão de ser considerado de direita.

Pela vida afora ganhou vários prêmios e condecorações. E exerceu as mais variadas funções. Vice-líder, secretário-geral, líder e presidente nacional da UDN; líder do governo e da Arena, eis algumas delas. Participou como observador ou como delegado de conferências e congressos internacionais. Visitou, em caráter oficial, meio mundo. Conhece países da Europa, da Ásia e da América. Recebeu medalhas as mais distintas e honrosas.

Na Câmara, tem sido escolhido relator de proposições importantes. Dentre outras, basta citar as emendas constitucionais sobre eleições diretas, o Projeto de Lei das Contravenções Penais e o Projeto de Lei do Código Civil.

No campo das letras, cumpre destacar os seus romances "O Quadro Negro" e "Mariana". E dez poemas de sua autoria figuram na "Antologia Brasileira de Poetas Bissextos Contemporâneos", de Manoel Bandeira.

É um trabalhador infatigável. Esse raro homem público com que a Paraíba brindou o Brasil, nesse mês de outubro completou 50 anos de atividades políticas.

A Assembléia Legislativa do Estado aprovou a realização de uma sessão magna e extraordinária para homenageá-lo. A esse pleito se juntarão todos os paraibanos.

Eu quero, também, modestamente embora, associar-me ao tributo da Paraíba ao seu grande filho. E o faço com esse depoimento, que é o mínimo de contribuição dada pela palavra e pela ação. Quero proclamar, nas comemorações do seu cinqüentenário político, que Ernani Satyro é um dos talentos mais pujantes dos nossos pró-homens. É decerto uma gloriosa figura na galeria dos grandes paraibanos.

DEPOIMENTO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS, LUIZ AUGUSTO CRISPIM

ERNANI SATYRO: ESSE DISCRETO CHARME VITORIOSO

A primeira impressão que se instala no espírito de quem o vê pela primeira vez é de respeito à grandiloqüência. Ernani Satyro não se apresenta só. Vem precedido pelos poderes altissonantes da própria voz, uma extensão das idéias que o temperamento não sabe calar.

Dito assim, poder-se-ia pensar que a presença vocal seria capaz de chegar mais longe do que as idéias poderiam alcançar. Não é assim. Diz o que pensa. E costuma pensar tão alto quanto as palavras que pode proferir.

Em política, jamais precisou sacrificar os princípios para salvar as atitudes. Conservador, conserva-se apenas até certo ponto. A ponto de se deixar confundir com um perfeito liberal.

A bem da verdade, permite-se algumas raras e preciosas infidelidades à vocação política que o domina em regime de suave tirania. Não resiste à sedução das letras, nem aos feitiços do direito. Conhece os mistérios deste e daqueles, como só é dado aos grandes mestres conhecer. E também revelar.

Dizia-se sempre que o ato judicante, em sua vida, nunca era manifestação isolada do seu espírito. Julgar, para ele, é a plenitude e o exercício completo do ser. Não é diferente na literatura. Tampouco na vida. Tudo quanto fez — ou deixou de fazer — fê-lo de corpo inteiro.

Penso que foi de Machado que ganhou a força do flagrante no texto límpido que é capaz de compor. É testemunha fiel da tragédia como também da humana comédia. Feito um Terêncio nada o surpreende nessa parte da criação.

Pespegaram-lhe um mágico vocábulo à indumentária do seu caráter. Era o corante da autenticidade com que o distinguiam os amigos contemplados e os adversários demolidos. Ficaram as cores. Vivas, indisfarçadas sobre a pureza quase vitoriana de suas emoções em brasa, vez por outra em chamas.

Tambaú, novembro de 1984

DEPOIMENTO DO DR. HIGINO BRITO

Abra-se o proscênio. Olha-se bem fundo, para lá do meio do palco da vida. As brumas do tempo, entre tímidas e protetoras, numa como que ciumeira apaixonada, querem esconder o meio século que o passado guarda. Idos de 32/33. No modesto refeitório de despretensioso hotel, velho casarão de quatro andares à praça Maciel Pinheiro — Recife, um jovem estudante de Direito chama a atenção dos circunstantes pelo tom de voz altissonante, pelo sério das idéias desposadas e entusiasmo com que as defende. O estudante era um paraibano, dos longos sertões das Espinharas, iniciava-se no estudo da ciência de Ulpiano e chamava-se Ernani Satyro e Souza.

Além de indomável inclinação polêmica marcava-se, ainda, por singular preocupação: o seu empenho não se limitava aos estudos específicos que lhe garantiriam a aprovação no final de cada período letivo, mira um tanto imediatista da absoluta maioria estudantil. Incursionava por outras trilhas, pelos caminhos largos da literatura, da poesia, do jornalismo. Parecia sentir dentro de si o assobio da predestinação e, com uma segurança de vidente, adestrava-se no manejo das várias armas do espírito que lhe seriam úteis mais tarde. Daí por que empenhava-se a fundo no convívio dos tratadistas, mergulhava de olhos abertos na filosofia das coisas e dos homens, preocupado em enxergar filogramas, em destrinchar incógnitas culturais e se aprofundar nos meandros da arte de viver, que são a essência basilar para os grandes triunfos.

DISCURSO
do
Deputado Ulysses Guimarães
Presidente da Câmara dos Deputados

O SR. PRESIDENTE *(Ulysses Guimarães)* — Desejo dirigir-me à família de Ernani Satyro, principalmente à viúva, Antonieta Satyro, bem como à Casa, pedindo escusas, uma vez que, como presidente da Constituinte, tenho dever a cumprir no presente momento que me obrigará, embora a contragosto, ausentar-me da direção dos trabalhos desta sessão de homenagem, de saudade e de justiça e Ernani Satyro.

Subscrevo o belo, circunstanciado, fundamentado discurso do nosso companheiro Evaldo Gonçalves sobre Ernani Satyro.

Permito-me, meus amigos, recordar episódio que pessoalmente havia relatado a Evaldo Gonçalves. Era relator do Código Eleitoral — que aí está — e numa das sessões Ernani Satyro faz uma intervenção tempestuosa, rude, e permito-me até, pois ficou marcada em minha recordação, dizer que foi áspera. Estava em meu apartamento à noite, soou a campainha, entrou Ernani Satyro tempestuosamente, como era do seu feitio, e, sem mais preâmbulos, foi logo dizendo: "Ulysses, vim aqui para pedir desculpas. Fui injusto ao debate e fui injusto com relação a você. Nem o debate nem você mereciam a atuação que tive". E acrescentou: "Não pense você que vim dizer isso na intimidade da sua casa, porque amanhã, na sessão que vamos realizar, repetirei esta justificativa que trouxe a você". Assim era Ernani Satyro, homem capaz do arrependimento. Posteriormente, governador da Paraíba, fato interressante, embora tivéssemos sempre militado em campos opostos e, às vezes, dado o temperamento dele e o meu, em termos bastante veementes, sempre que vinha a Brasília, num período bastante difícil do regime autoritário, ele passava pelo meu gabinete, eu presidente do então MDB, e ele governador da Paraíba, pela situação. Ficávamos conversando amenidades. Lembro que certa ocasião disse-lhe: "Ernani, você deve estar sofrendo muito sentado naquela cadeira, numa época como essa, num Estado do Nordeste, no Estado da Paraíba". Disse-me Ernani Satyro, rindo ruidosamente: "Nada disso Ulysses, se essa cadeira tem espinhos eles estão voltados para baixo, porque é uma cadeira gostosa para se sentar". Assim era Ernani Satyro. Uma das vezes em que substituí o Presidente José Sarney na Presidência da República, deu-se o seu falecimento. Como é praxe, estava sendo velado na Câmara dos Deputados, e quando seu caixão devia ser removido para o cemitério, vim à Câmara, na qualidade de Presidente da República, quebrei o protocolo e falei, na ocasião, rápidas palavras de saudade e de homenagem.

Mas estou certo, Senhores deputados, de que naquele momento realmente eu estava no exercício pleno da Presidência da República, homenageando um varão, um republicano digno, grande caráter, um homem que até com paixão lutava pelas suas idéias sempre desinteressadas e patrioticamente.



Deputado EDIVALDO MOTTA (PMDB-PB)

O SR. EDIVALDO MOTTA (PMDB — PB.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Líderes de bancada, representação da Assembléia Legislativa da Paraíba, na pessoa do Deputado Múcio Satyro, sobrinho do homenageado, Deputado Ramalho Leite, Líder do PMDB do meu Estado, Deputado Manoel Gaudêncio, Deputado Sócrates Pedro, Dona Antonieta Satyro e familiares do velho amigo Ernani Satyro.

Em nome do PMDB pretendo falar na tarde-noite de hoje sobre um "inimigo velho", um homem do qual fui adversário político, não pessoal, durante boa parte da minha vida. Tenho, portanto, autoridade para fazê-lo com a maior isenção. Vou falar do advogado, do chefe de polícia da Paraíba, do prefeito de João Pessoa, do deputado estadual constituinte de 1935, do deputado federal desde a Constituinte de 1946, do presidente da UDN, do líder do governo na Câmara Federal, do governador da Paraíba, do relator do projeto da anistia, do relator da Emenda das Diretas Já e do Código Civil, do escritor, poeta, prosador, do ministro do Superior Tribunal Militar, do homem, do religioso e devoto de São José. Vou falar de Ernani Satyro, o político que por todos os títulos e pela vibrante inteligência e lucidez honrou a Paraíba.

Nascido em Patos, a 11 de setembro de 1911, filho do chefe político e deputado Miguel Satyro e de dona Capitulina Satyro, recebeu o nome de batismo Ernani Ayres Satyro e Sousa. Fez o curso primário na sua cidade natal, tendo como professores Maria Nunes, Rafael Correia de Oliveira, Renato de Alencar e Alfredo Cabral, a quem relembrava com ironia e bom humor pela polivalência: era odontólogo, adjunto de promotor, escrevia livros, fabricava rapadura e criava passarinhos, além de professor.

Não foi criado correndo atrás de passarinho, tomando banho de açude e dando cangapés no rio Espinharas, como a maioria das crianças de sua época. Criou-se ajudando a receber eleitores, acompanhando o pai nos vaivéns pelas seções eleitorais e nos Tribunais de Júri. Pela sua casa passavam semanalmente os políticos de maior evidência no cenário estadual, tais como José Pereira, José Queiroga, Felizardo Leite, José Gomes de Sá, padre Aristides, padre Sá, Silva Mariz, José Vicente e Sabino Rolim, doutores e coronéis importantes do sertão, onde despontava o seu pai Miguel Satyro como um dos expoentes, voz sempre ouvida e respeitada em toda a região.

Viu chegar em Patos o primeiro automóvel, pertencente a Chico Wanderley, descendo a serra num carro de boi. Tentou convencer o agente do

Correio, Manuel Roberto, de que deveria vender selos aéreos porque o transporte de cartas já não vinha sendo feito no lombo de burros ou a vapor; presenciou o ataque de cangaceiros e as cheias do Espinharas. Conheceu de perto o terror da seca, com os retirantes morrendo de fome e sede pelos caminhos, e acompanhou a passeata alegre e festiva pela vitória de Epitácio Pessoa à Presidência da República.

Quando saía da Casa Campos, onde fazia compras para seu pai, via sempre o médico, único da cidade, Pedro Peregrino, saindo para um atendimento de urgência, com seu andar a galope; observava a paciência do cônego Machado, jogando gamão de pedras de marfim, e admirava a inteligência de Pedro Ulisses nas teimas com o capitão Manuel Gomes pela tradução de um texto de Virgílio. Ao cair da tarde ia à praça e ouvia, invariavelmente, um forte espirro ao início da noite. Era o capitão Roldão, com seu gorro de couro de gato maracajá, descendo com a pose dos antigos revoltosos do movimento de Quebra-Quilos.

O Sr. Gastone Righi — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. EDIVALDO MOTTA — Honra-me incorporar o aparte de V. Exª ao meu modesto pronunciamento.

O Sr. Gastone Righi — Desejaria falar como líder da bancada federal do PTB para prestar nossa singela, sentida e sincera homenagem à memória do grande homem público, que foi Ernani Satyro. Estava até inscrito para falar, mas ao perceber de V. Exª o apuro, o conhecimento de fatos pessoais, detalhes da sua vida a mais íntima e familiar, atrevo-me a registrar aqui a solidariedade da bancada federal do PTB às homenagens que ora são prestadas. V. Exª, de início, disse que desejava falar do homem público, do político que foi Ernani Satyro. A mim, que muitas vezes me vejo na contingência de participar de homenagens póstumas, sempre me acode uma dúvida: o que realçar, o que dizer de alguém que passou? O registro de memória se torna perene, indelevelmente marcado não só em nossas retinas, mas em nossos corações, em nossos sentimentos e na própria história. No caso de Ernani Satyro, gostaria de destacar-lhe o caráter — não apenas o fato de ter sido deputado estadual, deputado federal, governador, ministro do Superior Tribunal Militar e novamente deputado federal — e a sua personalidade. Não era apenas a voz tonitroante que ribombava pelos corredores, pelas salas; não era apenas a posição sempre aberta, franca e jovial; não era apenas o resistente, que mesmo enfermo, atacado de moléstia profundamente cruel, se negava a ceder, a se entregar e voltava à vida pública para prestar o seu serviço à Nação. Não era apenas isso. Havia nele uma chama que era permanente e perpétua: a força do seu caráter e da sua convicção. Jamais o vi se curvar. Sustentava suas posições com tal denodo e coragem, sem nunca se afastar delas, que ganhou sempre a minha admiração e respeito. Eu, que me posicionei, nos longos idos de 1967/68 até a minha cassação,

contrário às posições de Ernani Satyro, que para cá voltei também o tendo no *oposto político*, sempre senti por ele respeito e admiração. Não só na Comissão de Constituição e Justiça, onde dividíamos o trabalho e o assiti como relator do Código Civil', como parecerista do mais alto nível, jurista de elevado saber, mas por suas posições políticas — volto a repetir —, por suas convicções, suas palavras e seus pronunciamentos que desafiavam o patrulheirismo e o sabor fácil da popularidade. Não buscava ele ser populista. Escrevia e sabia da História brasileira, reafirmando, seja na Câmara, seja no Congresso, a sua passagem indelével em nossa política e em todas as grandes decisões nacionais. Fica aqui, portanto, insigne orador, o registro da posição e do pensamento da bancada federal do PTB, que estende as suas homenagens à família e à excelentíssima esposa de Ernani Satyro, que divide conosco a dolorosa perda de tão grande valor. Muito obrigado.

O SR. EDIVALDO MOTTA — Nobre deputado Gastone Righi, líder do PTB, na alegria de incorporar o aparte de V. Exª ao meu pronunciamento senti aqui renascer a própria chama de Ernani Satyro. As palavras de V. Exª foram vibrantes e traduziram um depoimento verdadeiro sobre a figura insigne e maior da Paraíba, que foi Ernani Satyro.

Mas continuo, Sr. Presidente.

Já crescido e em vias de concluir o curso primário, acompanhava o pai nas audiências e metia-se a advogado. Ao chegar em casa após uma sessão no Tribunal do Júri onde o pai fora a grande vedete do dia, ele amarrava um gato ao pé da mesa, como se fosse um réu, por ter comido um rato, e fazia a defesa do felino, imitando os gestos e as palavras do seu velho mestre e ídolo maior. Seu pai gostava da iniciativa e inventava processos, crimes e coisas que pudessem fazer funcionar o seu raciocínio. Lia todos os jornais que lhe caíam às mãos, e o primeiro livro a ter contato foi "Iracema", de José de Alencar, cuja poesia, em prosa, despertou-lhe a vocação para a literatura.

Foi fazer o curso secundário no Colégio Diocesano Pio X e Liceu Paraibano. Levado pelo pai para João Pessoa, empolgava-se com tudo que via: o bonde, o Hotel Globo onde se reuniam todos os políticos e eminentes homens do Nordeste; o desfile das estudantes da Escola Normal à saída das aulas; o Pavilhão do Chá e os costumes da Capital. Gostava da fritada de caranguejo e da sopa fumegante do hotel, mas frustrava-se por não poder, diante do pai, colocar uma pedra de gelo dentro da terrina para esfriar o caldo, como fazia a maioria dos hóspedes.

Nesta época Ernani Satyro gostava de assistir aos debates na Assembléia Legislativa, onde, por ser filho de ex-deputado e sobrinho do deputado Pedro Firmino, tinha entrada livre. Conversava com os parlamentares e admirava Irineu Joffily, Antonio Galdino Guedes, Isidro Gomes, Neiva de Figueiredo, Botto de Meneses, Generino Maciel, Silva Mariz, Manoel Otaviano, Seráfico da Nóbrega, João de Almeida e José Mariz.

Concluído o curso secundário, foi para Recife fazer o vestibular na velha e tradicional Faculdade de Direito. Passou, e ao chegar em Patos como universitário pré-primeiranista foi interpelado pelo pai:

— Vai haver sessão do Júri depois de amanhã e você vai defender o réu "Bate-Sola".

Ernani argumentou que não tinha condições de enfrentar o Tribunal de Júri sem conhecer o réu, o processo e as causas, ao que o velho Miguel Satyro impôs:

— Não tem importância, faça uma introdução literária bem bonita, como você sabe fazer, e o processo eu vou lhe ensinar como é que se lida com ele.

"Bate-Sola" foi absolvido e o juiz Manuel Simplício foi conferir se era verdade que Ernani era de fato um primeiranista em Direito, quando tinha feito uma defesa de um experiente advogado criminal. Assim deu-se a sua estréia no Tribunal do Júri e na advocacia. Durante o curso ia sempre a Patos para defender as melhores causas selecionadas pelo velho Miguel Satyro, firmando-se no conceito dos habitantes da região como um dos mais lúcidos tribunos. Daí para ingressar na política foi um pulo.

Aos 24 anos estava investido no mandato constituinte de deputado estadual, em 1935. Aqueles parlamentares a quem tanto admirava no tempo do velho Liceu Paraibano passaram a ser seus colegas de Legislativo, correligionários ou adversários. Começou cedo mas chegou à Assembléia com boa experiência dos embates jurídicos, das negociações políticas que presenciava desde menino entre o pai e as lideranças do Estado e pela vocação que pulsava no seu peito e que o levaria às mais altas tribunas do país. Não fora por mero acaso que chegara à presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito de Recife, posto ocupado pelos estudantes que futuramente se tornariam as figuras mais expressivas da República.

Antes de ingressar na Câmara Federal, passou pela chefia de polícia da Paraíba, um cargo que à época funcionava ao nível de uma Secretaria de Segurança Pública, e a prefeitura de João Pessoa. Em 1945, foi eleito para a Assembléia Nacional Constituinte de 46, ocupando por oito vezes o mesmo mandato federal. Nesta Casa, Ernani Satyro pertenceu às Comissões de Legislação Social, Justiça, Orçamento, Polígono das Secas e outras comissões especiais. Fundou a UDN ao lado de outros companheiros, chegando a liderar e a presidir esta agremiação. Foi também, líder do governo e da Arena no Governo Costa e Silva e o primeiro presidente do Bloco Parlamentar Revolucionário de 1964.

Desta tribuna Ernani Satyro defendeu temas que o dignificaram diante de sua região e o elevaram no conceito nacional, como a solução para o cíclico problema da seca do Nordeste, sugerindo o aproveitamento de recursos hídricos para a irrigação artificial, financiamentos aos proprietários, assistência agrícola tecnicamente correta, construção de pequenos e médios açudes, perfu-

ração de poços e outras medidas que pudessem fixar o homem no seu *habitat*, evitando as migrações apressadas que transformam trabalhadores honestos em retirantes famintos e miseráveis, criando problemas sociais graves e irreparáveis.

Tinha o seu próprio conceito de democracia, e por isto nesta Casa, foi combatido, criticado e retaliado por uns e elogiado por outros. Suas posições, no entanto, sempre foram firmes, próprias do seu caráter, sem esconder o pensamento. Quem o combatia já tinha consciência do terreno em que estava pisando, o tipo de homem a quem contestava e sua ideologia à direita. Foi um revolucionário de primeira hora e não mudou de idéia durante os 20 anos de ocupação militar. Ao contrário, sempre defendeu com o melhor de si o regime e o sistema passados que, na sua ótica, garantiriam ao Brasil a paz, a segurança e o desenvolvimento. Antes mesmo do movimento de 1º de abril irromper, ele já defendia desta tribuna uma solução para a crise política que dominava o país, sugerindo um governo forte e capaz de controlar aquilo que ele considerava "anarquia".

Logo após o grande comício promovido pelo governo João Goulart na sexta-feira, 13 de março de 1964, Ernani veio a esta tribuna para debater com Afrânio de Oliveira, padre Vidigal, Fernando Santana, Ary Pitombo, Luiz Bronzeado, Augusto Novais, Clóvis Mota, Mário Maia e Chagas Rodrigues aquilo que ele entendia uma ameaça ao Congresso Nacional e advertia que os parlamentares não se intimidariam com as provocações, exigindo que a Constituição fosse respeitada pelo governo e seus ministros.

Após o golpe militar, veio novamente a esta tribuna para considerar que o país vivia a partir daquela data dentro da mais profunda e justificada emoção em face dos acontecimentos político-militares, classificados como nociva e criminosa a fase político-administrativa de João Goulart. Falando como líder do governo, em 1967, teve oportunidade de defender o regime e o sistema diante de uma oposição combativa onde se destacavam vários parlamentares, dentre eles Mário Covas, que ainda ocupa cadeira neste Parlamento. Em pronunciamento que fez em abril de 1967, fez um auto-reconhecimento de que "muitos dos atos praticados pela Revolução não poderiam ter sido feitos em circunstâncias normais". Já nos últimos dias não tinha tantos argumentos para justificar um novo caos que se implantava no país mas não acusava o sistema diretamente pelo declínio econômico e a segurança excessiva.

Em 1969, interrompeu o mandato federal para ocupar uma vaga de ministro do Supremo Tribunal Militar. Foi saudado por outro paraibano ilustre, ministro Alcides Carneiro, que, conhecendo a retidão, a experiência e a sinceridade do novo colega, preveniu-o dos dramas de consciência que iria encontrar pela frente ao ter que julgar pessoas e advertiu: "Haverá momento em que V. Exª terá uma pontinha de inveja do caboclo incansável que se esfalfa no eito, de crepúsculo a crepúsculo, o lombo do sol, bebendo água

de cacimba rasa na concha da mão que os calos não deixam fechar-se e comendo o manjar dos deserdados, a milagrosa rapadura, faisão dourado dos pobres, mas que pelo menos não tem a sorte dos outros nas mãos".

E concluiu Alcides Carneiro: "Sei que estou dizendo ao *Ministro* Ernani Satyro o que não deveria ser dito neste momento. Era para ser dito à sombra remansosa da oiticica, estalagem gratuita à beira da estrada, que acolhe homens e bichos, e nem espanta os bichos e nem pergunta aos homens como se chamam, de onde vêm, para onde vão..." E Concluiu: "Só os grandes homens sabem dar grandes exemplos". Acertou, porque ao deixar consultar o autor Ernani Satyro foi reconhecido como um dos mais lúcidos ministros que passaram por aquela Corte de Justiça, produzindo pareceres e pronunciamentos que se transformariam em peças para firmarem jurisprudência nos embates jurídicos.

Dizendo que a imagem de um governo não é só a projeção de suas obras materiais, a relação das escolas, estradas, hospitais e edifícios públicos, e sim, a sua filosofia política, sua moral e sua dimensão humana, Ernani Satyro investiu-se na chefia do Executivo da Paraíba, ocupando, como reiterou durante os quatro anos de governo, o momento supremo de sua existência.

No Governo da Paraíba foi um dos mais operosos que o Estado conheceu, distribuindo obras por todos os limites de suas fronteiras, destacando-se dentre elas a conclusão do Hotel Tambaú, iniciado pelo governo João Agripino; a adutora de Boqueirão, em Campina Grande, com moderna estação de tratamento dágua; centrais de abastecimento em João Pessoa e Campina Grande, sede da Imprensa Oficial e novo equipamento gráfico dentro das mais avançadas exigências técnicas; estádios de futebol em João Pessoa e Campina Grande; hospitais e maternidades em vários municípios; colégios estaduais em dezenas de cidades, vários colégios polivalentes, restauração do Teatro Santa Roza, esgotos sanitários em várias cidades; estrada Redenção do Vale, estrada Cajazeiras—Antenor Navarro, estrada de Itabaiana, complemento do Anel do Brejo, Corpo de Bombeiros de João Pessoa, centros administrativos em João Pessoa e Patos, várias estradas vicinais, Delegacia de Trânsito de Campina Grande, Centro de Pesquisa de Solos em Campina Grande, quartéis de polícia em Guarabira e Patos.

A menina de seus olhos, no governo, era o jornal *A União,* imprensa oficial. Nele escrevia a coluna "Sempre aos Domingos", uma espécie de caleidoscópio, em que misturava tudo: problemas políticos, questões administrativas, assuntos literários, poesia, discursos, mensagens, memoriais. Como era afeito ao Parlamento e dele estava afastado, usava as páginas de *A União* como tribuna para comunicar-se com o povo.

Certa vez revelou que, quando jovem e passava diante do prédio do jornal *A União,* e contemplava a águia aquilina do seu frontispício, sonhava em um dia ver seu nome escrito ao lado de figuras da época, como Gama e Melo, Castro Pinto, Cunha Pedrosa, Tito Silva, Tavares Cavalcante, Abel

da Silva e outros. Mas depois teve dias iluminados ao lado de Carlos Dias Fernandes, Celso Mariz, Álvaro de Carvalho e outros, na sua redação.

Aos 50 anos de vida pública foi homenageado pela Assembléia Legislativa do Estado e ao agradecer aos deputados, revelou que nunca fora intransigente, raras vezes tivera, depois de uma luta, um adversário que não pudesse abraçar e confraternizar. Isto é verdade e eu dou o meu testemunho com atos: quando Ernani ocupava o governo e construiu dois estádios de futebol na Paraíba, eu, na condição de deputado líder da oposição encaminhei projeto, aprovado, concedendo seu nome à praça de esportes de Campina Grande, hoje conhecida por "Amigão" em alusão ao tratamento que tinha reservado a todas as pessoas, amigas ou não, a quem esquecia o nome: "Amigo Velho".

Quando deixou o governo, perguntaram-lhe o que iria fazer. Ele respondeu: "ler, estudar, escrever, agir, agir sempre que necessário, em defesa da Paraíba, em defesa dos meus amigos e em defesa do meu nome. Vim ao mundo não apenas para testemunhar — assegurou — vim para pugnar, para participar, acusando e defendendo, julgando, construindo, executando e humanizando".

Ernani não se considerava um grande político, como também não se achava um grande escritor, porque tudo que fazia era por pura vocação. Como escritor, produziu vários romances, destacando-se "Quadro-Negro" e "Mariana" como obras que marcaram o quadro intelectual paraibano em determinada época, editados pela Livraria José Olímpio. Tem vários poemas e publicações em antologias e mais de uma dezena de livros sobre literatura, poesia, Direito, parlamento e amenidades.

Casou-se com dona Antonieta Satyro, que lhe deu três filhos, todos bacharéis em Direito: Bertholdo, Silêde e Gleide. Deixou ainda oito netos.

À companheira de tantos anos, Antonietta, que lhe vigiava os passos e o copo a quem tratava carinhosamente por "Dê", dedicou um poema que revela muito bem a ascendência que ela detinha para orientar o seu comportamento na vida cotidiana. Ei-lo:

Aos ventos entreguei as minhas ânsias:
Os ventos passaram, as ânsias ficaram.
Aos mares entreguei as esperanças,
Que pelo menos nas cores são iguais:
As esperanças os mares as tragaram.
Aos pássaros entreguei o meu canto:
Eles cantaram, mas, não meu canto.
E sim o deles.
Aos filhos confiei os compromissos:
Eles disseram que já tinham os seus.
Falei aos netos.
Eles responderam

Que bastava o que os pais lhes diziam.
Falei aos meus amigos.
Tornaram-se inimigos.
Falei ao mundo.
O mundo se fechou.
Ficou só a companheira, que me disse:
— Vamos nós ainda temos força!

Ernani Satyro não se considerava um homem realizado e mais de uma vez manifestou a opinião de que o homem realizado é um homem vencido. Ele dizia que sempre tinha um projeto a realizar: escrever um livro, cultivar um jardim ou rebater uma infâmia. Considerava o Congresso Nacional uma espécie de árvore viva, com suas raízes profundas, mergulhadas na história, de onde recebia os ensinamentos da vida. E foi no Congresso que veio ocupar o último posto da sua longa vida política, novamente como deputado federal, pela oitava vez.

De tudo, Ernani Satyro extraía o pensamento da prosa que mais se aproximava da poesia. Até quando falava da morte. Olhando o quadro dos constituintes de 1935, certa vez, na Assembléia Legislativa da Paraíba, imaginou que a maioria era de sombras, "sombras de vez em quando iluminadas, não pela saudade que esta faz machucar, mas pela restituição que a morte traz, quando lemos a história ou conversamos sobre os mortos, ou quem sabe com os próprios mortos". E sentenciava, como se conhecesse os segredos da morte, vil e traiçoeira: "É como se ela, a morte, nos emprestasse, por alguns instantes, aqueles que já levou, para nos dizerem que aproveitemos bem, no trabalho construtivo, o nosso pobre tempo, porque grande é a vida".

Telúrico, sempre encontrava um motivo para cantar Patos no melhor de seu estilo. Assim: "Se eu fosse poeta de verdade, e não apenas um velho aprendiz da poesia, ainda faria um poema para o rio Espinharas, não o rio das grandes enchentes de 99, 16 e 24, mas o rio que parecia mais humano, mais gente, quando estava seco, com a barriga furada de cacimbas, resignado e manso, ou quando cobria-se de verde fora de tempo, na seca, fazendo de conta que era inverno, fingindo-se de rico".

E completou, saudoso e triste: "O Espinharas que corre no meu peito é maior do que o Amazonas, só não é maior do que o mar, porque se fosse não teria para onde ir, e então estouraria dentro de mim".

Foi isto mesmo que aconteceu: o Espinharas que corria pelas suas veias encheu o coração de sangue, e este, não suportando o volume, tragou-o para sempre para dentro de suas águas vermelhas.

De sua presença entre nós fica a grande lição que não deveremos esquecer: Grande é a vida!

O Sr. Agassiz Almeida — Deputado Edivaldo Motta, V. Exª traz hoje a esta Casa um depoimento que busca profundas raízes na nossa história,

no nosso universo, aquele mundo onde o homem se encontra com as grandes contradições da vida: a seca e os seus paradoxos; luta existencial do homem para afirmar-se diante das grandes intempéries ou dos grandes desafios. V. Exª traça neste instante o perfil de um homem que passou por esta Casa divergindo, mas lutando; contraditório nas suas afirmativas, mas afirmando, contestando, muitas vezes. E muitas vezes divergimos das suas posições diante da realidade brasileira. Mas foi autêntico nas suas definições, mesmo errando, foi forte nos seus erros, dentro das suas contradições, nascido nas barrancas do rio Espinharas, naquele contraste imenso do homem com a natureza, da vida com a morte, da consciência de viver com a de existir, da grandeza de buscar e não encontrar. Ernani Satyro foi isto. Foi homem que, em se contraditando com a vida humana, acreditou mesmo nos seus grandes erros. E digo aqui a V. Exª e ao Plenário desta Casa que prefiro os autênticos nos erros aos acovardados buscando os acertos que nunca encontram. Ernani Satyro foi este homem que, errando, teve a dignidade de assumir a postura dos seus grandes erros. E o mundo intelectual ele abriu na literatura paraibana — e quiçá na literatura nordestina — com o seu livro "Quadro-Negro", numa visão do que foi o homem nordestino, das grandes interrogações da vida, do seu caminhar, da sua perplexidade, do seu encontro com aquela natureza que nos faz algumas vezes tão perplexos diante da própria existência humana. Deputado Edivaldo Motta, quero incorporar ao eloqüente pronunciamento de V. Exª, também homem com os pés plantados nas empedradas terras dos chapadões de Patos, os meus aplausos, e muito mais ainda, a homenagem a um homem que sempre, desde jovem, divergiu da visão que Ernani Satyro tinha da vida e do mundo. Mesmo na divergência, eu o admirava, porque ele acreditava sempre que caminhar é uma forma de lutar, que viver é uma forma de afirmar, que contemplar o mundo é acreditar que os caminhos são diversos para a grande confluência do destino humano. Deixo a V. Exª este modesto aparte, para que fique registrado nos Anais desta Casa que todos temos um destino a cumprir, cedo ou tarde, amanhã ou depois, ontem ou hoje, no presente ou no indefinido, no indefinido que vai cair bem perto do infinito, para dizer que somos pó, como disse o Padre Vieira — não o de Patos mas o dos cetros de Portugal — e em pó seremos transformados. Ernani Satyro foi esse homem, que deixou em nós, da Paraíba, alguma coisa no sentido de que a luta deve ser permanente. Muito obrigado a V. Exª

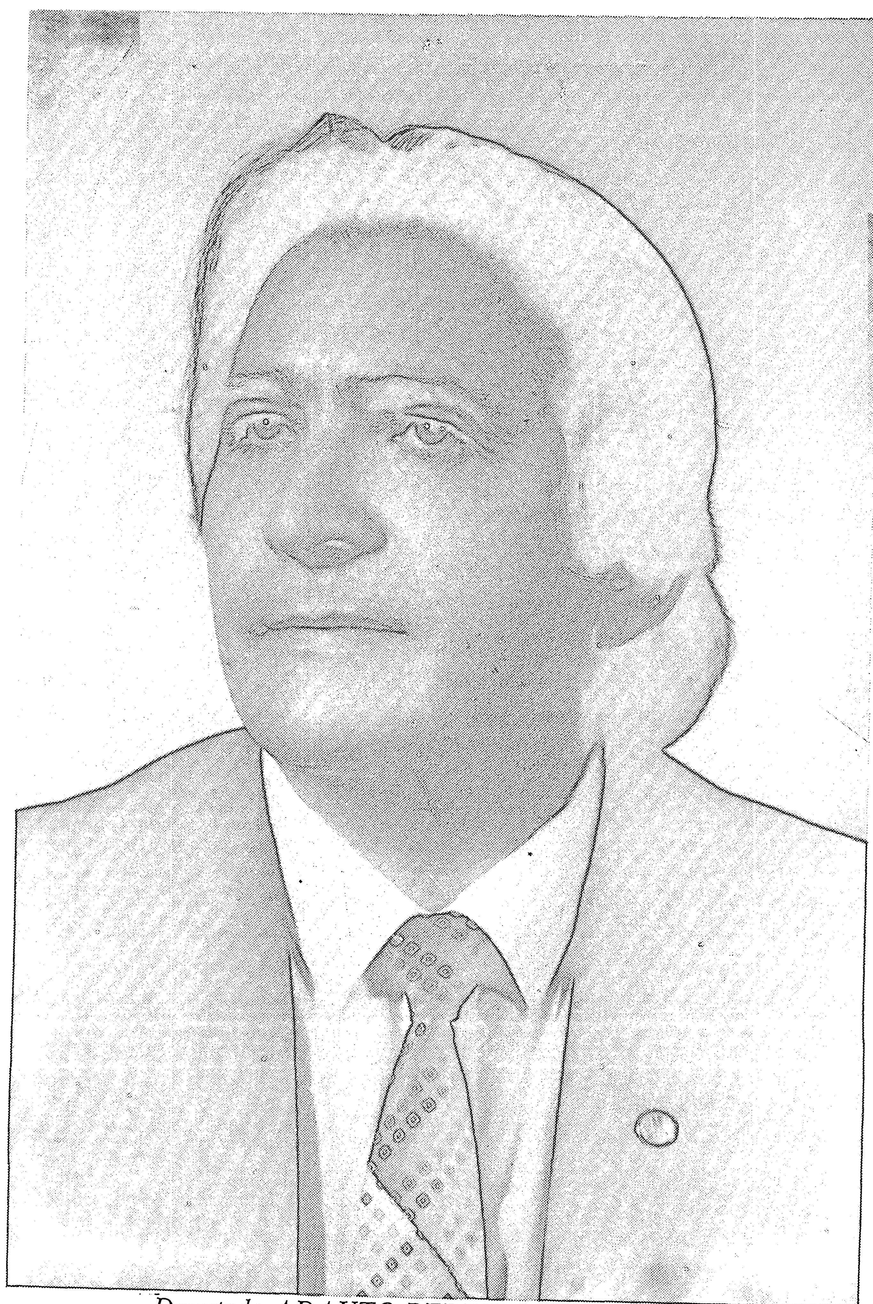
O SR. EDIVALDO MOTTA — Nobre deputado Agassiz Almeida, é com a maior satisfação e com a maior das vaidades que incorporo o aparte de V. Exª ao meu modesto pronunciamento. É bom que se diga aqui que recebi a delegação do meu partido, o PMDB, para falar em nome da sua Liderança. Mas eu não viria aqui só com esta missão, porque desejava e o fiz — falar em nome de Patos, em nome da terra que Ernani soube amar, e dizer aqui, do alto desta tribuna, que ele tanto dignificou, honrou e movimentou, que só procurei traduzir a marca de seus pés descalços deixada no

leito do rio Espinharas as lembranças do Poço da Pedra, as lembranças das cavalhadas da rua do Prado, as lembranças das campanhas memoráveis de que me recordo muito bem, porquanto era criança, quando Ernani, com sua voz de barítono, gritava: "Ardorosos correligionários na luta, vamos para a vitória".

Acho que todos temos direito a ter vitória, pois até morrendo se vence. E Ernani teve a grande vitória de ter, hoje, o reconhecimento da Paraíba e do Brasil.

Muito obrigado! (Palmas.)

Durante o discurso do Sr. Edivaldo Motta, o Sr. Ulysses Guimarães, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Heráclito Fortes, 3º-Secretário.



Deputado ADAUTO PEREIRA (PDS — PB)

O SR. ADAUTO PEREIRA (PDS — PB) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Convidados, a Paraíba, mais uma vez, é alvo de justa homenagem por esta augusta Casa, no momento em que se reverencia a memória de um dos seus maiores filhos, em todos os tempos. Aliás, este episódio de reconhecimento e louvação a um grande homem de raízes paraibanas, como o saudoso Ministro Ernani Satyro, tem-se repetido ao longo da nossa história republicana. Samuel Duarte, Ruy Carneiro, Alcides Carneiro, Argemiro de Figueiredo, a par de outra invulgar personalidade política e intelectual, o eminente Ministro José Américo de Almeida, mereceram a consagração e o aplauso das nossas duas Casas de leis, pelo muito que deram à causa pública, de um modo geral aos interesses da Nação e, em particular, aos destinos da Paraíba.

Ernani Satyro, em meio a esse glorioso elenco regional, de que nós, paraibanos, nos orgulhamos fervorosamente, foi um dos seus maiores. De uma ascendência política e cultural invejável, herdou do seu velho e respeitado pai, o ex-deputado Miguel Satyro, um acervo de atributos que se prestaram a singular ornamento da sua personalidade em toda a sua trepidante vida pública. Orador nacionalmente consagrado, marcou a sua presença nos momentos pinaculares da nossa trajetória política, notadamente no período de efervescência de que repontava a velha UDN, que ele presidiu com tanto destemor e bravura. Lúcido e dialético, fosse no discurso político, na literatura ou na poesia, os traços inapagáveis do seu brilhante talento, da sua intuição criadora e da notável capacidade de argumentação eram sulcos aprofundados da seara da grande cultura.

Conheci-o na intimidade, tive esse privilégio, cobiçado por uns, disputado por tantos e conseguido por muitos. Mas viver da sua privacidade não era fácil. A nossa relação teve como ponto sentimental o meu honrado pai, deputado estadual Francisco Pereira, correligionário político e amigo fraternal do nosso ilustre homenageado. Jovem, ainda bem jovem, ouvia-o como um discípulo escutando as lições do inimitável mestre, sempre vazadas de profunda sabedoria, amadurecida experiência e dotadas de acentuada reflexão crítica e observadora dos fatos, das pessoas e da própria vida, aspecto este da sua personalidade que poderá apresentar-se aos olhos de muitos como contraditório ao seu temperamento irrequieto e agitado. A verdade, porém, é que o ângulo civilizatório da pessoa de Ernani Satyro podava naturalmente a

linha de rompantes e reações inopinadas quando nas grandes ocasiões, presentes simplesmente amigos ou corregionários, fosse em recinto fechado ou aberto. Era, um homem de índole sertaneja, franco mas leal, brioso e forte, dosando as suas ações com o polvilho do seu humor original, embora educado e cavalheiro em pleno arrebatamento do diálogo pessoal, dos debates político-partidários e da discussão acadêmica.

Por tudo isso, sempre vislumbrei aquele ar professoral na sua fala. O tom de quem sabe mais. A presença de quem vem disposto a convencer. A certeza de quem tem e pode alardear inteligência, brilhantismo e saber. Os que se postavam a seu lado, obviamente o aplaudiam e se entusiasmavam. Os adversários, certamente, no fôlego da contraposição verbal, apesar de antagônicos no conflito, raramente deixavam de reconhecer, principalmente, o predicado da coerência, que revelava em todos os instantes. A postura de Ernani Satyro era uma só, em qualquer lugar e em quaisquer circunstâncias. Na política, então, dificilmente faziam-no mudar de ideologia. Ao contrário, como disse com propriedade o luminoso Alcides Carneiro: "Era um destruidor de ideologias mas nunca de idéias". Vê-se, por aí, a dimensão do homem que homenageamos.

Concedo o aparte ao nobre companheiro Bonifácio de Andrada.

O Sr. Bonifácio de Andrada — Deputado Adauto Pereira, o discurso de V. Exª foi tomado de grande emoção. Sou testemunha do afeto e amizade recíprocas que havia entre V. Exª e o nosso saudoso Ernani Satyro. Por várias vezes ouvi palavras cheias de afetividade com que se referiu ao companheiro de partido nas lutas da gloriosa Paraíba. Tive a honra, cheio de emoção, de homenagear Ernani Satyro, quando, no saguão desta Casa, já prestes a ser sepultado, foi homenageado, como bem lembrou o Presidente Ulysses Guimarães, pelos seus colegas, oportunidade em que afirmamos aqui algumas palavras de homenagem e saudade ao grande homem público. Ernani Satyro era de fato uma figura singular, que trazia consigo marcas relevantes de afirmação e sobretudo de devotamento às causas às quais dedicava o seu entusiasmo, a sua inteligência, a sua cultura, a sua experiência e a sua liderança. Não preciso repetir aqui o que vários oradores já disseram com muito brilhantismo sobre sua magnífica carreira na vida pública da Paraíba e deste País. Mas me cumpre testemunhar a grandeza do seu coração, amigo não só dos seus correligionários, como também dos seus inimigos e adversários, que sabia admirar ainda mais. Como literato e extraordinário poeta, seus versos ainda hoje nos alcançam o coração, em magníficos dizeres, extraordinários conceitos e, sobretudo, tomados de grande percepção da realidade emocional, que ele sabia viver. Há pouco ouvimos algumas de suas poesias. Ernani Satyro, onde quer que estivesse, era presença muito viva a encorajar os mais jovens a reafirmarem sua atitude e seu comportamento. Como deputado e presidente da UDN, lembro-me dele, porque era um jovem udenista nos fins da década

de 40, no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, e na tribuna parlamentar de então, quando esta Casa acolhia personalidades tão ilustres da vida pública brasileira, onde seu comparecimento nas lides políticas era, já então, de grande esplendor.

Permanece viva sua lembrança, no instante em que, representando esta Casa, fez um discurso junto à sepultura de meu pai, seu amigo, José Bonifácio. Deixo aqui, portanto, minha saudade nesta homenagem que prestamos à sua memória, sobretudo a duradoura admiração pelo homem público que soube honrar sua terra, seu povo, este país e soube elevar esta Casa.

O SR. ADAUTO PEREIRA — Incorporo ao meu pronunciamento o brilhante aparte do companheiro Bonifácio de Andrada.

Com tantos e tão riquíssimos dotes, a sua escalada na vida pública foi vitória de alpinista. E essa arrancada sem derrotas começou pelos idos de 1934, quando, ainda jovem de pouco mais de vinte anos, passou a pontificar como legislador constituinte daquela fase renovadora dos costumes políticos do Brasil. Daí a chegar à cumeeira do quanto ascendeu foi uma sucessão interminável de êxitos. Galgou, à custa dos méritos pessoais, os patamares dos Três Poderes. Se no Executivo demonstrou ser uma vocação impenitente para o administrador de escol, se no Judiciário soube julgar fria e eqüidistantemente por puro amor à verdade processual, no Legislativo, entretanto, foi onde manifestou o seu verdadeiro pendor, contribuindo decididamente para a feitura de leis sábias e humanas com emissão de pareceres que redobram em fortuna a riqueza dos nossos arquivos parlamentares. Casado com D. Antonieta Satyro, sua companheira e inspiradora, de quem teve três filhos: Bertholdo, Silêde e Gleide, o saudoso Ernani Satyro foi também um chefe de família exemplar.

No instante, pois, em que esta honrada Casa legislativa tece autêntico culto à memória desse grande paraibano, sinto-me plenamente reconfortado e — por que não afirmar? — altamente dignificado, em proferir estas pálidas palavras com a convicção de que esta homenagem ao grande amigo Ernani Satyro representa um símbolo de justiça às mais caras tradições da Paraíba e o mais justo respeito a um homem público que, ao se elevar no cenário nacional, elevou gloriosamente a sua terra natal.

Muito obrigado.

Durante o discurso do Sr. Adolfo Oliveira, o Sr. Heráclito Fortes, 3º-Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Moysés Pimentel, artigo 76 do Regimento Interno.

O SR. ADOLFO OLIVEIRA (PL — RJ.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, venho a esta tribuna cumprir um dever de justiça e de saudade e falar em nome de um partido jovem, de um partido novo que, praticamente, Ernani Satyro sequer chegou a conhecer. E peço licença à Casa para uma última e emocionada palavra como líder da UDN, partido que Ernani Satyro amou até o fim, com aquela qualidade de caráter e de vida que sempre constituíram um traço marcante. Sua voz tonitruante jamais conseguiu esconder o coração generoso e uma doce intransigência que sempre marcou suas numerosíssimas participações na história política deste país. Ao seu lado, como companheiro de partido, apesar de muitas vezes assumirmos posições diferentes, sempre nos estimamos, e muito aprendi com ele.

Disse, Sr. Presidente, que por última vez voltaria a falar como líder da UDN, partido que marcou época neste país, que teve em Ernani Satyro seu último presidente. Tenho absoluta e tranqüila certeza ao afirmar que nem ele, nem seu líder na Câmara, este modesto orador que lhes fala, jamais nos conformamos com a extinção do nosso partido, sobretudo da forma como foi decretada e imposta. Mercê de seu temperamento magnânimo e superior, Ernani Satyro seguiu o caminho da grande maioria dos nossos companheiros e foi um dos fundadores e pró-homens da Arena. Eu, não me conformando, fui formar o MDB, ao lado de tantos outros.

Ocupo esta tribuna hoje para dizer, agora, a palavra que talvez não me foi permitido dizer naquela manhã tenebrosa, que marcou o fim de todos os partidos políticos, o fim da experiência real, do congraçamento e da autenticidade das representações partidárias. Pronuncio, agora, palavras da maior ternura, da maior emoção neste preito a um grande companheiro, a um grande homem público, que não apenas projetou sua querida e encantadora Paraíba, mas soube projetar todo o Nordeste e todo o Brasil. Respeito o mais profundo todos nós sempre devotamos ao caráter íntegro e reto daquele que foi sempre um paradigma, um modelo de virtude cívica, que tinha a grandeza de divergir, mas democraticamente. Segundos após — como bem lembrava nosso Presidente Ulysses Guimarães — era aquela figura extraordinária de homem de bem, suave, amigo com "A" maiúsculo.

Ouço o Deputado Aluízio Campos.

O Sr. Aluízio Campos — Embora o Deputado Edivaldo Motta tenha representado o PMDB nesta homenagem prestada ao ex-deputado Ernani

Satyro, devo manifestar, em nome da Liderança do nosso partido, a nossa total solidariedade, porque o Deputado Ernani Satyro, como acaba de manifestar V. Exª, se revelou, ao longo da sua vida pública, um homem fiel às suas posições, corajoso na defesa do que assumia politicamente. Apesar da sua longa vida pública, morreu indene às acusações que pudessem comprometer a sua personalidade. Falo a respeito do homenageado por vários motivos, principalmente porque começamos juntos a nossa carreira política na Assembléia Constituinte Estadual da Paraíba, em 1935, depois de havermos cursado, também juntos, o curso primário no Colégio Diocesano Pio X e a Faculdade de Direito do Recife. É com particular satisfação que não só me associo como agradeço as palavras a V. Exª, líder do Partido Liberal, e aos demais companheiros que aqui se pronunciaram em nome da liderança do PMDB.

O SR. ADOLFO OLIVEIRA — Obrigado a V. Exª

Vou concluir. Gostaria de deixar aqui assinaladas palavras de muita saúde, mas também de muita fé, porque um Estado da Federação que foi capaz de produzir um homem público como Ernani Satyro é um grande Estado. Merece a sua representação nesta Casa e nossas homenagens pela elevação e pelo teor de sua contribuição permanente à vida deste país.

São esses os modestos conceitos que não oferecem a exata dimensão de grande figura que desapareceu há relativamente pouco tempo do nosso convívio, mas que guardamos conosco para todo o sempre.

Era o que tinha a dizer. (O orador é cumprimentado.)

O SR. ADHEMAR DE BARROS FILHO (PDT — SP) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, o Partido Democrático Trabalhista se associa às homenagens que esta Casa presta à memória do ex-parlamentar Ernani Sàtyro, um dos mais corajosos, brilhantes e combativos deputados que já passaram pelo Parlamento brasileiro.

Temos a convicção de estar homenageando um homem público de que o trabalhismo brasileiro divergiu nos últimos quarenta anos, mas temos a certeza de que estas divergências sempre estiveram no plano das idéias, no oferecimento de soluções para os problemas brasileiros.

Desde o início de sua atividade política, em 1934, como deputado estadual constituinte, Ernani Satyro deu mostras de uma inexcedível coerência política, jamais temendo defender seus pontos de vista, ainda que impopulares por motivos subalternos, demagógicos ou oportunistas. Não se pode falar da histórica política contemporânea sem lembrar a figura corajosa deste nordestino, que jamais transigiu com os princípios que informaram sua vida pública.

Era um conservador, mas um conservador que acreditava na vida parlamentar como o único meio de encaminhar as soluções para os graves problemas enfrentados pelo Brasil.

A trajetória política do Deputado Ernani Satyro constitui um exemplo de rara coerência política e pessoal. Coerência política de que tanto se ressente a vida pública brasileira.

Fundador da UDN e membro do seu Diretório Nacional, Ernani Satyro participou dos mais dramáticos episódios que culminaram com a Revolução de 1964, da qual era intransigente defensor.

Logo após o golpe militar que depôs o Presidente João Goulart, Ernani Satyro fundou e presidiu, nesta Casa, o Bloco Parlamentar Revolucionário, que tinha como objetivo dar sustentação política aos governos militares.

Em seguida, tornou-se líder do governo e da Arena, onde sua atuação política foi marcada pela mesma coerência.

Em 1969, numa pausa em suas atividades parlamentares, Ernani Satyro foi ministro do Superior Tribunal Militar, onde teve atuação brilhante, contribuindo para que aquele Tribunal, em muitos casos, se transformasse na única esperança de quantos sofreram perseguições, prisões ilegais e violências sob a égide do Ato Institucional nº 5.

Tal qual outros udenistas históricos, como Aliomar Baleeiro e Adauto Lúcio Cardoso, o conservador Ernani Satyro se transformou num liberal quando assumiu a toga de ministro do Superior Tribunal Militar. Naquele instante, sua formação de advogado e jurista se impôs sobre as concepções do político conservador.

Senhor Presidente, Srs. Deputados, neste momento em que homenageamos o ex-parlamentar Ernani Satyro, é bom não esquecer que ele foi o relator de todas as emendas constitucionais para o restabelecimento das eleições diretas, no período de 1983—1984.

Por coerência e por convicção, o Deputado Ernani Satyro sempre foi contra as eleições diretas. Hoje, quando muitos dos que ontem defendiam as eleições diretas se curvam ante as pressões ou seduções do Poder Executivo, é bom lembrar o exemplo de Ernani Satyro, que jamais agiu movido por interesses fisiológicos ou subalternos. Ernani Satyro sempre combateu as diretas por coerência, jamais por interesses fisiológicos ou mesquinhos, e nisso está a sua grandeza e a importância de seu exemplo, nesta melancólica quadra da vida brasileira, onde a falta de coerência, de seriedade e de respeito aos compromissos se tornou a marca registrada.

Trazemos nossa homenagem à memória do parlamentar de quem sempre divergimos, mas cuja coerência e dignidade sempre admiramos e respeitamos. Se o Brasil tivesse outros homens públicos dotados desta seriedade e desta coerência talvez não estivéssemos assistindo, hoje, ao melancólico espetáculo dos que se curvam às pressões do Executivo e aceitam, sem protesto as tentativas do Presidente José Sarney de intervir e coagir a livre deliberação desta Assembléia Nacional Constituinte.

Durante o dircurso do Sr. Adhemar de Barros Filho, o Sr. Moysés Pimentel, artigo 76 do Regimento Interno, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Heráclito Fortes, 3º-Secretário.

O SR. PRESIDENTE *(Heráclito Fortes)* — Figura inconfundível do homem público ilustre, atuante e combativo, pugnaz e humano, que a Paraíba nos legou, Ernani Satyro será sempre lembrado como exemplo do político íntegro e autêntico, capaz de empenhar-se por inteiro nas causas que acreditava justas.

Seu timbre de voz, profundo e sonoro, fazia-o notado em qualquer ambiente. Mas era pelas idéias, pela grandiloqüência, pela irrestível compulsão de participar intensamente de tudo quanto o destino lhe atribuía, que ele se projetava em sua dimensão maior e crescia na admiração de seus concidadãos.

Fora do Parlamento, não foi outra a imagem que construiu. Desde os tempos da juventude, militou na imprensa, no Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, que presidiu, e na política partidária, elegendo-se para a Assembléia Estadual e mais tarde para a Câmara dos Deputados por oito termos sucessivos.

Exerceu a advogacia, administrou fazendas no sertão nordestino, foi chefe de polícia e prefeito de João Pessoa e, anos depois, governador do Estado.

Tanto no Legislativo quanto no Executivo, bem como em breve interregno no Superior Tribunal Militar, Ernani teve atuação brilhante, liderando sempre, pois, conforme ele próprio afirmava, não sabia ser simplesmente testemunha passiva. Costumava dizer que tinha o hábito de olhar as estrelas com os pés no chão.

Neste preito ao "Amigo Velho", como era conhecido o intimorato combatente, o melhor tributo que se poderá prestar-lhe é tomar, por empréstimo, algumas de suas palavras:

> "...Eu já entardeci.
>
> Não queiram que anoiteça antes do tempo, porque não anoitecerei. O tempo que Deus me conferiu, com sua misericórdia, procurarei consolidar com meu trabalho e esse tempo eu o cumprirei."

E soube cumpri-lo realmente, no melhor estilo e da única maneira que sabia e queria, isto é, por inteiro e apaixonadamente. Todos nós que com eles convivemos — e até às vezes terçamos armas no terreno das idéias e das posições políticas —, reconhecemos mais essa virtude do nosso saudoso colega.

Lembramos o seu exemplo de vigor e autenticidade, prestamos nossa homenagem pessoal, e em nome da presidência da Câmara, a esse lídimo e sempre lembrado representante do povo brasileiro.

O SR. PRESIDENTE *(Heráclito Fortes)* — Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a sessão.